

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA – CEFT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Ezoil Paniagua Benites

A COLONIA MENONITA EM CURUGUATY NO PARAGUAY
A persistência étnica e religiosa dos Menonitas

**SÃO PAULO - SP
2017**

EZOIL PANIAGUA BENITES

A COLONIA MENONITA EM CURUGUATY NO PARAGUAY
A persistência étnica e religiosa dos Menonitas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana
Mackenzie para a obtenção do título de Mestre em Ci-
ências da Religião

Orientador: Prof^o Dr^o João Baptista Borges Pereira

SÃO PAULO - SP
2017

EZOIL PANIAGUA BENITES

A COLONIA MENONITA EM CURUGUATY NO PARAGUAY

A persistência étnica e religiosa dos Menonitas

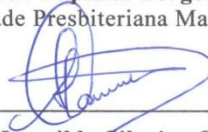
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião

Aprovado em: 6 / 02 / 2017

BANCA EXAMINADORA



Profº Drº João Baptista Borges Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Profº Drº Leonildo Silveira Campos
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof Drº Valdinei Aparecido Ferreira
USP – Universidade de São Paulo

B467c Benites, Ezoil Paniagua

A Colônia Menonita em Curuguaty no Paraguay: a
persistência étnica e religiosa dos menonitas / Ezoil
Paniagua Benites – 2017.

143 f.: il.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

Orientador: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Bibliografia: f. 128 -134

1. Etnicidade 2. Menonita 3. Persistência 4. Religião I. Título

LC BV2545

DEDICATÓRIA

Dedico a Elaine, esposa amada e admirável e aos meus filhos Jônathas e Pedro, frutos do nosso amor.

Aos meus pais Eloir e Asturio,

Aos meus irmãos, Sul-matogrossenses.

E a todos àqueles que conseguem identificar as fronteiras étnicas e religiosas.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, Filho e Espírito Santo, aquele que conhece o que lhes pertence.

Ao meu orientador Profº Drº João Baptista Borges Pereira, exemplo de alteridade e modelo de mestre, com seu olhar aguçado e senso de mansidão.

Aos preclaros colegas, Arnald, José Walter e Tolentino; amigos que são mais chegados que irmãos.

A Igreja Presbiteriana do Jardim Bandeirantes na cidade de São Roque SP, pela gentileza e compreensão concedendo-me tempo para os estudos.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, pela Bolsa de Estudo Integral, bem como com sua permanente preocupação e investimento acadêmicos, preparando seus ministros para uma nova realidade.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie pelo patrocínio total na pesquisa de campo e sua visão de amplitude sobre os estudos do protestantismo além da fronteira brasileira.

A banca examinadora composta, além do meu orientador Profº Drº João Baptista pelos doutores Leonildo Silveira Campos e Valdinei Aparecido Ferreira

Ao Bispo Juan Wall e ao Conselho episcopal, bem como aos professores Fredreich Wall e Cornelius Jünter, da Colônia Nova Durango, pela preciosa contribuição e atenção nas entrevistas.

Ao Cristian Bernal Guarrido, jovem e amigo paraguaio, que me hospedou, serviu como guia durante a pesquisa de campo na Colônia Nova Durango, Curuguaty Paraguai e, sobretudo no auxílio a compreensão das nuances da cultura guarani pelos olhos de um nativo.

A todos os doutores que, pacientemente, mostraram o caminho das pedras; em especial à Drª Suzana Coutinho, que com seu “massacre”, fez entender que nenhum conhecimento poderá um dia chegar por mero acaso, ao Drº Ricardo Bitun, sempre bem-humorado, levava às asas da imaginação, somente para depois trazer ao mundo real; Ao Drº Hermisten, sempre atencioso e disposto ao diálogo, à Drª Lídice Ribeiro, que impôs o rigor metodológico com profunda sabedoria e exigência crítica, ao Drº Maspoli, pelo sorriso e saber sem fim, ao Drº Gutierrez, com uma estatura intelectual primorosa, ao Drº Leonildo, que alia a humildade com intelectualidade, sem perder os dias de humildes começos.

Por fim, agradeço ao Rev.M.e. Manoel, meu sempre tutor pela leitura do texto, à Drª Valdecira na primeira leitura e sugestões de correção e Flavia M. Cruz pelo auxílio e agilidade em levantar algumas perguntas na tentativa de melhorar a redação final.

“A Tarefa não é tanto ver o que ninguém viu ainda, mas pensar o que ninguém pensou, sobre algo que todos veem” (Arthur Schopenhauer – Filósofo Alemão).

BENITES, Ezoil Paniagua. **A Colônia Menonita em Curuguaty no Paraguay: “a persistência étnica e religiosa dos menonitas.”** Universidade Presbiteriana Mackenzie Dissertação Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa se insere no campo das Ciências da Religião fazendo uso de teorias antropológicas e procura compreender como um grupo de protestantes oriundo da Reforma religiosa do século XVI, os Menonitas, ainda mantém suas características praticamente inalteradas, mesmo tendo se passado cerca de 500 anos. Os Menonitas residentes nas muitas colônias paraguaias (até mesmo os residentes em colônias no Brasil) ainda são um grupo desconhecido pelo público brasileiro. O objetivo principal desta pesquisa é buscar uma compreensão de como a persistência étnica desse grupo persiste, quais são os fatores que corroboram para que continuem dentro das mesmas formas de ser e existir, de maneira que colônia se mantém isolada do mundo tanto geográfica quanto existencialmente. A metodologia usada foi uma pesquisa bibliográfica para estabelecer as características que constituem e formata o grupo dentro do período denominado de Reforma Protestante do século XVI em diante e num segundo momento foi realizada uma pesquisa de campo, para em diálogo com os menonitas procurando identificar os laços de continuidade com o passado. Esta pesquisa demonstra que os Menonitas estudados continuam com os laços do passado vigentes e inalterados. E mesmo tendo a prerrogativa assegurada pela lei 514 de 1933, que lhes garante a liberdade para o uso do idioma alemão como a língua oficial entre eles e possuem o seu próprio governo dentro da colônia a persistência acontece, sobretudo porque a fronteira étnica está muito bem estabelecida no que tange o “eu diante do outro” assim sendo sempre estarão ligados mais ao passado do que ao presente.

PALAVRAS CHAVES: Etnicidade. Menonita. Persistência. Fronteira.

BENITES, Ezoil Paniagua. **The Mennonite Colony in Curuguaty, Paraguay:** “The ethnic and religious persistence of the Mennonites.” Presbyterian University Mackenzie. Master dissertation in Science of Religion. São Paulo, 2017.

ABSTRACT

The present research is part of an anthropologist study aiming to understand how a Protestant group, arising from the Religious Reform of XVI century, the Mennonites, still keeping their behavior almost unchanged; even after around 500 years past. The Mennonites living in many Paraguayan colonies (even the ones who living in Brazilian colonies) still being a very unknown group for the Brazilian people. The main aim of this research is to understand how this ethnic group persists, what are the factors that help them to remain living in the same way of life, isolated from the world both geographically and existentially. The methodology used firstly, was a bibliographic research to establish the characteristics that build and format the group in the period named Protestant Reformation of sixteenth century; and secondly a field research, aiming to analyze the ties that are related to the past. This research shows that the Mennonites still keeping their relation with the past unchanged. Although they have the right of use the Germany language as an official idiom guaranteed by the law 514 of 1933; and they have their own government inside the colony; the persistence occurs mainly because the ethnic border is very well established.

KEYWORDS: Ethnicity. Mennonite. Persistence. Religion.

LISTA DE ANEXOS:

Figura nº 001 | Preâmbulo de Lei nº 514

ORGANOGRAMAS

Figura nº 002 | Organograma: distanciamento dos menonitas

Figura nº 003 | Organograma da administração da Colônia

MAPAS

Figura nº 004 | Mapa da Colônia

Figura nº 005 | Mapa da localização da Colônia

FOTOGRAFIAS

Figura nº 006 | Foto com o Conselho da Colônia

Figura nº 007 | Modelos de residências

Figura nº 008 | Família Menonita

Figura nº 009 | Meio de transporte na colônia

Figura nº 010 | Escola Menonita

Figura nº 011 | Recreio na Escola Menonita

Figura nº 012 | crianças menonitas.

Figura nº 013 | Primeira Igreja Menonita da Colônia

Figura nº 014 | Cemitério

Figura nº 015 | Traços da modernidade

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	6
RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ANEXOS:	10
INTRODUÇÃO	13
1. CONCEITUAÇÃO HISTÓRICA DAS COLÔNIAS ETNICARRELIGIOSAS E OS ANTECEDENTES MENONITAS.	22
1.1. A Reforma e os Reformadores.	23
1.2. Os Reformadores da Reforma: os anabatistas.	26
1.3. A Reforma nos Países Baixos.	28
1.4. Os Anabatistas: Reforma ou restauração.	29
1.5. A entrada e permanência de Menno Simons no Anabatismo.	32
1.6. A formulação de uma mentalidade.	40
1.7. Os Amishs: breve histórico	42
2. DA ORIGEM DAS COLÔNIAS À NECESSIDADE DA PROCURA POR UM DESTINO: A MIGRAÇÃO COMO EVENTO HISTÓRICO.	45
2.1. Os Anabatistas: a origem das Colônias.	45
2.2. Da compreensão à migração Menonita.	61
2.3. Os Menonitas na Rússia: sonhos e desalentos.	63
2.4. A migração dos Menonitas para as Américas.	70
2.5. A Colônia Menonita em Nova Durango no Paraguai.	75
3. A COLÔNIA EM CURUGUATY: ESTRUTURA ÉTNICA E RELIGIOSA. ...	88
3.1. Pesquisa de campo e seus desdobramentos	97
A Família.	101
A Escola	105
A Igreja	109
3.1. A Herança Histórica Teológica	110
Sacramentos.....	111
O culto	112
Evangelização	113
Expectativa do Milênio.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
FONTES BIBLIOGRÁFICAS ELETRÔNICAS.....	134

ANEXOS	135
PREÂMBULO DA LEI Nº 514.....	135
ORGANOGRAMA.....	136
MAPAS.....	137
FOTOGRAFIAS	138

INTRODUÇÃO

A presente dissertação no campo das Ciências da Religião analisa a Colônia dos Menonitas Nova Durango, localizada no município de Kuruguaty no Paraguai, como grupo etnorreligioso, bem como averigua como se constituiu em um grupo étnico e quais são as fórmulas usadas para manterem sua identidade praticamente inalterada nestes mais de 490 anos, isto é, desde a sua origem no período da Reforma no século XVI. Portanto, o objetivo geral é buscar respostas à questão da persistência étnica e religiosa desse histórico grupo Protestante, que atualmente está espalhado por praticamente todos os continentes; sempre sendo reconhecidos pelas exigências que lhes garanta a continuidade de sua identidade etnorreligiosas.

Geertz (2008, p. 65), argumenta que, para os estudos do campo religioso, sempre são usados os mesmos referenciais teóricos pré-definidos pela academia, e que qualquer trabalho segue a abordagem de uma ou duas figuras transcendentais, com apenas poucas correções marginais exigidas pela tendência natural ao excesso das mentes seminiais, ou em virtude da expansão do montante da documentação religiosa, o que resulta em praticamente quase ninguém pensar em procurar ideias analíticas em outro lugar – na filosofia, na história, no direito, na literatura ou em ciências mais exatas.

Seria este o caso se forem utilizadas apenas as concepções de Anthony D. Smith (1981), Fredrik Barth (1998) ou ainda Roberto Cardoso de Oliveira (2006)? Sendo esta uma pesquisa das Ciências da Religião, ela se utilizará das concepções da antropologia social, devendo, portanto, seguir os referenciais que atuam especificamente nessa área e possuem autoridade definida. O que pode ser feito é introduzir pesquisadores de outras áreas que possam contribuir na tentativa de revelar novos traços dentro da proposta de pesquisa, sobretudo porque as Ciências da Religião se utilizam de diversos outros campos de pesquisa.

Fredrik Barth (1998) é um dos pioneiros no estudo dos grupos étnicos e, por isso, ainda é um dos autores mais citados pelos antropólogos. Em sua conhecida introdução ao estudo dos *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* (1998), Barth procurou compreender quais são fatores que precisam ser identificados para que possamos

aceitar como étnico um determinado grupo. Ele evoca que o fator determinante para estabelecer um grupo étnico é a característica de auto-atribuição e de atribuição por outros a uma categoria étnica (BARTH, 1998, p.193). A presente pesquisa partiu da aceitação prévia de que seu objeto de estudo se constitui em um grupo que se adéqua à categoria barthiniana, em que os menonitas da colônia pesquisada se auto-atribuem e lhes auto-atribuído como um grupo étnico.

Sendo assim, urge levantar o questionamento sobre como surgiu esse grupo étnico? Pretende-se, com isto, analisar na essência¹ o surgimento dos Menonitas com o advento do movimento Anabatista no auge da Reforma Protestante do Século XVI. Se, por um lado, esta pode ser uma pergunta de fácil resposta quando usadas as já consagradas definições da antropologia, por outro, adentrar na essência (elementos) que constituíram o movimento Menonita, que não é o mesmo movimento Anabatista a não ser que os anabatistas tenham se transformados exclusivamente em menonitas, pode apresentar um grande abismo.

Não se sabe exatamente o momento em que os seguidores de Menno Simons começaram a se identificar como Menonitas, ainda que no norte da Alemanha, e nos Países Baixos, os Anabatistas ficaram conhecidos como tais por causa de seu líder e porque a condessa Anna, de East Frislândia, na Alemanha, usou o termo “*mennisten*” em seu edital emitido em 1545, que exigia que os seguidores de Menno Simons passassem por uma avaliação ou deixassem o país (JACKSON, 2012, p.12).

Compreender esse afunilamento acerca de quem era ou não Menonita, e como chegaram a sê-lo, é necessário para entendermos a sua natureza étnica, caso seja possível, e, neste sentido Barth (1998, p. 189-190), observa que um grupo étnico possui quatro pontos definidores, quais sejam: “1) perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2) compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, 3) constitui um campo de comunicação e de interação, 4) possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por

¹ No sentido de estudar sua evolução, constituição, aspectos comportamentais, a forma com que se relacionam entre indivíduos da mesma nacionalidade e de outras diferentes, a interação entre eles e o ambiente em que estavam inseridos inicialmente, como funcionam seus organismos religiosos e administrativos, dentre diversos outros aspectos.

outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo”.

Uma vez optado pela definição sobre o que significa um grupo étnico, neste caso resumidamente “o eu em relação aos outros”, latente na atualidade da colônia, a tarefa que esta pesquisa empreende é pela compreensão sobre sua persistência. O que faz com que esse grupo menonita persista na sua identidade por tanto tempo? Haveria nas quatro definições de Barth um fator que conecta os atuais menonitas com aqueles dos idos da Reforma Protestante que aderiram à mensagem de Menno Simons? Por ser necessário fazer uma opção metodológica a fim de verificar qual é o elo que continua contribuindo para a persistência, a escolha foi pelo item 2, porque eles compartilham valores culturais que são fundamentais e que são realizados em patente unidade nas formas culturais que praticam atualmente. Justifica-se essa opção porque os menonitas pesquisados são categóricos em afirmar que eles possuem uma herança cultural e que a guardam em sua forma mais pura.

Essa moldura teórica é importante para que possamos descrever porque os menonitas devem ser vistos como um grupo étnico e por qual motivo a opção vivencial deles é pela cultura que migra com eles; e, mais do que isso, na maioria das vezes é exatamente a sua cultura que exige a migração.

Tomando como ponto de partida a definição de Barth, devemos procurar entender, primeiramente, a própria citação acima, que deseja definir o processo de constituição dos grupos étnicos e a natureza de suas fronteiras. Para Barth, existe um processo que se desencadeia na formação de um grupo denominado étnico, isto é, um grupo étnico tem uma origem, e deve-se procurar conhecer essa origem para somente depois disso designá-lo como tal (1998, p. 189-190), destacando, em primeiro lugar, o fato de que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; conseqüentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas, ou seja, por aqueles que pertencem ao grupo. Barth também não está interessado em desenvolver uma compreensão mais profunda sobre os fatores constituintes do grupo, mas em desenvolver a questão das fronteiras dos grupos étnicos; em outras palavras, ele quer compreender até

onde um grupo étnico se mantém fidedigno à sua identidade. Este é o ponto: como os menonitas se mantêm (persistem) dentro de suas fronteiras étnica e religiosa.

Barth é um antropólogo canonizado pela academia, mas, seguindo o conselho de Geertz (2008), nesta pesquisa buscamos fazer uso da proposta que Shlomo Sand apresenta em seu livro *A Invenção do Povo Judeu* (2011,) fazendo uma análise de como a consciência de um grupo que se identifica como étnico surge e como ela passa a ser sagrada. Sendo assim, Sand será recorrente nesta pesquisa, pois poderá ser que, ao chegarmos ao final dessa dissertação, concluamos que a etnicidade dos Menonitas da Colônia de Curuguaty seja apenas uma construção idealizada, para poderem historicamente não se envolver com os problemas políticos e sociais que os países hospedeiros possuem, pois eles geralmente enfrentam resistências nos países onde vivem em dois sentidos: primeiro, quando são levados a abrirem suas escolas para o ensino público da língua nativa, e, segundo, quando são obrigados a partilhar de compromissos cívicos. Tão logo isso acontece, eles buscam por nações onde não seja exigido esse tipo de envolvimento com o *locus*.

Será analisada como os menonitas fazem uso da religião, como se esta fosse a sua identidade étnica. Por exemplo, se alguém perguntar: o que são afinal esses colonos? A resposta seria: Menonitas! Como se menonita designasse uma categoria de identidade étnica e não uma denominação eclesiástica, ou uma expressão religiosa como o luteranismo e calvinismo. Neste caso, ninguém nasce um ou outro, mas, no caso dos Menonitas, sim. No Luteranismo e no calvinismo, as pessoas aderem; no menonitismo, nascem.

Ao chegarem e comprarem suas glebas de terra no Paraguai, se identificaram como Menonitas; no entanto, quanto o viver em território paraguaio, vivem como alemães protegidos pela lei nº 514 de 1933, conforme pode ser observado no preâmbulo da mesma: “direitos e privilégios e concessões aos membros da comunidade menonita [...]”² (ver anexo nº 001 Preâmbulo da lei nº 514) .Por isso, será necessário fazer uso da teoria identitária e, neste sentido (Cardoso de Oliveira, (2007), suas nuances contribuirão para clarificar a compreensão sobre essa simbio-

² “Derechos e privilegios y concesiones a los miembros de la comunidad menonita [...]” (tradução minha)

se entre identidade étnica e religiosa dos Menonitas. Dado que existe essa troca de elementos entre religião e etnicidade, desvela-se que ser Menonita é pertencer e ou possuir uma nacionalidade.

O fio que costura o tempo de ontem com o hoje, para eles, é a crença de que são os únicos homens de fé que restaram da Reforma; e viver distante da modernidade, ou conseguir viver a mesma fé dos antepassados dentro da modernidade, é possuir a identidade da verdadeira fé que foi ensinada por Menno Simons. Para eles, Menno não ensinou somente sobre a vida cristã, mas sobretudo ensinou o afastamento do mundo. Nova Durango é capaz de imprimir um desvelamento do que significa a identidade étnica e religiosa dos Menonitas em sua essência?

Esta dissertação contou com métodos mistos (Creswell, 2007), aliando método qualitativo, quantitativo e misto, com um procedimento de pesquisa bibliográfica, empírica e participativa de modo que não somente o pesquisando reinterpreta os dados que colheu no campo, mas onde o objeto pesquisado (colonos) possa propor aquilo que eles compreendem sobre si mesmo e em um diálogo plurimetodológico (Gianotten & Wit, 1991). Contou, ainda, com registro fotográfico e construção de organograma que revelam o funcionamento de toda a estrutura da vida como ela é no interior da Colônia.

Ainda que a colônia objeto da pesquisa não possua escribas que catalogam sua história e, por isso, não existem livros, atas, jornais entre outros meios para registrá-la, impôs-se desse modo a necessidade de aceitarmos que muita informação vieram das memórias dos migrantes. Sendo assim, neste aspecto Jacques LeGoff auxiliou com suas proposições quanto à memória e a história, especialmente em sua obra *História e Memória* (1990), no que diz respeito à memória preceder a história e a valoração daquela. Na idade Média os velhos eram venerados e chamados de homens memórias. Vale ressaltar Greschat, que afirma que as fontes mais seguras sempre são os seres humanos (2005, p.36).

Como dito em parágrafo anterior, sendo a identidade congelada no tempo e sua paisagem é do passado, no sentido de que a modernidade ainda não se avizinhou dela, pelo menos em termo de abertura ao espírito do nosso tempo, existindo

uma resistência ao novo para a abertura às novas áreas do saber que se impõe ao mundo além de sua fronteira, isto significa que os Menonitas, como Protestantes, negam o espírito protestante que caminha alinhado com a modernidade, mesmo que nenhum tipo de protestantismo seja moderno ou antimoderno (FERREIRA, 2008).

Dentro dessa moldura congelada e da premissa antropológica de que o imigrante mais cedo ou mais tarde passará por um processo de transformação e assimilação de novos caracteres vigentes no *locus* (LUVIZOTTO, 2009, p.33), é importante dizer que este suposto congelamento não acontece apenas na aparência da vida diária, no sentido visual, tais como: casa, meio de transportes, vestuários, entre outros que são reproduzidos e mesmo existindo traços de modernidade (equipamentos agrícolas e tecnologia na área de laticínios) ou assimilação de alguns aspectos da cultura paraguaia (tereré³ e o idioma), não significa dizer que existe um abandono do pensamento (mentalidade) relacionado às novas acomodações na identidade étnica e religiosa, pois não existe a injeção de fatores que os modifique por completo e, neste ponto, a ressalva apresentada por Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p.156-157) que afirmam que a manutenção das fronteiras entre os grupos étnicos não depende da permanência de suas culturas. Dando voz à essa premissa, significa que “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distintivo” (p.156).

Adequação não significa transformação (BARTH, 1998). Acontece aquilo que Cardoso de Oliveira (2006) definiu como fricção interétnica, ou seja, o entendimento geral sobre o que se pretende com essa nomenclatura “fricção interétnica” seria o atrito ocorrido entre as etnias diferentes e/ou culturas diferentes, onde existe o ocasionando e/ou a apropriação de práticas do outro, conflitos e junções ora negativos ora positivos, e até mesmo a ocorrência de conflitos de identidade étnica; sendo assim, traços culturais funcionam como em simbiose de uma sociedade para outra e possuem papéis mediadores das complexas relações conflitantes entre grupos humanos que se concebem culturalmente distintos. Neste caso, é possível afir-

³ Tereré ou tererê é uma bebida típica sul-americana feita com a infusão da erva-mate em água fria de origem guarani.

mar que os Menonitas tomam tereré, mas os nativos não cantam os hinos da igreja menonita!

Isto posto, esta pesquisa se reveste de singular relevância acadêmica e pessoal. Deste modo, a relevância acadêmica sobre a colônia Menonita na cidade de Curuguaty Paraguai, país fronteiro com o Brasil, está na tentativa de procurar conhecimento fora das inúmeras pesquisas no campo da religiosidade brasileira. Ainda é importante enfatizar que as pesquisas já empreendidas por outros pesquisadores se localizam no campo da história (Torraca 2006 e Mask 2004), ciências sociais (Silva 2012), e esta pesquisa tem sua especificidade no campo das Ciências da Religião.

A lógica que esta dissertação possui é de três capítulos que procuram dialogar entre si, para que se construa uma argumentação plausível de maneira que seja possível compreender o lugar que os Menonitas ocupam dentro do Protestantismo Histórico, e como ainda se apresentam dentro de um arcabouço que lhes garante uma prática que se remonta à época em que a Reforma Protestante começou, conforme a data aceita pela convenção, qual seja, 31 de outubro de 1517. Aliás, seria mais justo dizer que a Reforma Anabatista começou pouco tempo depois, em Zurique, mais ou menos no ano de 1525, sendo qualificada como uma segunda Reforma (GEORG, 1994).

No primeiro capítulo, a proposta é identificar o movimento Anabatista dentro da Reforma, como ele nasce e onde ele desemboca; também procura encontrar em seu interior a pessoa de Menno Simons, que se torna uma figura de convergência dentro do movimento, imprimindo uma visão de organização e disciplina teológica, e que se tornou praticamente uma antítese dos ideais dos primeiros anabatistas, os quais, de alguma forma, acabaram sendo um problema para o próprio movimento, pois eram vistos como sendo hereges pelos demais reformadores.

No segundo capítulo, será feita uma análise sobre a compreensão de como os Anabatistas se transformam em Menonitas, segundo se convencionou afirmar pelos estudiosos, e o que isso significa, pois essa não é apenas uma nova nomenclatura dentro do movimento da Reforma; mais do que isso, é praticamente a cons-

tituição de um novo grupo religioso que se apresenta com características peculiares que nenhum outro possui, a exemplo dos judeus, como pode ser verificado no ensaio de Sand (2011). Se for observado melhor, ver-se-á que os Anabatistas não realizam uma Reforma dentro da Reforma; porém, a exemplo de Lutero, fazem a sua própria Reforma, que na realidade foi uma tentativa de reconstrução da verdadeira igreja deixada por Jesus, o Cristo e seus apóstolos, segundo a hermenêutica que eles possuíam naquele momento. Ainda dentro deste capítulo será tratada a questão da migração dos menonitas da Europa para as Américas, e vale ressaltar que não será um estudo exaustivo sobre o tema da migração; apenas o necessário para compreendermos como eles chegaram ao Paraguai.

No terceiro capítulo, far-se-á uma leitura da Colônia, onde a pesquisa de campo aconteceu em uma tentativa de conexão com a origem e migração dos Menonitas, o que já fora fundamentado nos capítulos anteriores. Desse modo, a análise da vida diária da colônia de Menonitas de Nova Durango, estabelecida há trinta e oito anos no município paraguaio de Kuruguaty, onde existe uma resistência à modernidade, demonstrará porque é lícito afirmar que existe uma persistência étnica e religiosa. A localização da colônia fica a 35 km do centro urbano, onde eles procuram viver na atualidade os mesmos dias em que surgiram na Europa, como uma paisagem congelada na história. Se bem que o termo modernidade, segundo Eric Voegelin, aparece com a filosofia Hegeliana e marca a primeira crise ocidental no início do século XIX (1982, p.17-18).

No que diz respeito à relevância pessoal para a escolha do objeto de estudo, entende-se que esta perpassa por duas realidades muito presentes na vida do pesquisador. Primeiro, o mesmo tem uma vasta experiência com as questões rurais, no sentido de ser filho do interior e ter passado toda a infância e boa parte da adolescência e juventude em área rural do Mato Grosso do Sul, região fronteira do Paraguai, conhecendo de forma aguçada as características do povo paraguaio, sua cultura e costumes. Segundo, devido à formação inicial em teologia. Sem contar que a questão do discurso religioso é um tema recorrente em suas atividades profissionais, tendo feito o seu TCC dentro do viés que estabelece os limites que separam o sagrado do profano, temática presente na dissertação.

Vale ainda uma palavra sobre a questão da inexistência de escribas, conforme dito acima. O que pretendemos dizer com essa afirmação se refere à construção histórica específica dessa colônia em particular, uma vez que os Menonitas contam com uma Associação na capital do Paraguai, Assunção, que possui a tarefa de cuidar dos seus interesses no país e, sobretudo, de escrever e defender as suas crenças. A veracidade dessa informação nos chega por meio de uma entrevista com a pesquisadora Mirta Mobel Escovar Torraca em abril de 2016, e constatamos em conversa com um dos professores da Colônia Fredreich Wall, que afirmou ter lido todas as obras possíveis sobre a Reforma Protestante, sobretudo as obras de Menno Simons. Heisey (2014), pesquisador Menonita, faz severas acusações sobre os desvios teológicos da igreja chamada oficial a começar por Santo Agostinho e passando por João Calvino, Ulrico Zwinglio entre outros, chegando à atualidade, sendo um apologista sempre defendendo a crença e o estilo de vida desenvolvido nas Colônias.

1. CONCEITUAÇÃO HISTÓRICA DAS COLÔNIAS ETNICARRELIGIOSAS E OS ANTECEDENTES MENONITAS.

“Todas as sociedades carregam o fardo de, sob condições concretas, criar uma ordem que atribua ao fato de sua existência um significado, em termos de metas divinas e humanas” (Eric Voegelin).

Neste primeiro capítulo, a proposta é identificar o movimento Anabatista dentro da Reforma, como ele nasce e onde ele desemboca, e também procurar encontrar em seu interior a pessoa de Menno Simons, que se torna uma figura de convergência dentro do movimento, imprimindo uma visão de organização e que deveria ser praticamente uma antítese dos ideais dos primeiros anabatistas, dos quais, de alguma forma, acabaram sendo um problema para o próprio movimento.

Portanto, para compreender o movimento menonita, é preciso entender os seus antecedentes, que derivam de dois momentos distintos. O primeiro, o surgimento dos Anabatistas de uma forma geral, que inicialmente eram discípulos de Zwínglio, na Suíça e todos os seus desdobramentos; e segundo, a Reforma nos países baixos, região onde Menno Simons empreendeu uma longa vida de proclamação de suas doutrinas. Entender o mapa conceitual dessa geografia é essencial para se visualizar a proporção que a Reforma tomou na Europa e também poder compreender a extensão da ação dos Anabatistas, que praticamente se tornou um movimento à parte da Reforma, mesmo que utilizando de vários conceitos doutrinários reformados.

Consequentemente, será possível revelar uma fotografia de qual era a realidade das nações para onde os colonos anabatistas foram aos pouco se embrenhando e, por fim, em um período da formatação das nações que aos poucos iam se tornando independentes, mas que precisavam de elementos para estabelecer suas identidades. Por exemplo, haviam grupos na região da Prússia, Rússia, Polônia, onde pelo menos três conceitos etnor-

religiosos se desvelavam. Na Prússia, o Luteranismo; na Rússia, a Igreja Ortodoxa, e na Polônia, a Igreja Católica; no meio, os colonos Anabatistas, os quais deveriam fazer uma opção, mas qual? Este assunto será retomado mais adiante.

Os Anabatistas surgiram a partir de um grupo de pessoas que, certamente, gozava de algum prestígio na Igreja Reformada, da Suíça, onde Ulrico Zwinglio (1484-1531) era responsável. E, como aproximação teórica, foi um grupo que surge com um pé dentro do pensamento original da Reforma e outro fora, porque optaram por uma hermenêutica pessoal, sob os temas que os levaram a saírem, se constituindo nos filhos pródigos da Reforma. Mais adiante será falado mais sobre essa espécie de saída.

1.1. A Reforma e os Reformadores.⁴

Antes de Martinho Lutero (1483-1546) iniciar os debates sobre uma possível Reforma da Igreja Católica, outros movimentos o antecederam. Não é proposta de estudo tratar dos mesmos, mas fica a ressalva de que havia uma inquietação generalizada, pois a igreja não respondia mais aos anseios das pessoas e a corrupção geral em todas as veias da igreja era latente, aparecendo, cada vez mais, focos de questionamentos; até que Lutero tomou a frente e sugeriu um debate sobre algumas questões que, segundo ele, eram nitidamente aberrantes. Obviamente que as noventa e cinco teses que ele apresenta revelam a dimensão de suas preocupações. E, por esse motivo, é que, então, propõe-se uma “mesa redonda”, para questionar os problemas levantados por suas proposições.

O movimento da Reforma iniciada por Lutero abriu uma porta, cuja mesma estivera trancada desde o período após os pais da igreja, quando se inaugurava o debate sobre as mais variadas doutrinas que seriam adotadas pelo cristianismo. Entre o ano 100 a 451 (d.C), desenvolve-se o período definido pela rubrica de “Patrística”, que foram anos de debates sobre as doutrinas religiosas que estavam sendo elaboradas, mais especificamente

⁴ <http://www.mackenzie.br/6962.html> (ACESSADO em 20/10/2016 as 13H41M)

do Novo Testamento, que é a expressão do pensamento daqueles homens que foram discípulos de Jesus, as quais deveriam ser adotadas pela religião cristã doravante. Assim, ficou estabelecido que as doutrinas da religião cristã teriam sua legitimidade oriunda do pensamento daqueles homens que desenvolveram essa teologia e que, de alguma forma, foram debatidas e fixadas como o corpo da teologia do cristianismo. Para um estudo do período patrístico⁵, seguindo a proposta de McGrath (2005), ocorreu entre o período pós-apostólico, cobrindo até os dias do Concílio de Cartago em 418: “À medida que, na Europa Ocidental, o período patrístico chegava ao fim e iniciava-se a Idade das Trevas, muitas questões permaneciam pendentes. Elas seriam retomadas, mais uma vez, ao longo da Idade Média e, sobretudo na época da Reforma” (p. 61).

Assim, nesse tempo cronológico de trezentos anos, a religião cristã se viu em meio a uma extensa e profícua produção de textos, que apresentavam hermenêuticas diferentes sobre as doutrinas que comporiam o cabedal doutrinário do cristianismo. Trezentos anos é um período relativamente extenso para o debate e a fixação final do pensamento adotado pelos teólogos cristãos. As grandes e centrais doutrinas da religião cristã foram fixadas. Por isso, as denominações cristãs procuram legitimar suas origens a partir desse período. É por esse motivo que “todos os principais ramos da igreja cristã – incluindo a Igreja Anglicana, Ortodoxa Oriental, Luterana, Reformada e Católica Romana – consideram o período Patrístico como um marco decisivo na evolução da doutrina cristã. Cada uma dessas igrejas se considera como uma continuação, uma extensão desse período [...]” (MCGRATH, 2005, p.42). Ainda que existam diferenças teológicas em praticamente todos os ramos eclesiásticos (denominações), argumentos histórico/teológicos entre esses ramos atestam que cada um deles se consideram os legítimos herdeiros dos pensamentos patrísticos⁶.

⁵ O termo “patrístico” vem do latim *pater* “pai”, e tanto designa o período referente aos pais da igreja, quanto as ideias características que se desenvolveram ao longo deste período. No entanto, McGrath descreve três formas de analisar sistematicamente a ideia do termo, dizendo que existem: a) Patrística, b) Patrístico, e c) Patrologia (ver mais em McGrath. 2005, p. 41).

⁶ Herminstein (2014) afirma que os Anabatistas não aceitaram no credo Apostólico no seu sistema de crença, deve ser pelas razões apresentadas por Heisey (2014).

Porém, o grande legado da Reforma Religiosa do Século XVI que não pode ser esquecido é o do livre pensamento. Provavelmente foi Lutero quem, pela primeira vez, desconstrói o mito da infalibilidade da igreja exatamente na Dieta de Worms, quando declara que sua consciência sob o juízo da Bíblia (Palavra de Deus) era a única regra a seguir e não mais a consciência do papa alheio a Bíblia. Possivelmente esse ideal se confunde em sua origem; o fato é que se tornou uma das máximas que mais tarde os Reformados adotaram como moto, isto é, do livre exame das Escrituras Sagradas. Desse modo, pode-se afirmar que, dentre a enorme contribuição de Lutero para o início da Reforma, o livre pensamento pode ter sido a chave que abriu a porta que estava fechada. Veja como ele fez isso na declaração de Worms:

A não ser que eu seja convencido de erro pelo testemunho da Escritura ou – visto que não dou valor à autoridade não provado do papa e dos concílios, por ser claro que eles muitas vezes erraram e frequentemente se contradisseram – por um raciocínio evidente, continuo convencido pelas Escrituras, às quais apelei e minha consciência foi feita cativa pela palavra de Deus, não posso e não quero retratar-me de qualquer coisa, pois agir contra nossa própria consciência não é coisa segura nem permitida a nós (BETTENSON, 2001, p. 304).

É uma contundente declaração, estabelecendo um princípio que se estende para além da mera possibilidade pessoal, porque deflagra a doutrina central da Reforma, isto é, “O sacerdócio Universal de Todos os Cristãos”. Esta posição é que se tornou um dogma inquestionável, já que contribuiu imensamente para libertar os homens. E uma vez libertos do medo, por si mesmos foram se desvencilhando do poder da igreja e foram sendo conduzidos a uma expressão religiosa mais sincera, transparente e com maior nível de aprofundamento, no sentido de cada indivíduo, por si mesmo, poder ler e administrar sua comunhão com Deus, pela fé, livres dos sacerdotes. É importante ressaltar que Lutero está na Alemanha, geograficamente distante da sede da Igreja em Roma e que, naquela época, as notícias demoravam a se expandir. Então, os alemães foram se congregando em

torno dessa religião cristã de portas abertas, de consciência aberta e de Escrituras abertas.

Toma-se como pressuposto básico, nesta dissertação, a ideia do livre exame como o ponto central que deflagrará a Reforma além da Alemanha, se espalhando na velocidade do século XVI por toda a Europa, a começar pela Suíça e França. Como se sabe pela história, a atitude de Lutero não resultou apenas em uma mudança na religião, mas deflagrou conflitos em praticamente todas as vertentes da sociedade: político, bélico, econômico, entre outros.

Deixando a Reforma Luterana por hora e voltando o olhar para o ponto que interessa a esta pesquisa, que é a Reforma em Zurique algum tempo depois, na Suíça. Sob a liderança de Zwinglio, nos anos de 1522 a 1525, a Reforma chega à Suíça e chega marcada por diferenças significativas, porque tinha como natureza uma espécie de radicalismo e controvérsia entre Zwinglio e Lutero⁷ que, no entanto, não temos como propósito descrevê-la. Isto posto, convém iniciar uma análise dos antecedentes do movimento Anabatista.

1.2. Os Reformadores da Reforma: os anabatistas.

Alder de Souza Mato apresenta um resumo⁸ da Reforma em Zurique e, para ele, os fatos seguiram a lógica do próprio Zwinglio, isto é, ser radical e pontual nas questões da obediência aos ensinamentos da Palavra de Deus. Zwinglio tinha essa marca entre os Reformadores, sendo o que mais defendia uma visão prática radical dos fundamentos bíblico-teológicos.

⁷ A Controvérsia entre Zwinglio e Lutero acontece no campo da Eucaristia (Sacramento). Para o primeiro, na celebração da Eucaristia (Santa Ceia), Cristo está presente; porém, para o segundo é apenas uma cerimônia realizada em memória de Cristo. Pode parecer simples demais para o homem de hoje, mas para eles era fundamental.

⁸ A literatura clássica sobre a Reforma Protestante é extensa, uma vez que existem muitos autores que escreveram e ainda existem muitos outros escrevendo novas perspectivas sobre o tema. No entanto, boa parte desse material citado nesse tópico encontra-se publicado na internet, razão pela qual fazemos uso de muitas citações que foram extraídas de vários sites, e em especial do <http://www.mackenzie.br/6962.html> (ACESSADO em 20/10/2016 às 13H41M), que não da literatura impressa. Isso certamente não diminui a importância e a veracidade das citações.

Portanto, Matos diz que a Reforma dos Anabatista marca um terceiro movimento na tentativa de consolidar a Reforma Protestante, surgindo dentro cidade de Zurique. Em 1522, homens como Conrado Grebel e Félix Mantz começaram a reunir-se com amigos para estudar a Bíblia. Inicialmente, eles apoiaram a obra de Zwínglio, mas, a partir de 1524, passaram a condenar tanto Zwínglio quanto as autoridades municipais, alegando que a sua obra de Reforma não estava sendo profunda o suficiente como eles esperavam, e era necessário ser mais contundente. Como se sabe, um dos temas centrais da Reforma estava relacionado à questão dos sacramentos e não foi para menos, como se verá mais adiante, que o próprio nome do movimento que está para surgir estava ligado a esta questão.

Por causa de sua insistência no batismo de adultos, foram apelidados de “anabatistas”, ou seja, rebatizadores, sendo também chamados de radicais, fanáticos, entusiastas e outras designações. Por causa de suas atividades de protesto, nas quais chegavam a interromper cultos e celebrações da ceia, os líderes anabatistas sofreram punições de severidade crescente. Em 1526, Corado Grebel morreu devido a uma epidemia que o acometeu, mas o seu pai foi decapitado e pode ter sido um dos primeiros “mártires” da fé anabatista. Já Feliz Mantz foi condenado a uma morte por afogamento e outro líder, Jorge Blaurock, foi expulso da cidade (STOLL, 2009).

Mas o movimento tinha a vocação para se expandir, e imediatamente foi se difundindo nas vizinhas da Alemanha, Áustria e em outras partes da Europa. Outros importantes líderes surgiram e, em Estrasburgo, um deles foi Miguel Sattler (c.1490-1527), que presidiu a conferência de Schleithem (1527) na qual os anabatistas aprovaram a Confissão de Fé de Schleithem. Esta confissão definiu os princípios anabatistas básicos: (a) ideal de restauração da igreja primitiva; (b) igrejas vistas como congregações voluntárias separadas do Estado; (c) batismo de adultos por imersão; (d) afastamento do mundo; (e) fraternidade e igualdade; (f) pacifismo; (g) proibição do porte de armas e de exercer cargos públicos e juramentos. Os anabatistas foram os únicos protestantes do século 16 a defenderem a

completa separação entre a igreja e o estado, prática hoje estabelecida na maioria dos países onde a igreja cristã está presente (JACKSON, 2012, p.11).

Os anabatistas, por um lado, começam a expandir seu campo de ação, por outro, adquiriram uma reputação negativa, por causa de acontecimentos ocorridos na cidade de Münster (1532-1535). Influenciados por Melchior Hoffman, que anunciou o fim do mundo e a destruição dos ímpios, alguns anabatistas implantaram uma teocracia intolerante naquela cidade alemã. Finalmente, foram todos mortos por um exército católico. Já na Holanda o movimento teve uma liderança equilibrada e capaz na pessoa de Menno Simons (1496-1561), do qual vieram os menonitas. Outro líder de expressão foi Jacob Hutter (†1536), na Morávia. Os anabatistas e os huteritas viviam em colônias, tendo tudo em comum conforme entendiam a passagem do Novo Testamento de Atos dos Apóstolos 2.44; 4.32. Porém, ainda havia mais uma vocação reservada ao Anabatistas: a perseguição. Foram cruelmente perseguidos em toda a Europa. Muitos deles, eventualmente, emigraram para a América do Norte.

1.3. A Reforma nos Países Baixos.

Compreender geograficamente a localização dos Países Baixos no século XVI nos ajudará a compreender a dimensão do alcance da Reforma, assim como o avanço dos anabatistas.

Os Países Baixos, nesta época, faziam parte do Sacro Império Germânico. Mas, em 1600, foram considerados um único país. Porém, em 1648, com o tratado de Münster, ficaram sob o domínio da Espanha, porque por ela foi assinado um tratado de paz. Durante o reinado do imperador Carlos V, surgiram, naquela região, luteranos, anabatistas e, principalmente, calvinistas, por volta de 1540. Desde o início, eles foram objeto de intensas perseguições, tendo a repressão aumentada sob o rei Filipe II (1555); e, por mão do governador Duque de Alba (1567), a perseguição continuava tensa. A revolta contra a tirania espanhola foi liderada pelo Guilherme de Orange, homem de nacionalidade alemã, grande defensor da

plena liberdade religiosa, mas este foi assassinado em 1584. Eventualmente, os Países Baixos dividiram-se em três nações: Bélgica e Luxemburgo (católicas), e Holanda (protestante). Como se pode ver, a Holanda já se fizera protestante e esta é a terra natal de Menno Simons.

Feita esta breve exposição sobre a expansão dessa nova expressão religiosa na Europa, deve-se voltar agora para compreender, com maiores detalhes, as nuances que caracterizaram o movimento Anabatista e seus desdobramentos, bem como o impacto do movimento na vida de Menno Simons, que mais tarde adere aos ideais do movimento, não sem antes passar por uma espécie de catarse espiritual.

1.4. Os Anabatistas: Reforma ou restauração.

Como já falado, a questão dos Sacramentos era um assunto que ocupou boa parte dos debates na ala protestante, mas a controvérsia batismal pegou em cheio o líder da reforma em Zurique, Ulrico Zwinglio, que propugnava ideias de uma Reforma austera. E ele, inclusive, admirou-se com o posicionamento radical dos líderes que estavam sob sua direção e de homens tais como Conrad Grebel, que, segundo Stoll (2011, p.11), era um homem capacitado intelectualmente, considerando que era filho de família nobre e seu pai era membro da Câmara do Cantão, que alegava que Zwinglio pregava uma coisa e praticava outra.

Para Grebel, este tipo de atitude traía o ideal da “*Sola Scriptura*”. Zwinglio ficou alarmado com essa acusação e viu nela um desdobramento que traria instabilidade e ameaçava afastar a Igreja Reformada em Zurique das suas raízes históricas e de seus laços de continuidade com a tradição cristã do passado (MCGRATH, 2005, p. 100). Zwinglio, que dentre os homens da Reforma é considerado o mais radical, uma vez que teve muitos reveses na formatação de uma Teologia que pudesse se desenvolver e se consolidar em Zurique, fica alarmado com os posicionamentos dos anabatistas. Com isto, o movimento deveria ser abrasador.

Dentre as várias vertentes teológicas que foram ganhando expressão nesse período, uma delas, se posicionou de maneira muito radical que foi o movimento dos Anabatistas, comumente denominado de a Reforma Radical. Os Anabatistas⁹ optaram pelo radicalismo e não foram meramente uma ala dentro da Reforma, mas, praticamente um efeito colateral que acabou revelando uma Reforma mais extrema dentro da própria Reforma. Sobretudo, foi um movimento que gerou uma nova forma de ver e praticar fé e a vida cristã “[...] Foi ‘uma Reforma dentro da Reforma, uma correção da correção do Catolicismo’. Foi precisamente isso, junto com o fato de que a maior parte dos radicais se viu forçada a desenvolver seu modelo de vida cristã fora dos confins das igrejas oficiais, que deu à espiritualidade e à vida eclesiástica deles uma aparência distintiva” (GEORGE, 1994, p. 251-254).

Pelas razões acima, é possível afirmar que os Anabatistas realmente não queriam fazer uma Reforma da Igreja Reformada, mas ir além. Na realidade queriam mesmo restaurar, dentro da sua hermenêutica¹⁰, a verdadeira igreja. Não era uma questão de Reformar, mas de construir novamente a igreja. Mas eles eram vistos com ressalva, porque demonstravam atitudes virulentas. A citação a seguir revela como eram percebidos pelos demais líderes e pela própria população: “[...] a verdadeira natureza do anabatismo como um fenômeno violento que surgiu de sonhos irracionais e psicologicamente desequilibrados, embasados numa negação da razão e na exaltação daquela crença na inspiração direta que permite aos homens fazerem o que quiserem¹¹” (GEORGE, 1994, p.103).

⁹ Convém lembrar que eram os idos de 1536, vinte e oito anos antes de Lutero falecer (1564). É interessante observar quais eram os adjetivos que Lutero e Calvino usavam para designá-los e, observado esses designativos, é possível mensurar como o movimento era visto, desvelando uma profunda ruptura dentro do denominado movimento da Reforma: “O termo preferido de Lutero era *Schwarmer*, que faz lembrar o zumbido incontrolável das abelhas em volta de uma colmeia. [...] Os epítetos de Calvino não eram menos pejorativos: ‘fanáticos, iludidos, desmiolados, imbecis, tratantes, cães danados’” (GEORGE, 1994, p.252-253).

¹⁰ Não custa lembrar que a máxima do livre exame já a essa altura estava fazendo eco na vida dos pensadores anabatistas; eles já possuem a sua veia interpretativa.

¹¹ Bem que este sentimento poderia ter sido de igual modo da parte da igreja papal, designar com adjetivos pejorativos os Reformadores, que embarçavam a vida religiosa.

O termo Reforma Radical, ao longo desse trabalho, deve sofrer uma mutação, de maneira que ao se falar de Anabatismos, Reforma Radical e Menno Simons, estes podem estar ligados ao mesmo pressuposto, que é a origem do movimento Menonita¹², como sendo a continuidade de tudo aquilo que Simons, um dos legisladores mais assíduos do movimento do anabatismo, propugnou. O movimento acabou sendo identificando por outros adjetivos, como “ala esquerda”, que é um termo coletivo “para todos aqueles grupos de inovadores religiosos que não permaneciam nem nas igrejas católicas, nem nas principais protestantes¹³” (GEORGE, 1994, p.253).

Compreender os motivos que gestaram o pensamento e depois o nascimento do movimento Anabatista e suas origens, segundo McGrath, teve a sua a inspiração no donatismo¹⁴, pois “é evidente a existência de fortes paralelos com visão donatista da igreja como corpo imaculado, isolada e singular por meio de quaisquer formas disciplinares que se mostrassem necessárias” (2005, p. 552). Ele diz isso considerando as preposições teológicas dos anabatistas, que versavam sobre a importância de uma vida disciplinada sob duas realidades: quanto ao caráter reto e quanto à necessidade da aplicação da disciplina aos faltosos. A disciplina é uma marca indelével do movimento anabatista, bem como de todas Igrejas Reformadas em geral.

O Donatismo surgiu exatamente em relação ao que fazer com aqueles cuja conduta os levou a cair nos períodos de perseguição e, mais tarde, pediam a suas respectivas restaurações à comunhão da igreja. Pois assim

¹² Ao estudarmos a direção que Menno Simons deu ao movimento Anabatista, observa-se que o movimento se abrandou e passou por uma espécie de equilíbrio.

¹³ Sendo assim, novamente percebe-se a dinâmica criativa que o protestantismo impõe em sua natureza, isto é, é prodigo em cindir. Neste termo, observa-se atualmente que não possui nenhuma novidade original, uma vez que continua de alguma maneira a produzir novas denominações.

¹⁴ Donatismo foi um movimento que se concentrou em torno de uma colônia romana no norte da África, no século IV, e que desenvolveu uma perspectiva bastante rigorosa com relação à igreja e aos sacramentos (McGrath, p. 652), e Heisey (2014) tece elogios à postura de Donato, enfatizando sua austeridade.

como existiram muitos que sucumbiram, inclusive, entregando a Bíblia¹⁵ aos perseguidores, por outro lado existiram muitos que se mantiveram firmes na fé e pagaram com a vida pela persistência; e Donato e seus seguidores não admitiram um simples retorno dos “apóstatas” e se tornaram rigorosos em suas posições em não admitir a inserção dos “apóstatas” no rol da igreja. Para Bettenson, a questão Donatista está intrinsecamente ligada à validade dos sacramentos: “Originalmente, mais uma cisma... [...] do que uma heresia, o donatismo levantou o problema da validade dos sacramentos. Dependem eles, para sua efetividade, da dignidade pessoal do ministrante ou do ministrado?” (2001, p. 130).

Se os Anabatistas têm suas raízes conectadas a essa controvérsia, convém ressaltar que não foi uma cisma como foi o movimento da Reforma que rompe com a Igreja Católica Romana em 1517. Se Donato e seus seguidores apenas estabelecem uma dura controvérsia com a religião instituída, uma pergunta precisa ser feita em relação aos anabatistas, caso esses se inspirem em Donato: o movimento Anabatista é apenas uma controvérsia ou rompe com Igreja Reformada nascente e se constitui em uma terceira via? Ao estudar a vida e os pressupostos doutrinários, bem como as posições existenciais de Menno Simons, procurar-se encontrar uma resposta plausível.

1.5. A entrada e permanência de Menno Simons no Anabatismo.

Menno Simons (1496-1561) não foi o primeiro dos Anabatistas e, quando ele adentra as portas do movimento, o anabatismo já estava passando por diversas controvérsias que colocavam sérias dúvidas sobre a integridade dos seus postulados. Entretanto, Menno foi aquele que mais fundamentou teologicamente os ideais dos Anabatistas. Falar sobre Menno Simons tem por objetivo conhecer a sua entrada, permanência e sua resili-

¹⁵ Para Bettenson, entregar as Escrituras significa que os traidores entregavam as Escrituras aos perseguidores em sinal de rendição e abandono da fé; portanto, se apostatando devido à perseguição. Era essa a crítica de Donato e herdada pelos Menonitas, pois Menno afirmara que se a Cabeça (Cristo) sofreu com a perseguição, o corpo deveria ter o mesmo destino, uma vez que corpo deve ser entendido pelo termo igreja.

ência em favor da sua nova religião. É necessário pintar um retrato biográfico do homem que pensou, formulou e, até certo ponto, depurou os ideais que ainda hoje se perpetua na vertente Batista em várias partes do mundo. Os anabatistas devem muito a essa figura, a sua resistência e permanência na história.

H.S. Bender e John Horsch (1943)¹⁶ resumem em poucas linhas a biografia e as principais obras deixadas por Menno Simons:

Menno Simons converteu-se ao movimento “Anabatista” em 1536. Viajou por todo o Noroeste da Europa animando e apoiando aos perseguidos, por meio da pregação, bem como escrevendo tratados que defendiam a fé e estilo de vida que aqueles, que haviam abraçado a nova fé, levavam. Ainda sendo um sacerdote católico no princípio, Menno Simons se encontra fazendo perguntas a si próprio como nunca o havia feito antes. Foram três as razões da sua conversão ao “protestantismo”: A transubstanciação (conversão do pão no corpo de Cristo), o anabatismo (o segundo batismo), e o testemunho pessoal de seu irmão (BENDER e HORSCH, 1943, p. iii).

A exemplo dos demais homens da Reforma, quando esta foi deflagrada em 1517, com a abertura das portas da Igreja para uma nova forma de desenvolver o culto cristão até então acorrentado às normas papais, Menno Simons também viveu a experiência de uma crise teológica muito estreita com os demais, uma vez que era um sacerdote católico; e não tardou engrossar as fileiras do Protestantismo. Mas, desde cedo, Menno Simons fez uma clara opção por uma Reforma mais radical, pois sua busca não se limitou aos estudos dos textos já existentes sobre as razões e necessidade da Reforma, mesmo porque a essa altura, isto é, em 1536, já tinham se passado quase duas décadas, ou seja, 19 anos desde o fatídico dia 31 de outubro de 1517; nesse período, Menno testemunhou muitos acontecimentos que corroboraram para uma compreensão mais acurada da realidade em

¹⁶ Material publicado em forma de livro em 1943, no entanto originalmente foi apresentado na convenção em comemoração ao XXV aniversário dos Menonitas na Argentina em 1942, traduzido por Carlos Neyra, conforme: www.cristianismoprimitivo.com.

que estava inserido e a necessidade de um posicionamento final para uma das alas. Ele estaria iniciando a sua própria Reforma¹⁷.

Simons nasceu em uma família de aldeões holandeses que vivia em um pequeno povoado chamado de Witmarsum, na província de Friesland, ao noroeste da Europa continental. Depois de ordenado e servir como sacerdote católico por doze anos, em “1536, [...] declinou o seu serviço na Igreja Católica para unir-se ao pequeno grupo de devotos irmãos evangélicos sob a direção de Obbe Philips, conhecidos pelo nome de Anabatistas ou Obbenitas¹⁸” (BENDER e HORSCH, 1943, p. 1-2). Como se pode ver, nestas poucas linhas tem-se uma síntese da vida de Menno Simons com duas vertentes: primeiramente sua origem camponesa de família simples e segundo, seu rompimento com a igreja oficial para aderir-se aos Anabatistas, que em 1536 já vinham causando grande controvérsia nos limites do próprio Protestantismo, tendo iniciado oficialmente como movimento Anabatista no fatídico dia 21 de janeiro de 1525 (GEORGE, 1994, p.254); portanto, um movimento que já possuía dez anos de existência.

Devido à uma profunda luta interior para compreender as profundezas da vida espiritual, Menno Simons, que, segundo ele mesmo, não tinha em seus anos de academia e sacerdócio lido a Bíblia, viu-se obrigado se render a ela:

Finalmente decidiu procurar tranquilidade por meio de uma diligente investigação no Novo Testamento. Esta decisão foi um dos grandes passos na vida de Menno. Com efeito, foi o passo decisivo que certamente o levaria a conversão final, pois o princípio fundamental da Reforma e do próprio Evangelho é que somente a Palavra de Deus é a autoridade como fonte da verdade para fé e vida (BENDER e HORSCH 1943, p.4).

¹⁷ Haveria necessidade de especificar, em níveis mais profundos quais foram os legados dos Reformadores que Menno Simons utilizou na sua jornada, e/ou se ele faz a sua própria Reforma e até que ponto se abasteceu dos materiais já existentes a essa altura dos acontecimentos reformistas, assim como o fez lendo pelo menos um escrito de Lutero.

¹⁸ É interessante notar como os movimentos incorporavam os respectivos nomes dos seus líderes: luteranismo, calvinismo, menonitas, etc.

Este fato não tinha como proposição a ideia de abandonar a igreja e sua “missa”, mas encontrar base no Novo Testamento para a mesma; mas tal foi a surpresa: “o verdadeiro problema surgiu quando Menno, tendo decidido abrir a Bíblia, descobriu que não continha nenhuma das doutrinas tradicionais a respeito da missa” (BENDER e HORSCH 1943, p.4). Este foi o momento exato de uma escolha: ou a autoridade seria a igreja e suas convicções dogmáticas ou o evangelho revelado nas Escrituras. Não crer na igreja significava danação (morte) eterna. Menno Simons diz ter encontrado alento nos escritos de Lutero:

Afortunadamente, como ele próprio repete, encontrou ajuda nas obras de Martinho Lutero, pois este dizia que a violação dos mandamentos dos homens nunca pode conduzir a morte eterna. Não se sabe em qual dos escritos de Lutero encontrou isto Menno, possivelmente no folheto de 1518, “Instrução em vários assuntos”, ou talvez na importante obra escrita em 1520, intitulada “A Liberdade Do Cristão” (BENDER e HORSCH, 1943, p.4).

Disso, decorre que um dos pilares de suas crenças estava posto ao chão, a missa. No entanto, o grande cisma existencial açambarca a sua vida quando ele começa a questionar o batismo, devido à notícia que, na cidade vizinha, um alfaiate por nome de Sicke Freerks foi executado publicamente pelo simples fato de ter sido batizado pela segunda vez. Menno interpretou o acontecimento como algo muito estranho, pois como poderia alguém se batizar duas vezes? Por qual motivo isso aconteceria? Eram as perguntas de Menno. Mas o choque foi maior ao saber da piedade e do temor que Freerks tinha como testemunho de vida, e que passou a acreditar que as Escrituras não ensinavam sobre o batismo infantil: “mas que ensinavam que o batismo deve ser administrado unicamente aos adultos, sobre a confissão de sua fé pessoal” (BENDER e HORSCH, 1943, p.6).

Pode-se perceber que Menno está envolto em questões relativamente resolvidas dentro do pensamento dos outros Reformadores; obviamente que existiam rugas entre Zwinglio e Lutero em questões dos sacramentos, mas que foram amenizadas e compreendidas entre as partes. Mas, para Menno, essa era uma questão de vida e morte e não poderia ser apenas minimizada, mas resolvida de fato. E, então, ele faz desse assunto uma questão pessoal e de suma importância para a construção de sua teologia.

Abaixo, será possível verificar o quanto esse tema ganhou contornos inimagináveis e foi responsável, quase que sozinho, pela abertura de um “novo protestantismo”.

A rejeição do batismo infantil era uma das ênfases do movimento Anabatista, assim a exigência de um “re” batismo de adulto, e ainda o fato do alfaiate ter se disposto a morrer por sua crença trouxe, portanto, uma nova crise a Menno Simons, que agora já sabia onde encontrar respostas. E, ainda que tenha perscrutado o Evangelho e não ter encontrado, segundo ele, base para o batismo infantil, resolveu procurar ajuda de seu superior, o Presbítero de Pingjum, já que ainda servia como sacerdote. E, depois de acurada discussão, este precisou admitir para Simons que o batismo infantil era anti-bíblico. Bender e Horsch afirmam que Menno Simons não se deu por convencido, uma vez que aprendera a não confiar na própria razão; então procura os escritos dos pais da igreja:

Desta vez investigando diligentemente o que os Pais da Igreja haviam dito a respeito. Estes afirmavam que as crianças necessitavam do batismo para limpar-se do pecado original. Mas comparando Menno estes ensinamentos com as Escrituras, encontrou uma verdadeira contradição, pois estas ensinavam que o sangue de Cristo, o Redentor, é o único que limpa do pecado, e não a água do batismo. Os Pais da Igreja estavam, portanto, equivocados. Como último recurso, Menno recorreu aos evangelistas contemporâneos, os Reformadores. Todos eles ensinavam que as crianças deviam ser batizadas, ainda que mostrando para isto diferentes razões (1943, p.8).

Menno Simons precisou tomar uma posição frente às descobertas e chega à conclusão de “que todos estavam equivocados a respeito - a Igreja Católica, o presbítero de Pingjum, os Pais da Igreja, os Reformadores, e que somente o batismo sobre a confissão de fé era bíblico”. E, portanto, legítimo (BANDER e HORSCH, 1943, p.9).

Essa foi a maior decisão que ele tomou em sua vida, porque marca a ruptura com a Igreja Católica, uma vez que em sua compreensão chega à conclusão de que, para a Igreja Católica, “a salvação pelo sacramento do

batismo é a pedra angular sobre a qual está constituído todo o sistema da religião católica. É possível permanecer católico, ainda, negando a doutrina da transubstanciação, mas como se pode manter a fé numa Igreja cujo meio essencial de salvação é negado” (BANDER e HORSCH, 1943, p.9). George afirma que, na verdade, o rompimento inicial de Menno Simons se dá apenas no campo das convicções e, por algum tempo, continuou pregando as verdades descobertas mesmo sendo um sacerdote, até que um evento marcou definitivamente a sua ruptura com Igreja Católica, no qual seu próprio irmão Pedro Simons estava envolvido:

Com as novas convicções sobre a Ceia do Senhor e o Batismo, ainda assim Menno não rompeu com a igreja romana até ser profundamente incitado pelos eventos que cercaram a tragédia de Münster. Já em 1532, algumas pessoas da área ao redor de Witmarsum terem sido rebatizadas. Algumas delas foram atraídas pelo vórtice do reino violento e revolucionário [...] entre eles as quais o irmão do próprio Menno, Pedro Simons. Em 30 de março de 1535, um grupo de aproximadamente 300 anabatistas violentos captou o Velho Claustro perto de Bolward. Durante oito dias, resistiram aos ataques das autoridades, mas, em 7 de abril, o claustro foi retomado e os radicais, assassinados de forma selvagem. Entre eles estava o irmão de Menno. Esse acontecimento precipitou uma crise em sua vida (GEORGE, 1994, p. 259).

A compreensão de George, fazendo uso das próprias palavras de Simons, é que ele fora levado a uma reflexão sobre “as idolatrias que ainda praticava diariamente com aparência de santidade” (1994, p. 259). Nesse caso, Menno havia percebido que todos os acontecimentos atrelados aos novos conhecimentos das Escrituras, e continuar vivendo sem entusiasmo e sem pregar a verdade, o faziam indigno de viver à altura da luz que havia recebido, passando a implorar que Deus o perdoasse: “[...] orei a Deus com suspiros e lágrimas para que desse a mim, pecador aflito, o dom de sua graça, e criasse dentro em mim um coração limpo e, graciosamente, pelos méritos do rubor sangue de Cristo, perdoasse meu andar impuro e minha frívola vida fácil” (1994, p. 260). Menno compreende e sente de certa forma culpado por aqueles “irmãos” terem morrido, “...eles haviam dado as suas vidas por um erro, enquanto que ele não estava disposto a dar

absolutamente nada pela verdade, somente por temor de perder a sua reputação e seus ganhos financeiros, continuava fazendo parte de um sistema que a sua consciência repudiava” (BANDER E HORSCH 1943, p.16).

Menno então se posiciona, rompendo definitivamente com a igreja católica e, conseqüentemente, renuncia a seu cargo de sacerdote e, com uma profunda compaixão pelas “ovelhas desgarradas que vagavam sem pastor”, renuncia ao seu confortável cargo na paróquia de Witmarsum para se tornar, de forma definitiva e inequívoca, um evangelista itinerante e, porque não dizer, também errante. E, então, um grupo de oito irmãos anabatistas, que residiam nas adjacências de Groninge, rogou-lhe que lhe desse assistência, aceitando o ofício de pastor titular daquela irmandade. E, depois de muito se debater e meditar, enfim consentiu e começou a “ensinar e batizar, a trabalhar com meus talentos limitados nos campos de colheita do Senhor, a auxiliar na construção de sua cidade e de seu templo santos, e no reparo dos muros arruinados” (TIMOTHY, 1994, p. 260-261). E, assim, pode-se dizer que estão postos os fundamentos ministeriais que norteariam a vida e a obra de Menno, que alguns anos depois legaria uma herança aos seus seguidores, que se tornaram os Menonitas, uma vez que este foi o maior vulto intelectual do movimento da Reforma Radical.

Georg (1994) e Bender e Horsch (1943) descrevem como foi a rotina peregrina de Menno Simons como pregador itinerante. E ressaltam que “[...] apesar de ter contraído matrimônio em 1536 ou em 1537 com Gertrudis, não teve residência fixa, mas viajava continuamente”; e para fazer uso das próprias palavras de Menno, destaca-se aquilo que, por volta do ano de 1539, ele escreveu: “um homem muito piedoso e temente a Deus, chamado Tjard Reynders, foi feito prisioneiro onde eu vivia, por ter me recebido secretamente em sua casa, apesar de eu ter sido um homem sem lar, sem amigos, e sem a consideração de ninguém” (BENDER e HORSCH 1943 p. 25). Assim, pode-se observar que ele tinha uma vida sem endereço, era um homem errante. O fato é que ele se embrenhou de tal forma na sua carreira de pastor de almas, que o fez um homem da estrada:

Menno viajou a Friesland Ocidental várias vezes ao ano até 1541, e tão eficaz foi o seu trabalho que logo foi reconhecido como o líder notável dos “Anabatistas” na província. As autoridades provinciais haviam tentado sem resultado, por vários anos, extirpar a “maldita seita”, chegando finalmente à conclusão de que não conseguiriam o seu objetivo até que Menno fosse tirado do meio. Para este fim, propuseram um plano a Maria, Regente dos Países Baixos, que consistia em induzir a certos “Anabatistas” prisioneiros, a que tráíssem a Menno, entregando-o para as autoridades em troca de sua liberdade, mas não tiveram êxito (BENDER e HORSCH, 1943p. 26).

Por ser um homem sem lar, perambulava pregando a sua doutrina. E este fato despertou mudança consistente na vida dos simples homens do campo, gerando, assim, desejo por parte das autoridades reais da captura de Menno Simons, que não era apenas um homem sem lar, era uma figura que foi profundamente admirado por suas ovelhas e, diametralmente, acumulou a ira por parte dos seus inimigos, como se pode observar:

O oferecimento de recompensas pela detenção de Menno foi anunciado em cartazes espalhados por toda a província de Friesland Ocidental, mas sem surtir o efeito desejado e tampouco conseguiu afastar a Menno de suas atividades pela região. Por último, o Imperador Carlos V, foi induzido a publicar um edito contra Menno em 7 de dezembro de 1542, no qual era oferecida uma recompensa de 100 moedas de ouro pela sua cabeça e além disso, proibia prestar-lhe ajuda ou hospedá-lo de qualquer forma e ler seus livros. Todos os seus seguidores foram igualmente perseguidos e presos. A qualquer um que entregasse a Menno para as autoridades, lhe seria perdoado qualquer crime que tivesse cometido (BENDER e HORSCH, 1943, p. 27).

George fala da “durabilidade” da vida de Menno: “quando examinamos os perigos que Menno enfrentou, ficamos surpresos por ele ter conseguido uma morte natural, aos 66 anos” (p. 261). A conclusão de George é óbvia, porque, segundo ele, de 1537 a 1561, da conversão até a morte, Menno viveu intensamente sua vocação, exercendo influência sobre os Anabatistas nos Países Baixos e na Alemanha setentrional. E durante as noites, em locais secretos, pregava, batizava os cristãos em córregos e em lagos, abrindo igrejas, ordenando pastores desde Amsterdã, Colônia e até Danzique. Enfim, um homem incansável:

Mas ele não tinha que pensar apenas em si mesmo. Sua esposa Gertrudes e seus três filhos sofreram o mesmo desti-

no. Em 1544, ele lamentou que não podia encontrar em país alguma uma cabana ou choupana na qual minha pobre esposa e nossos pequenos filhos pudessem ser colocados em segurança por um ano ou mesmo seis meses. [...] se a Cabeça teve que sofrer tal tortura, angústia, miséria e sofrimento, como poderia seus servos, filhos e membros esperar paz e liberdade à sua carne? (GEORGE, 1994, p. 262-263).

Menno, sobretudo, não foi apenas um pregador itinerante que percorreu vasto espaço geográfico para espalhar suas ideias a partir de suas pregações e ensinamentos, é considerado o principal pensador dos Anabatistas, tendo deixado um legado enorme que serviu e ainda serve como a base teológica Anabatista. Por isso, é importante descrever, ainda que brevemente, sua contribuição literária, uma vez que ele escrevia de forma rotineira mesmo sendo um homem sem lar: “[...] tratados que defendiam a fé e estilo de vida que aqueles, que haviam abraçado a nova fé, levavam” (BENDER e HORSCH, 1943, p. iii).

Portanto, quais seriam os pontos mais relevantes do pensamento de Menno Simons? Abaixo apresentamos, de forma resumida, as principais nuances do pensamento desse Reformador que, como nenhum outro, foi capaz de discordar diametralmente da própria Igreja Reformada, que nos seus dias, também, enfrentava grandes desafios de existência, livre do cabresto da igreja papal. Menno, como dizem, pode não ter possuído a perspicácia teológica de Lutero e Calvino, mas é dele alguns dos seguidores que ainda se mantêm mais próximos da sua origem, uma vez que, pelo menos no Brasil e nos países fronteiriços, inexistem grupos religiosos tão etnicamente seguros quanto os Menonitas da colônia de Nova Durango, quer seja Calvinista ou Luterano, isto é, tão próximos da Reforma quanto os seus primeiros “Pais”. Haja vista que os próprios Menonitas urbanos já estão contaminados pela cultura do seu *locus*.

1.6. A formulação de uma mentalidade.

A seguir, a tarefa é apresentar os pontos cruciais que Menno deflagrou como regra da verdadeira fé em Cristo. Bender e Horsch as transcreve:

A grandeza de Menno Simons reside em três fatores essenciais: seu caráter, seus escritos, sua mensagem. Seu caráter constituiu uma força firme, segura, construtiva, nos longos e duros anos de perseguição e angústia [...] com a sua profunda convicção, devoção inabalável, valor intrépido, e serena confiança. Seus escritos [...] incluem alguns tratados admiráveis para a época, sutis, simples, bem ajustados ao seu propósito. [...], Mas, mais do que tudo, foi a mensagem de Menno, o que fez dele o grande líder de uma grande causa. Não construiu um novo sistema de Teologia, nem descobriu um princípio novo [...] alcançou, simplesmente uma clara visão dos ideais bíblicos fundamentais: o ideal da santidade prática e o ideal do alto posto da Igreja na vida do crente e na causa de Cristo. Para ele, o Cristianismo era algo mais do que uma mera fé; era fé e obras. E este Cristianismo prático significava [...] o abandono absoluto por parte do cristão, de todo tipo de contenda e guerra, [...] a completa separação do pecado da sociedade mundana. O ideal da Igreja que Menno sustentava, era o princípio da doutrina e vida cristãs em seu conceito cabal. Para ele, a Igreja era a representante e agente de Cristo no mundo, e como tal, devia manter-se santa e pura na vida e doutrina e dar um fiel testemunho até a Sua segunda vinda. Estes ideais [...] tem sido os principais nos quatrocentos anos de história menonita, [...] constituem o cânon da Igreja Menonita. Deles surgiu a ideia da completa separação da Igreja e do Estado [...] da absoluta soberania de Cristo sobre os seus neste mundo (1943, p. 50-51).

Estes são exatamente os ideais que constituem o cânon do pensamento Menonita e dos quais surgiram à ideia da completa separação da Igreja do Estado, bem como a absoluta soberania de Cristo sobre os seus neste mundo. Daí, pergunta-se: seria este o elo com o passado observado na colônia de Nova Durango? Estariam esses ideais sendo praticados de forma cabal em Nova Durango? Além do mais, seria essa perspectiva que estabelece a sua identidade e os torna peculiares e únicos diante dos outros?

Estes aspectos fazem dos Menonitas, pelo menos daqueles que vivem na Colônia objeto desta pesquisa, como grupo Reformado, que por cinco séculos tem desvelado traços de proximidade e intimidade com as proposições do seu maior mestre Menno Simons. Adiante, quando expostos os resultados da pesquisa de campo, será possível observar que ainda

existe, em pleno século XXI, a manutenção dessas crenças de forma original. Quando se diz original, não se está afirmando que as colônias são uma réplica daquelas que surgiram nos meandros dos séculos XVII e XVIII na Europa; deve-se guardar as devidas proporções de tempo e espaço, mas são estes os fatores que definem sua identidade étnica.

A fim de se alcançar o objetivo proposto por essa dissertação, foi necessária tal recuperação histórica bibliográfica, porém com as lentes da perspectiva Antropológica que, segundo Barth (1998, p 193), “os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social”.

Antes de adentrarmos no próximo capítulo, vale lembrar que os menonitas, a exemplo das outras expressões religiosas, também sofreram reveses de proporções históricas, quando houve a grande cisão dos menonitas na Suíça, na pessoa de Jakob Ammann. A seguir, apresentaremos um breve relato desse braço menonita.

1.7. Os Amish: breve histórico¹⁹

Jakob Ammann (1644- entre 1712 a 1730) é uma figura-chave na história Amish; nasceu em Berna, Suíça, era um membro da Igreja Reformada até os de seus 20 anos. Por volta dos seus 35 anos de idade, se tornou um anabatista conhecido, nessa época quando os anabatistas realizavam comunhão (Santa Ceia) uma vez por ano; porém Ammann acreditava que deveria ser realizada pelo menos duas vezes e, não conseguindo convencer a maioria, sentiu que os menonitas não estavam seguindo a doutrina anabatista tradicionais. Havia o debate de que a punição por não conformidade com as doutrinas do anabatista era muito branda e não suficientemente rigorosa; isso, aos olhos de Ammann, era se envolver com o mundo e, logo, procurou retornar às doutrinas dos anabatista conservadoras.

¹⁹ Todo este histórico encontra-se em STAKER, Joseph Peter. **Amish Mennonites**: “in Tazewell County, Illinois”. 2015 (disponível em <https://www.tcghs.org/AmishPart1.pdf> acessado em 15/10/2016 as 06h27m)

Em 1693, Ammann reuniu-se com outros anciãos e ministros na casa do ancião Niklaus Moser em Fridersmatt, cerca de 10 milhas ao norte de Eriz. Durante discussões acaloradas, Ammann, educado nas políticas da tolerância principalmente com pessoa idosa, sentiu a ausência de Hans Reist, que era o líder geral do menonitas nessa época, e que havia decidido muito antes que não iria estar presente. A questão era que Reist tinha dado permissão para pessoas mentirosas e impenitentes participarem normalmente da vida da congregação. Então convocaram outra reunião para dar a Reist a chance de concordar ou contestar a opinião do Ammann sobre o assunto. Novamente Reist se recusou a participar. Então Ammann citou 1ª Coríntios 5.6-8, Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Expurgai o fermento velho, para que sejais massa nova, assim como sois sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, já foi sacrificado. Pelo que celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade." E 1ª Coríntios 5.11 que diz: " mas agora vos escrevo que não vos comuniquéis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal nem sequer comais". Na discussão acalorada da reunião, cerca de metade dos líderes ficaram do lado de Ammann, e os demais permaneceram do lado Reist.

Daí em diante teve início a ala dos Amish; como era de se esperar, o indignado Ammann foi excomungado por Reist e todos os outros líderes que sustentavam seus pontos de vista. Reist e seus seguidores continuaram a ser conhecido como menonitas, enquanto que seguidores de Amman logo foram sendo identificados como Amish e, como a notícia da separação se espalhou para outras comunidades menonitas, mais membros conservadores começaram a seguir os caminhos Amish. A igreja Amish cresceu e se fortaleceu.

Tempos mais tarde houve uma tentativa de reconciliação, após vários anos de turbulência nas congregações locais. Alguns líderes Amish

pensaram que a tomada de decisão em separ-se pode ter sido precipitada, e por isso tentaram a reconciliação procurando os menonitas, incluindo Jakob Ammann, que, mesmo excomungado, mas com ato de humildade procurou se retratar, mas a resposta dos menonitas foi pela não reconciliação.

Muitos Amish migraram para o Canadá e para os Estado Unidos da América entre os anos de 1830-1856. Nos EUA, foram hospedados principalmente no estado de Illinois e no condado de Woodford, Pensilvânia, onde vivem atualmente em suas colônias e, embora muitas pessoas não compreendem o seu modo de vida simples, os Amish estão mantendo uma posição muito profunda. Eles querem estar preparados para o mundo vindouro, e não para se tornar rico ou famoso neste mundo. Eles preferem manter uma vida familiar unida do que viajar pelo mundo. As normas e metas educacionais da sociedade que resulta em estresse centrado, de alta pressão, valores tecnológicos e seculares são a antítese das crenças Amish. Portanto, eles praticam formas antigas, lentidão do ritmo, simplicidade, vida agrária unida. Existem cerca de 80.000 Amish da velha ordem que se opõem ao ensino superior porque viola sua moral, suas convicções religiosas e leva afasta seus filhos das maneiras simples dos Amish²⁰.

Portanto, os Amish apresentam os mesmos caracteres dos menonitas, pois nunca deixaram de sê-lo. Amman, como se pode ver nos parágrafos acima, depois desse período contravertido e de seus intensos debates, concluíra que a liderança dos menonitas estava afrouxando os costumes e permitindo um afastamento dos ideais de Menno e, por isso, depois muita controvérsia com a liderança e sendo excomungado, resolveu seguir seu caminho de maneira que continuou sendo um menonita conservador. Desse modo, quando for usado o termo Amish, significa dizer que são os menonitas mais conservadores possível (ver anexo nº 002 – organograma do distanciamento das denominações pós Reforma).

²⁰ (extraído do site: <https://amishreligiousfreedom.org/origin.htm> em 09/02/2017 as 09:31h).

2. DA ORIGEM DAS COLÔNIAS À NECESSIDADE DA PROCURA POR UM DESTINO: A MIGRAÇÃO COMO EVENTO HISTÓRICO.

“Por cultura entendo a mais intensa vida interior, a de mais batalha, a de mais inquietação, a de mais ânsia” (Miguel de Unamuno y Jugo, Filósofo e Escritor Espanhol).

Neste capítulo, a proposta será pela compreensão de como os Anabatista se transformam em Menonitas e o que isso significa, pois essa não é apenas uma nova nomenclatura dentro do movimento da Reforma; mais do que isso, é praticamente a constituição de um novo grupo religioso que se apresenta com características peculiares que nenhum outro possui, provavelmente os judeus. Os Menonitas se transformam em praticamente uma nação étnica, mas qual é a origem? E ainda mais, existiria uma nação sem território²¹? Se observarmos melhor, ver-se-á que Anabatistas não realizam uma Reforma dentro da Reforma, a exemplo de Lutero, mas propuseram-se, segundo eles criam, fazer uma restauração do povo de Deus, e ainda será analisado a questão da migração da Europa para o continente americano.

2.1. Os Anabatistas: a origem das Colônias.

A Reforma Religiosa do século XVI foi um evento que gerou muita controvérsia; afinal, era mais do que um descontentamento interno. Lutero não se desentendeu apenas com as questões doutrinárias, ainda que essa tenha sido a questão inicial. Porém, ao fazer isso, na verdade, ele estava questionando a autoridade papal, algo impensado naqueles dias. Afinal, pode-se dizer que o mundo era dominado pela autoridade máxima da igreja, neste caso, o papa. Desde que Constantino concedera ao papa autoridade sobre todas as ilhas (MARKUS, 1997), qualquer movimento que surgisse e que intencionasse inspirar alguma cisão, era duramente combatido. Quanto a isso, uma rápida passagem pela história dos pré-reformadores

²¹ Desse fato nasce a necessidade de compreender o que significa os termos nação, povo, etc.

revelará como era a política de controle por parte da religião oficial. Pessoas como João Huss (1360-1415), que fora posto na fogueira pelo Concílio de Constança, acusado de incitar rebelião seguindo as ideias de John Wycliff (1328-1384), mais tarde Jeronimo Savanalora (1452-1498), todos eles foram condenados à força por possuírem posições teológicas contrárias às admitidas na igreja católica. Na verdade, no período inicial da Reforma Protestante, muitas pessoas morreram em decorrência dos embates. Bem que Charles Dickens (2011) parece descrever aqueles dias, ainda que sua obra fora escrita cerca de trezentos anos depois:

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário (2011, p.9 - ebook).

A visão de Dickens sobre seu tempo serve, também, para nos aproximar da mentalidade que açambarcava os dias da Reforma Protestante. Havia um sentimento mesclado com esperança e medo. Havia um anseio pela libertação espiritual e uma profunda imersão em novos dogmas e agora, também, os dogmas dos pensadores da Reforma, ao mesmo tempo em que o papa endurecia na perseguição, sem contar com as dissensões dentro do próprio movimento reformista relacionadas às posições teológicas entre os Reformadores. O período da história em que a Reforma Protestante foi deflagrada estava embrenhado nas questões espirituais.

Karen Armstrong, em seu livro *Uma História de Deus* (1994), faz uma exposição do contexto em que aconteceu a Reforma: “Essa foi uma época tenebrosa para os ocidentais de ambos os lados do Atlântico. A Reforma constituíra uma tremenda ruptura, que dividiu a Europa em dois campos hostis. Protestantes e católicos se perseguiram mutuamente na Inglaterra e enfrentaram-se numa guerra civil, na França (1562-63), onde os protestantes foram massacrados em 1572” (1994 p.90).

Quando o movimento Anabatista surgiu, ele seguiu o seu próprio caminho na história, em um momento de grande controvérsia envolvendo os seus primeiros pensadores e pregadores, cujos mesmos, inicialmente, ansiavam de forma muito sincera poderem ver o Reino de Deus, que era tão aguardado, sendo estabelecido na terra; e, sob uma visão milenarista²², agiam inclusive de forma violenta, atrelado com a grande proeminência do pregador Melchior Hoffmann, que fora visto como profeta. Esta celebre figura na historiografia Anabatista era um homem capaz intelectualmente, porém com uma capacidade impar para mudar de ideias. Foi ele o grande vulto que surge na história dos anabatistas em um momento que havia uma desesperança devido a alguns desastres naturais, como o rompimento de diques, que geravam sucessivas perdas nas colheitas em anos anteriores e a chegada dos missionários de Hoffmann é vista como providencia divina, além dos problemas políticos, como embargos comerciais contra as cidades hanseáticas, que causaram inflação, fome e desemprego. Todos esses fatores resultaram em uma expectativa apocalíptica (MASK, 2004).

Com toda essa situação sendo vivida pelos camponeses, acabou gerando, com isto, uma atração por parte das pessoas às pregações com tom apocalíptico; e Hoffmann tornou-se portador da mensagem profética, obviamente, vinda de Deus conforme a concepção vigente no momento. Estes fatores corroboraram para que a concepção do pacifismo e a graça universal servissem de chamariz e houvesse, de igual modo, uma massa de pessoas se agregando em torno do profeta. O terreno era fértil, pois, se por um lado havia uma degeneração social, aqueles que ouviam um discurso que apresentava uma elevada dose de esperança por meio da implantação de um reino divino e terreno voltavam a sonhar com novos tempos²³. Por outro lado, havia um segundo homem que propunha que esse reino de Deus deveria ser estabelecido de imediato, mesmo que se necessário fosse

²² Como veremos no terceiro capítulo nos sete artigos da Confissão Anabatista, não aparece a expectativa Milenarista, provavelmente a essa altura já haviam amadurecido em relação a esse tema que trouxe resultados traumáticos nos primeiros. Mas vale ressaltar que essa expectativa sempre foi um tema presente no cristianismo e desde os apóstolos percebe-se que os primeiros cristãos eram voltados para ele.

²³ Para Voegelin (2014), esse tipo de ideia puramente ideológica tende a gerar conflitos intermináveis, pois promete aquilo que não pode ser realizado nesse plano.

imposto pelo fio da espada. Portanto, por meio do derramamento de sangue.

O Antigo Testamento se tornou peça chave na hermenêutica de Thomas Müntzer, inclusive para subsidiar a ideia da poligamia. Esta figura se tornou uma espécie de justiceiro, que transitou nos países baixos e pela Alemanha, agindo em nome da sua crença e cometendo barbárie do tipo: roubar, saquear, queimar igrejas e mosteiros, e decompondo-se em ruínas qualquer objeto que tinha correlação com as doutrinas da Igreja Católica²⁴.

Entretanto, mesmo havendo Anabatistas que eram identificados como violentos, os quais desejavam impor suas doutrinas mesmo que fosse por esse meio, por outro lado haviam Anabatistas que eram pacíficos. Estes, desde os seus primórdios, possuíam uma compreensão que, segundo sua forma de ler e entender o Novo Testamento, deveriam, para viver a verdadeira fé, cumprir o ideal do pacifismo, mais especificamente os ideais extraídos do Sermão da Montanha. Estes homens pacíficos iniciam a experiência de fé entendendo e defendendo um completo isolamento do mundo, no sentido de seus costumes e atitudes; desse modo, definindo bem suas fronteiras existenciais (Barth, 2011). Entrementes, assim, a solução óbvia para a ala pacífica seria se dirigir para as regiões onde poderiam exercer suas crenças, procurando manter uma distância do espírito que regia a mentalidade geral da época, se isolando não apenas das cidades, mas também dos valores mundanos que corrompiam a fé e a obediência aos ensinamentos de Jesus.

Vale ressaltar que as colônias existiam antes de Menno Simons se tornar um pregador reformado, e quando ele assume a sua função de evangelista itinerante, um dos seus campos são os colonos que estavam espa-

²⁴ Atualmente, desde 2003, esta tem sido a política do Estado Islâmico, que em nome da sua reforma, impõe a política do terror e tem destruído na região em que atua sítios que são patrimônios históricos da humanidade. No dizer do historiador Reza Aslan em Artigo da revista Época, é comum esse tipo de atitude por reformas extremistas (Edição 809 de 25 de novembro de 2013, p. 52-54).

lhados na Europa, que, na época, era essencialmente voltada para a agricultura, e não tinha como não ser, porque a era do industrialismo ainda nem era imaginada. Todavia, aos poucos a mensagem anabatista (como dos outros reformadores) estava se espalhando como fogo em palha seca, e as colônias eram doutrinadas e assimilavam os novos ensinamentos e acabavam se identificando com a nova fé. Entretanto, chegaria um tempo em que haveria a necessidade de assumir uma identidade. Certamente houve várias opções entre essas colônias; algumas eram católicas, outras luteranas, outras calvinistas e anabatistas. Voltar-se-á a falar dessa realidade mais adiante.

No caso específico dos anabatistas, desde o início a exigência era acerca de possuírem uma crença cuja mesma exigia deles uma atitude de pregação do evangelho, e, por isso, procuravam construir suas vidas religiosas a partir de uma ação paralela, de modo que poderiam se reunir mesmo que na surdina (por ser o grupo mais perseguido) para realizarem suas atividades espirituais, ao mesmo tempo em que procuravam influenciar aquelas famílias das adjacências de onde moravam.

Estes fatores, de alguma forma, acabavam se tornando públicos desdobrando-se em níveis de perseguições e, assim, eles se viam obrigados cada vez mais a se embrenharem para o interior. Ao mesmo tempo, o labor evangelístico era aos poucos apagado pelos fatores dados pelas perseguições e pelo isolamento cada vez mais necessário; assim, eles iam se estabelecendo onde raramente existiam pessoas para serem evangelizadas e, desse modo, as doutrinas eram assimiladas e não tendo muito que fazer em termo de propagação dos seus ideais, nasce uma nova exigência, qual seja, cuidar de si mesmos, pois era necessário sobreviver. Desse modo, a ideia do martírio pela fé, que acontecia pela de propagação da mesma, é substituído por uma nova mentalidade e, “no lugar de questionarem a consciência da sociedade, buscaram levar uma vida à sua margem ou além de suas fronteiras” (MASK, 2004, p. 23), isto é, uma vida circunscrita às margens das cidades, significou e, mais do que isso, ainda, significa um

distanciamento, quanto maior melhor do homem urbano ou, com diz Barth (2011), com suas fronteiras bem definidas.

Münster legou uma herança negativa aos anabatistas, mais especificamente àqueles que eram dados a revolução violenta e a imposição do reino de Deus, mesmo que fosse pelo sangue dos inocentes. Muitos dos grandes líderes que eles possuíam acabaram desistindo das suas crenças, entre eles Obbe Philips. Mas a história se encarregou de forjar outros que agregavam; dentre essa fileira, estava Menno Simons (Capítulo 1) e, para fazer justiça ao legado desse homem, é importante afirmar que, caso exista um ideal que foi preconizado e muito bem assimilado pelos Anabatistas, isto aconteceu somente a partir do engajamento de Menno Simons no movimento. Foi ele o principal homem que se empenhou pelo lançamento dos alicerces da nova igreja, assentado sob o ideal pacifista²⁵. Se anteriormente não havia uma coesão com contornos claros, e muitos estavam em pleno desalento e perdidos entre as regiões dos Países Baixos, agora Menno começa a reunir os já pacifistas anabatistas em torno de uma crença que os fez desde cedo etnorreligiosamente circunscritos, “sendo uma unidade definida que começa a compartilhar valores culturais fundamentais” (Barth, 2011, p. 189).

Isto significa dizer que o movimento anabatista começa a dar sinais de amadurecimento, porque agora existe uma ideia clara, pelo menos no que se refere à uma crença mais fundamentada e com uma clara percepção do cabedal doutrinário que os identificaria. Pode-se dizer que desta concepção vai nascer um grupo sectário, isto é, fiel às suas crenças e que lutaria incansavelmente pela não transgressão dos seus ideais, como o próprio termo sectário significa: “aqueles que não cometem transgressões”.

²⁵ Leon Tolstoy, em seu livro “O Reino de Deus Está em Vós” (1994), faz referência ao legado dos Menonitas em relação à contribuição destes na ideal do pacifismo, nos seguintes dizeres: “Ele ensina que o cristianismo, que exige de seus adeptos a resignação, a submissão, a doçura, o perdão das ofensas, que se ofereça a face direita àquele que bateu na esquerda e o amor aos inimigos, não pode se conciliar com a violência, a condição essencial do poder” (p.23).

A metodologia mais óbvia que eles possuíam inicialmente, além de viverem isolados devido às circunstâncias a eles impostas, era lutar para não permitir que elementos externos pudessem contaminar suas crenças e, assim, modificar tudo aquilo que para eles era compreendido como sagrado e dado por Deus. Então começam as exigências para que as famílias fossem constituídas dentro da mesma compreensão de fé, e este fator vai ser uma das principais características do futuro anabatista, se não o principal. No entanto, seria importante perguntar: quem está se isolando? A resposta seria: os anabatistas mais conservadores, mesmo porque houve grupos de anabatistas que se adequaram à vida da cidade, e suas exigências e tais colônias já estavam geograficamente definidas.

Dos primeiros isolamentos ainda não é possível afirmar que está nascendo um grupo étnico com todas as suas nuances necessários para sê-lo, considerando que o termo etnicidade seria de pouca utilidade se nesse caso usássemos para que seja “entendido para denotar diferenças culturais entre sociedades isoladas, regiões autônomas, ou *stoks* independentes de populações, tais como nações em suas próprias fronteiras nacionais” (OLIVEIRA, 2006, p. 23)²⁶.

Ainda é cedo para afirmar que estão reinventando a ideia de povo eleito, que, neste caso, são os alemães, holandeses, suíços que aderem, segundo eles, à verdadeira religião. Mais do que isso, da religião que está descrita no Novo Testamento; portanto, a verdadeira igreja eleita de homens que não se colocam em jugo desigual quanto ao credo adotado e quanto a cultural que estavam assimilando a partir da convergências de várias matizes nacionais.

²⁶ [...] “Diferenças entres chineses e hindus, considerados dentro de seus respectivos países, seriam diferenças nacionais, mas não étnicas. Mas quando grupos de imigrantes chineses e hindus interatuam numa terra estrangeira enquanto chineses e hindus, eles podem ser referidos como grupos étnicos. Etnicidade é essencialmente a forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos sócias comuns”. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 23).

O fato é que o isolamento²⁷ aos poucos vai se estabelecendo, a vida começa a se desenvolver apenas dentro de uma área geográfica e de mentalidade culturalmente definida, e os vizinhos, por sua vez, estão cada vez mais distantes. E aquilo que era apenas circunstancial começa a se tornar uma marca distintiva, uma identidade vai sendo forjada, o casamento se torna uma fonte da construção identitária, pois não existem mais pessoas de outros grupos ou de famílias de sangue distante para estabelecerem novas famílias, e começam a casar-se entre eles mesmos. Rapidamente, os Anabatistas rurais estão distantes dos seus pares urbanos.

Certamente esse fato faz esses colonos se sentirem cada vez mais únicos em relação aos seus iguais, resultando naquilo em Smith define como norte para a formação da etnicidade, que são “o sentimento de uma origem comum ao grupo, a consciência de uma história única e a crença em um destino comum... [...] o sentimento de uma solidariedade coletiva única” (SMITH, 1981, p.66). E, ainda mais, eles conseguem manter-se praticamente incontaminados em relação à cultura do local onde residem.

Sabe-se que todos os movimentos de cunho cristão têm como ponto de partida para legitimar-se a sua origem a Igreja descrita no Novo Testamento e invocam suas origens nos textos dos apóstolos, se fazendo herdeiros da igreja ali descrita. Udo Siemens, em seu livro *Quem Somos 1930-2010?* (2010) também começa sua narrativa a partir desse centro, revendo em poucas linhas os períodos vividos pelos cristãos em suas diversas fases, até culminar na visão da pré-reforma Protestante, momento este que ele afirma que “por mais de mil anos a Igreja e o Estado andaram juntos, onde ora um, ora outro era o mais forte, e ditava a última palavra em qualquer questão de Estado ou da Igreja” (p. 25). Entretanto, este autor desvincula o movimento Anabatista (Menonita) de diversos períodos da igreja e conecta apenas aos períodos pós-apostólico, eliminando, assim, como base para a sua existência diversas épocas da igreja que estende entre os após-

²⁷ É importante perguntar acerca do tipo de isolamento que aqui se refere, pois havia mais de um fator que o impunha, como escassez de terra e necessidade de um embrenhar-se cada vez mais para o interior, a própria perseguição, o auto isolamento, etc.

tolos e o próprio surgimento do movimento. Mais adiante retomaremos essa vertente de pensamento.

Alguns acontecimentos são primários na formação dos Menonitas, mais particularmente, e só poderia ser, após Menno Simons assumir sua posição ao lado da Reforma Protestante; afinal, do seu nome nasce a nomenclatura, acentuando sua decisão ao fazer do “anabatismo” a sua opção religiosa. No entanto, mesmo que suas premissas preconizavam “o pacifismo e a completa separação da igreja do estado”, as colônias existentes, até então, eram apenas o retrato de uma população rural ou de pequenas vilas onde se agregavam de vinte a trinta famílias, não mais, comum para aquela época. Mesmo porque os posicionamentos preconizados por Menno não exigem uma vida isolada em colônias; porém mais tarde serviu e, ainda servem, para justificar a existência das mesmas. É bom lembrar que Menno Simons foi o Teólogo que consolidou os principais pontos que regem os Anabatistas, e, se não fosse a sua mão, certamente o movimento da Igreja Reformada na Holanda teria sufocado de forma impiedosa o movimento dos “rebatizadores”²⁸.

Cornelius J Dick (1992) descreve como as colônias foram elaborando sua identidade e fixando o ideal que as regeria, com o firme compromisso de mantê-lo a qualquer preço, levando em conta que Menno Simons foi desafiado a assumir o pastoreio daquela comunidade de oito famílias. No entanto, era óbvio que não ficaria preso apenas àquele grupo, pois como a história testifica, acabou assumindo maiores responsabilidades, e, aos poucos, foi se embrenhando cada vez mais para o interior dos Países

²⁸ Durante boa parte do século XVI, os Países Baixos estiveram sob o poder dos soberanos Hapsburgos, primeiro com o imperador alemão Carlos V e a partir de 1555, com seu filho Filipe II, rei da Espanha. Os esforços em prol de reformas religiosas nessa região haviam surgido ainda nos séculos XIV e XV, com movimentos dos Irmãos da Vida Comum. Tais movimentos tinham uma teologia agostiniana e davam ênfase ao estudo da Bíblia, à vida devocional e à educação. A partir de 1520, surgiram as primeiras influências luteranas e anabatistas, que enfrentaram intensa repressão por parte das autoridades civis e eclesiásticas. A fé reformada começou a se fazer sentir em 1523, através de contatos do estudioso holandês Hinne Rode e com o reformador suíço Ulrico Zwínglio, e no final da década de 1550, já havia se implantado solidamente e principalmente nas regiões de língua francesa ao sul (ver mais em <http://www.mackenzie.br/7010.html> - acessado em 25/10/2016 as 11:15h).

Baixo, assumindo o comando daqueles agrupamentos comunitários e, na medida em que avançava, passando por Flandres, ia cada vez mais adentrando para a região ao norte da Alemanha²⁹.

Certamente Menno, em seu primeiro momento, não tinha toda a dimensão até onde ele iria chegar e se tornar, nem pudera; a sua saga estava apenas no começo, pois “Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial” (GLEISER 1997, p. 71-72). Esta era inicialmente a própria concepção que Menno tinha sobre si mesmo quando relata sua história, pois parece que ele não tem ideia da dimensão da sua contribuição com o movimento da Reforma.

Menno, agora dentro do movimento Reformado, se viu destinado para uma obra que fosse capaz de uma vez por todas separar o “joio do trigo” e ,segundo sua “hermenêutica”, começou a pregar, escrever e ensinar todos aqueles que pertenciam às comunidades por ele pastoreadas. Seus temas pretendiam levar à clareza e ao encorajamento para que a jovem igreja, cujo labor de fundamentá-la, consciente ou inconscientemente, estava sob sua responsabilidade e, por essa causa, ele entregou sua vida por completo, até os últimos dias de sua existência. Essa tarefa era o prazer de Menno; o desprazer nem mesmo era a perseguição, pois para ele as perseguições eram necessárias, porque “se a cabeça sofreu, o corpo também deveria ser provado”.

Dyck (1994) revela que Menno sofreu, no sentido da sua decepção, mais com a perseguição dos próprios Reformados do que por parte da Igreja Católica. Mesmo nas vezes que precisou enfrentar os resquícios do fanatismo no interior do movimento anabatista, ou seja, mesmo assim era

²⁹ Não custa lembrar que Menno Simons era um holandês que adere o Protestantismo ainda estando em sua pátria, que agora ao lado dos anabatistas está estendendo sua área de atuação no sentido Holanda-alemanha. Neste caso, os anabatistas tinham ganhado terreno, saindo da Suíça Zwingliana e se espalhados pelo Reno ate a Holanda e entre outras partes.

mais simples do que ter que lutar contra os Luteranos. Para ele, os Luteranos e os Reformados Calvinistas eram comunidades que possuíam muito mais questões em comum do que divergências. Sendo que as doutrinas centrais que os uniam, tais como a própria controvérsia da “justificação pela fé” e mais especificamente a “centralidade das Sagradas Escrituras, como regra infalível de fé”, ainda que, em questão de suas respectivas aplicabilidades, sofria entre eles pequenas variações, não significando necessariamente razão para tamanha perseguição.

Era óbvio que a distância era muito maior, pois os anabatistas, neste caso e a essa altura, já ganharam renome de hereges pelas demais manifestações religiosas, principalmente na controvertida doutrina dos sacramentos, especificamente em relação ao batismo apenas dos adultos ou da idade da razão, que, na verdade, significava e ainda significa que somente pessoas capazes de obter uma fé convicta e por si mesmos tomar uma decisão poderiam ser batizadas e assim serem inseridas na comunidade, ou melhor dizendo, na igreja restaurada³⁰.

Muitos debates se seguiram por longos anos, dado que a data aceita pelos estudiosos como decisiva para a “conversão” de Menno está entre 1535 e 1536 (BENDER e HORSCH, 1943, p. 17), quando tomou parte de alguns deles. O resultado de tais debates foi publicado em meados de 1552, cerca de dezesseis anos após Menno ter assumido a liderança dos Anabatistas³¹, oportunidade que ele narra a sua experiência sob a nova postura que havia assumido, onde descreve sua conversão e sua caminhada evangelística, sem deixar de postular sua compreensão acerca do batismo e da eucaristia (santa ceia), bem como outros pontos, tais como a disciplina na igreja e a doutrina da encarnação de Cristo. A posição de Menno ficou intitulada “Uma resposta a Gallius Faber”, e, mais tarde, seus posiciona-

³⁰ Menno, como já fora dito no capítulo 1, analisou todo o material a sua disposição a procura de base para o batismo infantil, e, segundo ele, não tendo encontrado nada capaz de convencê-lo, optou por aderir às doutrinas defendidas pelos Anabatistas.

³¹ Esta liderança diferia de Calvino, pois este tinha uma residência fixa em Genebra; no caso de Menno Simons, ele se tornou o líder itinerante que viajava diuturnamente, colaborando na fixação das doutrinas Anabatistas por onde passava, espalhando assim sua teologia.

mentos se tornaram quase que canônicos, pois para os seus seguidores que são irrefutáveis e por isso foi o alicerce dos Anabatistas.

Faço uso da lógica de Mask (2004, p. 25), em que o mesmo ressalta que, nesses debates, uma das posturas mais clarificadas foi que Menno³² se diferenciou das igrejas estatais, apoiadas pelo Estado, em dois pontos básicos: a natureza da vida cristã e a natureza da Igreja. Quanto ao primeiro ponto, enfatizavam a importância do novo nascimento e do discipulado. Somente o arrependimento pessoal dos que haviam passado por uma experiência de conversão deveriam ser batizados e recebidos como membros da Igreja. “A conversão deveria ser atestada pela intenção de viver como um discípulo dedicado a Cristo”. De suma importância era: de que maneira expressariam o verdadeiro discipulado? Por meio do amor e do pacifismo, que não admitiam a participação em manifestações violentas, como, por exemplo, em guerras ou disciplina militar, ou ainda em não fazer juramentos, pois tais atividades eram consideradas contrárias aos exemplos e ensinamentos de Cristo e dos apóstolos que enfatizaram a defesa da paz.

No segundo ponto, a natureza da Igreja era definida como uma reunião voluntária dos convertidos, completamente desvinculada do Estado. Os membros da Igreja deveriam ser unidos com base exclusiva na sua lealdade para com Cristo e de seu amor uns para com os outros. Essa vida de discípulo, que os separaria do mundo, era aconselhada, mas não era ainda a base para o estabelecimento de colônias isoladas, autossuficientes, com pouco contato com o mundo exterior; o isolamento passou a ser mais necessário em função da perseguição sistemática que os membros sofriam. Regiões inóspitas e pouco habitadas foram sendo procuradas, e colonos foram se identificando como discípulos de Menno e foram estabelecendo suas colônias, muitas vezes com a aprovação dos soberanos dessas regiões, desejosos de povoar seus territórios com camponeses tidos como morigerados para aumentar a riqueza de seus domínios.

³² Para não dizer os menonitas, termo que surge após Menno.

Durante os séculos XVI e XVII, várias localidades da Europa acolheram refugiados que, à essa altura, certamente os anabatistas começaram a se identificar pela nomenclatura Menonitas, e já estão em um processo de transição de meros anabatistas para essa nova identidade cultural, e as exigências também começam a ganhar novos contornos. Estes exigem a concessão da liberdade de religião, permissão para assentamento em colônias fechadas e isenção da prestação do serviço militar. A Morávia e o Palatinado, no Sacro Império Romano-Germânico, e Galícia, Volínia, Prússia Ocidental, Prússia Oriental e Dantzig, domínios da Polônia, foram as regiões mais procuradas pelos discípulos de Menno (MASK 2004, p.25-26).

Como é sabido, as cidades dessa região da Europa viviam do comércio. Devido a esse fato, os navios comerciais transitavam na região e as notícias viajavam com eles. Dessa realidade, certamente, esses anabatistas com uma nova roupagem chamada Menonitas ficaram sabendo da possibilidade de encontrarem regiões que ainda poderiam estar disponíveis para os seus projetos, uma vez que se propagou a notícia de que o duque Albrecht da Prússia, adepto do luteranismo, e seu suserano, e rei Sigismundo da Polônia, estavam colocando grande quantidade de terras à disposição de camponeses e artesãos protestantes que quisessem fixar residência e trabalhar numa região na qual vigorava a tolerância religiosa (MASK, 2004 p. 34).

A região foi tomada por imigrantes, a maioria deles Anabatistas³³, que, à essa altura, já estão no processo de transição para serem exclusivos seguidores das doutrinas do pregador itinerante Menno Simons e se apresentam como Menonitas³⁴, desejando se afastar da Inquisição Espanhola e de do estigma do evento de Münster. Desse modo, as novas congregações Anabatistas foram rapidamente sendo estabelecidas, e uma comunidade

³³ Mask à essa altura identificando-os como Menonitas. Minha opção é identifica-los ainda como Anabatistas, sem, contudo, dizer que já se apresentam como Menonitas.

³⁴ É razoável que nos perguntemos se eles mesmos começam a se apresentar como Menonitas ou se começaram a ser identificados por aqueles que não participavam do grupo de seguidores de Menno e daí Menonitas?

forte surgiu, e o próprio Menno Simons³⁵, mais tarde, andou visitando essa comunidade estabelecida em Dantzig, em 1549.

Dirk Philips, discípulo de Menno, fixou residência em Schottland, um subúrbio de Dantzig, em 1561. Novas congregações foram estabelecidas em Elbing, Ellerwald, Fürstenwerder, Ladekopp, Heubuden e em outras localidades mais distantes, como Königsberg, fazendo assim dos Anabatistas um grupo pungente e que buscava defender seus interesses, os quais coadunavam com suas crenças. Obviamente que os anabatistas já eram considerados, de uma forma mais depurada pelos demais Protestantes, como uma seita herética, e setores do protestantismo não facilitaram a vida deles; com a pressão de tais líderes, se viram então obrigados a se afastarem cada vez mais da religião institucionalizada.

Pode-se afirmar que foi uma reclusão involuntária, desembocando na constituição de característica que se lhe tornou particular, isto é, as relações para contatos diários aconteciam quase que exclusivamente entre o próprio grupo, derivando doravante uma acentuada preservação da língua holandesa e do alemão; no entanto, começou a ser adotado apenas o alemão em 1757, dois séculos depois da chegada dos primeiros Anabatistas na região da Prússia Ocidental (PENNER, 1987, p. 47). Em um próximo momento, ver-se-á a função da escola para o estabelecimento de um idioma único.

Havia outros fatores que contribuíram para que os agora chamados de Menonitas se tornassem homens das colônias³⁶. Dentre eles está a doutrina que exigia a união matrimonial somente entre os membros da mesma

³⁵ O simples fato de Menno ter visitado essas colônias, significa que ainda não eram identificadas como Menonitas, mas quem sabe eles se consideravam ligados a Menno por causa desse pastoreio que se tornou comum entre outros reformadores.

³⁶ Particularmente entendo que o anabatismo se tornou a “religião oficial” das pessoas que viviam em pequenas colônias, porque as cidades maiores foram tomadas por outras alas da Reforma como Luteranos e Calvinistas, sem contar com a presença da Igreja Católica que não desaparecera com o advento da Reforma, e Menno Simons começa a agir onde não havia assistência do clero Católico e Reformado. Portanto, ainda que os Anabatistas tenham se estabelecido nas cidades, os Anabatistas das Colônias foram se tornando Menonitas por causa da presença deste.

comunidade, cobrada pelos Presbíteros da Igreja, gerando uma homogeneização étnica do grupo; e, para que o grupo se resguardasse, mais ainda, as leis que foram promulgadas quando os prussianos assumem a coroa, regulamentando o matrimônios entre os membros das várias confissões³⁷, ou seja um Menonita poderia casar com uma Luterana ou com Católicos, e crianças oriundas dessas uniões “não” estariam isentas do serviço militar e deveriam ser educadas na religião dos “não” Menonitas, uma medida claramente coerciva (PENNER, 1987, p.26).

Será que essas exigências, tanto interna como externa foram cruciais para que a identidade étnica fosse estabelecida, uma vez que identidade étnica pode ser por adesão a um ideal ou por laços de crenças, mais do que por possuírem a mesma matriz como pensa Smith (1981)? Será que aqui firma-se a ideia de persistência étnica dos Menonitas, que transcende a mera ideia de uma religião de adesão, como as outras vertentes protestantes que nasceram com Reforma? Os menonitas se apresentam muito mais que uma identidade religiosa como luteranos ou calvinistas; são, na essência, quase que uma etnia de origem biológica. Retornar-se-á a este debate mais adiante na questão de identidade étnica e os estudos de Cavalli-Sforza (2002).

Portanto, é necessário entender o processo de transmutação de uma nomenclatura para outra, isto é, de Anabatistas para Menonitas. Como já fora dito, não havia Menonitas essencialmente falando, o que havia eram os Anabatistas, as pessoas e grupos que Menno Simons evangelizava, pastoreava e treinava eram inicialmente anabatistas e nada mais do que isso. A verdade é que, para aqueles que seguiam Menno, não havia a compreensão teórica sobre o que era ou deixava de ser Anabatista. Quem os fez anabatistas foram aqueles que os observavam em suas práticas e percebiam que eles rebatizavam os novos adeptos independentemente de onde migra-

³⁷ Pode se dizer que o Governo possui outras preocupações em fixar leis desse calibre; se por um lado pretendia restringir que as pessoas se apresentassem como Menonitas simplesmente para se isentarem dos deveres com o Estado, por outro havia a clara preocupação pela não diluição da mentalidade alemã em seu território e sua identidade russa sofresse influência externa.

vam; daí nasce ideia de Anabatista, que não custa lembrar que significa nada mais do que aqueles que batizam as pessoas já batizadas.

Calvinismo, Luteranismo, Anabatismos são definições que foram cunhadas após o movimento ganhar expressão. Porém, começam a surgir distanciamentos entre os próprios Anabatistas, que devido às imposições e exigências da época, começaram a flexibilizar suas crenças de modo a se adequar ao espírito vigente onde viviam. No entanto, aqueles que eram mais conservadores e que não permitiam tal flexibilização e entendendo que estavam perdendo a origem, se deixam identificar como seguidores exclusivos de Menno Simons. Era óbvio que o Reformador não permitia isso, mas ele mesmo sucumbe ao tempo e, em 31 de janeiro de 1561, não há mais como impedir que os mais fiéis aos seus ideários se identificassem como Menonitas³⁸. Menno deve ter exercido uma profunda influência sobre suas congregações, a ponto de serem reconhecidos pelo nome do seu pastor.

Dado essa faceta sobre o que define um Menonita em sua essência, uma vez que sê-lo é se identificar com uma mentalidade, e esta mentalidade esta exarada na compreensão que Menno Simons esboçara ao longo de sua trajetória, compreensão esta que tem como marca quase que única entre os reformadores naqueles dias. Menno tinha como eixo central de sua teologia pelos menos duas vertentes: o pacifismo e a completa separação da Igreja do Estado. Dessa dupla formulação de seu pensamento é que deriva todo o espírito que rege a identidade do menonitismo de colônia. Por isso, manter essa característica é possuir o DNA da verdadeira Igreja; sendo assim, os Menonitas são os únicos que agem dessa forma. Portanto, são a verdadeira Igreja restaurada no entender que possuem de si mesmo, levando em conta o eu em detrimento do outro (BARTH, 2011 e OLIVEIRA, 2006).

³⁸ No geral, esse grupo que começava a ser identificado como Menonita, não era Católicos e nem Protestantes, porque somente na Dieta de Espirra em 1525 que o termo Protestante vai surgir. Provavelmente deveriam ser definidos como dissidentes ou pelo nome dos seus líderes, assim como o relato de Atos dos Apóstolos 11.26 de que em Antioquia os discípulos foram chamados pela primeira vez de cristãos.

2.2. Da compreensão à migração Menonita.

Uma vez que é dado como certo que alguns Anabatistas já vinham se apresentando como Menonitas (provavelmente naqueles dias esse nova visão deveria possuir uma ruptura distinguível entre um Anabatista de um Menonita), podemos inferir que houve uma espécie de cisão dentro do movimento anabatista, cuja mesma carece de maiores esclarecimento; todavia, não sendo essa a nossa preocupação, ressaltamos que os estudos sobre a migração não mais trata de Anabatista como se eles fossem todos transformados em Menonitas ou tenham se esvaído de todo, fato que não é verdadeiros, uma vez que constatamos a existência de anabatistas diferentes dos Menonitas na atualidade.

Passemos agora à história da migração dos Menonitas, cujo tema não é recente, haja vista que essa migração tem origem já na constituição desse grupo que, ainda nos dias mais embrionários, se viu comprimido em seu próprio *locus* (primeiro capítulo), quando, a princípio, nem mesmo se constituía em um grupo organizado, senão camponeses espalhados por uma vasta região da Europa. Originalmente, os Menonitas são constituídos de alemães, suíços e holandeses. O próprio patrono desse grupo era um holandês, que, após sua adesão ao Protestantismo, passou a ser um homem sem pátria, obrigado a viver na clandestinidade e, assim, em constante movimento (migração).

Entende-se que não é essencial para os intentos desta dissertação fazer uma pesquisa exaustiva sobre todo o processo migratório dos menonitas desde a Europa para as Américas (Norte, Central e Sul), mesmo porque Mask, em dois momentos, esboçou esse processo (1999 e 2004) bem como Torraca (2006). No entanto, é necessário compreender globalmente tal processo em suas respectivas fases. O que importa de fato é compreender as necessidades do Paraguai em receber imigrante; quanto à recorrência dos Menonitas em procurar um destino, já fora esclarecida nos capítulos precedentes. No terceiro capítulo, far-se-á uma exposição específica do

contexto Paraguaio, quando este se abriu para receber emigrantes e, em seguida, tratar-se-á dos estudos empíricos no interior da colônia.

Na constituição dos Menonitas como um grupo definido etnoreligiosamente, desde que Menno Simons começa a liderá-los, percebe-se que a natureza que os define leva-os a ser um grupo que praticamente vive à margem das demais expressões religiosas da época, pois não eram católicos em sua essência e nem seguiam a dita Igreja Reformada, sendo, desse modo, quase que um corpo estranho dentro do espírito do século XVII. São únicos, independentes, autossuficientes e, até certo ponto, rejeitados pela sociedade.

O movimento anabatista (menonitas) sempre teve como um dos pilares de suas crenças o pacifismo . A essa altura, já embrenhados no território prussiano, dentro das exigências do Governo prussiano estava jamais permitir a isenção ao serviço militar, independente da razão que se lhes apresentassem, pois almejava ampliar o número de seus soldados para os previsíveis eventos militares. Esse fato levou os já Menonitas a apresentarem seus argumentos relacionados à questão de que seus filhos não poderiam pecar ao portar armas e matar seus semelhantes, isto porque seriam diretamente afetados pelas ordens para a convocação de alistamento militar.

Apesar de todas as pressões, os Menonitas não foram compulsoriamente obrigados a prestar o serviço militar, porém deveriam pelo menos patrocinar a formação de oficiais, pagando impostos. E, assim, haveria um tipo de compensação, e a isenção dos serviços militares seria minimizada. Ao aceitar essa contrapartida, o governo impôs um imposto tamanho que praticamente não sobrava renda suficiente para os menonitas comprarem terra para atender a demanda sempre presente pelas novas gerações. Surge uma nova opção para os menonitas enviarem seus filhos para servirem o exército em atividades sanitárias e burocráticas, mas era tarde e a situação não sofreu grandes alterações, pois agora o governo da Prússia decreta a proibição da vender terras aos menonitas.

A essa altura, já se passaram cerca de 250 anos da presença do Menonitas na Prússia e, com tais medidas, eles começam a vislumbrar a necessidade de uma mudança territorial (migrar). Para isso, deveriam procurar regiões onde lhes fossem oferecidos os privilégios que necessitavam, tais como: exclusão ao serviço militar, independência administrativa, instituição de um sistema educacional autônomo, a completa liberdade religiosa e a liberdade para usarem a língua alemã.

Ainda que tenham sido proveitosos os anos que ficaram na Prússia, tempo que consolidaram suas conquistas como um grupo étnico devido à uma origem e sentimento comum (SMITH, 1981), se tornando um grupo bilíngue *Hochdeutsch* como língua pública do grupo, sem excluir os *Plattdeutsch* da esfera privada, e construindo um sistema educacional capaz de perpetuar o ideal da comunidade menonita entre as gerações vindouras, conseguindo desse modo constituírem-se rapidamente em colônias autônomas na Rússia (MASK, 2004, p. 26-27).

Essa autonomia a identitária Menonita que estava se formando e que por começou a produzir um sentimento específico entre eles de que seriam os únicos camponeses que sempre sofriam revezes, quando, na verdade, todos as pessoas que identificavam como rebatizadores (anabatistas) e que se recusavam quebrar as diretrizes que foram estabelecida pela Confissão de Schleithem nos artigos 6 e 7, “a não resistência e a proibição do uso da espada e proibição de jurar eram ferozmente tripudiados (JACKSON, 2012, p.11) ³⁹.

2.3. Os Menonitas na Rússia: sonhos e desalentos.

Deve-se levar em conta o contexto em que os Menonitas adentram na Rússia, bem como as motivações para tal fato acontecer e os desdobra-

³⁹ Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade e Holocausto* (1998) faz uma interessante reflexão de como o estado Judeu se apropriou do Holocausto e tem usado para sua legitimidade política ainda hoje como justificativas para o que já fez e poderá ainda vir a fazer. Bauman traz a memória que o holocausto foi uma tragédia judaica que vitimou 6 milhões que estavam entre os 20 milhões de pessoas aniquiladas a mando de Hitler (p. 10-11)

mentos dessa migração da Prússia para a Rússia. A história dos Menonitas na Rússia, no ano 1763, marca o edito da Imperatriz Catarina II, convidando alemães de todas as confissões a se estabelecerem em territórios recém-conquistados dos Turcos, regiões próximas ao Mar Negro.

Catarina era simpatizante do Iluminismo, por isso sentia o desejo de incentivar a modernização e o desenvolvimento da sua nação. Para alcançar o seu objetivo, procurou criar uma atração para imigrantes de países mais avançados, a fim de desenvolver a agricultura, o comércio, a indústria e a educação, diminuindo a influência que os latifundiários conservadores e a Igreja Ortodoxa tinham sobre a Rússia. Com tal atitude, ela também aumentaria o seu poder pessoal. Na segunda década posterior ao seu edito de convocação, mais de 100 colônias foram estabelecidas por um misto de gente, tais como alemães luteranos e católicos⁴⁰, nas estepes da Ucrânia, na Criméia, às margens do Mar de Azov, na Transcaucásia e no vale do Rio Volga (MASK, 2004, p. 29-30).

Dada que a situação na Prússia estava insustentável, ao mesmo tempo em que, em 1786, o barão Russo Georg von Trappe fora recebido cordialmente pelos Menonitas, enchendo-os de entusiasmo com a proposta de migrarem para a Rússia, por sugestão de Trappe, os Menonitas enviaram dois representantes a fim de inspecionar as terras em questão, e estes partiram no final de 1786 e retornaram um ano depois. O relatório apresentado era favorável quanto às terras oferecidas e ao acordo previamente acertado com as autoridades Russas. Na Rússia, todos os imigrantes possuíam os mesmos privilégios: “A política de colonização russa [...] tinha como objetivo uma total separação dos imigrantes estrangeiros da população nativa, o que significava um alto grau de autonomia para as colônias, que eram quase que independentes do Estado Russo em um grande número

⁴⁰ É necessário destacar que o convite de Catarina insere em seu território várias matizes religiosas, tais como luteranos, católicos e obviamente os anabatistas, certamente esses grupos eram constituídos de pessoas comuns e adeptas de uma dessas religiões ou de um desses sistemas de crenças.

de assuntos, principalmente nos mais importantes para os Menonitas⁴¹,” (MASK, 2004, p. 30).

Isto era tudo o que os Menonitas desejavam, pois era um “padrão que lhes agradou muito, pois almejavam o direito de controlar seus próprios assuntos religiosos, educacionais e cívicos...” (DYCK, 1992, p. 154). A grande luta dos menonitas, em toda a sua história, sempre foi para manter viva a herança de Menno Simons. Como esses privilégios existiam anteriormente na Prússia Ocidental, mas, devido às reviravoltas políticas do Estado, foram aos poucos sendo cerceados, migrar para a Rússia, mesmo que fossem em condições difíceis, e como o foi, era mais vantajoso, uma vez que ter liberdade religiosa e isenção dos serviços militares valeria qualquer preço, e eles estavam dispostos a pagar.

Mask descreve como os primeiros tempos foram difíceis e muitos colonos chegaram a pensar em voltar para a Prússia Ocidental:

Doenças e epidemias causaram grandes perdas humanas, principalmente entre as crianças. Grandes períodos de chuva impediam o plantio e longos invernos não deixavam o trigo amadurecer. O governo russo começava a falhar em suas promessas de auxílio financeiro já nos primeiros anos de colonização, agravando a situação da maior parte do povo, que era muito pobre. Entretanto, muitos dos problemas eram decorrentes da falta de união entre os colonos; as instalações para a administração das colônias e para o funcionamento das escolas eram inadequadas; as escolas, consideradas exemplares na Prússia, eram agora enunciadas como ridículas e primitivas, na maioria das aldeias, a escola era também utilizada como lugar de culto aos domingos; além disso, como em quase todos os assuntos, o governo russo não interferia, nesse momento, no sistema escolar, deixando que o currículo fosse todo aplicado em língua alemã. (2004, p. 31-32).

Apesar disso, muitas coisas boas foram conquistadas ou liberadas pelo governo, pois, para facilitar a administração, as colônias foram divididas em aldeias, que elegiam um representante local para os assuntos lo-

⁴¹ Observa-se que existe uma ambiguidade no termo, isto é, a nomenclatura Anabatista desaparece e o termo Menonita assume a proeminência. Mas será que o governo Russo se abre aos Menonitas ou aos rebatizadores e para quem desejasse? Todavia usaremos o senso comum e falaremos dos Menonitas.

cais e um administrador geral, que era a autoridade máxima em cada colônia, as quais eram independentes entre si, como pequenos Estados. Por meio do administrador geral, as colônias se reportavam a uma autoridade especial sediada em território russo e com o governo imperial, sediado em São Petesburgo. Isto significa que os governantes das províncias russas, nas quais se localizavam as colônias estrangeiras, não tinham poder sobre elas.

Em 1836, já dispunham de 46 aldeias habitadas por cerca de 10.000 menonitas. Enquanto isso, o Governo da Prússia percebe a evasão de súditos que, em função disso, depois de 1788 até 1806, havia emigrado cerca de 800 famílias menonitas, num total de quase 10.000 pessoas. O governo prussiano começou a se alarmar, pois estava perdendo fazendeiros altamente especializados no cultivo de cereais, na pecuária leiteira e na produção de laticínios. Para tentar estancar a saída dos colonos, os impostos sobre a terra foram diminuídos e foram retiradas restrições quanto à compra de terras por súditos menonitas. Sem embargo, o fazendeiro menonita que vendesse sua fazenda para emigrar, deveria pagar uma taxa de 10% sobre o valor da propriedade vendida (DYCK, 1992, 158 e 159), estancando, assim, o êxodo dos colonos.

A isenção de impostos e a quase independência das colônias estavam sendo eliminadas por um governo russo cada vez mais nacionalista e ambicioso de aumentar o seu poder. Também existia e a preocupação desse governo com a língua alemã ensinada nas escolas, que para ele era altamente nocivo, pois poderia um dia lá no futuro ter influência sobre a língua russa. Atrelado a isso, é possível que a retirada dos privilégios econômicos, concedidos aos Menonitas quando estes chegaram, possa ter sido uma das influências para a decisão de novamente terem que passar por mais uma processo de migração, optada por cerca de um terço dos menonitas da Rússia (MASK, 2004, p.34).

O rápido crescimento demográfico dos menonitas levou a uma procura crescente por terras. Os 10.000 colonos existentes em 1800 se torna-

ram 34.500 em 1859. A disponibilização de terras, no entanto, não acompanhou esse crescimento. Contudo, para evitar excessiva fragmentação das terras produtivas ocasionada por herança, o governo russo determinava que a unidade camponesa básica fosse de 176 hectares, não podendo ser dividida por qualquer razão. O resultado dessa situação seria que muitas famílias logo ficariam sem terras, e seus membros se tornariam cidadãos de classe inferior nas comunidades menonitas.

Essas famílias acabaram por receber um pequeno terreno para o cultivo de subsistência nos arredores das colônias, e passaram a ser chamadas pejorativamente de “aquele que vive às margens”. Os ricos latifundiários, conhecidos como “agricultores”, donos de grandes extensões de terras, eram os únicos que tinham o direito de voto nas eleições, uma vez que esse direito estava ligado à propriedade da terra. Assim, aqueles “marginalizados” tinham que pagar impostos, mas não podiam votar porque não eram proprietários (Mask, 2004, p. 35). Pode-se concluir que era uma espécie de dupla exploração, uma por parte do estado, e outra por parte dos próprios correligionários e irmãos:

Em 1835, a situação chegou a tal ponto que, havia 1.384 proprietários e 2.356 trabalhadores sem terras. Para solucionar o problema e evitar a desintegração das colônias menonitas da Rússia, os líderes das duas maiores e mais ricas colônias, iniciaram um vigoroso programa para juntar fundos para a compra de grandes propriedades em áreas da Rússia, nas quais deveriam ser estabelecidas as chamadas colônias filhas, destinadas aos sem terras. Um prazo de 10 anos para o pagamento das terras seria dado a eles, que deveriam depositá-lo num fundo especial, destinado à compra de mais terras no futuro. O ápice do progresso comunitário dos menonitas na Rússia ocorreu entre 1850 e 1917. Graças ao sistema de colônias filhas, o ritmo do crescimento econômico acompanhou o crescimento populacional. Em 1920, havia 120 mil menonitas na Rússia, sendo que 70 mil viviam na Ucrânia, 40 mil na Sibéria e o restante estava disperso pelas mais diversas províncias do país (MASK, 2004, p 35-36).

Se, por um lado, os menonitas ficavam cada vez mais ricos, por outro o governo russo estava costurando seu direito, se assim pode-se dizer, de nacionalização, o que iria alcançar todas as colônias existentes no país

de uma forma indelével⁴². Os resultados seriam a alteração dos limites territoriais das colônias, pois “[...] o conceito de colônia fechada desapareceu e os menonitas passaram a se sentir de fato uma minoria de cultura diferente, já que agora tinham contato direto com a população russa⁴³” (MASK, 2004, p.36).

Doravante, qualquer documentação que fosse oficial das colônias, que antes poderia ser lavradas na língua alemã, deveria de pronto ser transcrita na língua nativa, isto é, a língua oficial na Rússia. Para Mask, isso era apenas a ponta do “iceberg”, pois mudar a língua das escrituras poderia ser contornado, mas a ameaça maior era que “ao modo de vida menonita era a obrigatoriedade do ensino da língua russa em todas as escolas e que professores russos seriam enviados a lugares nos quais os menonitas fossem considerados incompetentes para o ensino” (2004, p. 36). Em 1891, por determinação imperial, toda a educação nos limites do Império Russo deveria ser ministrada exclusivamente em língua russa. O alemão poderia continuar a ser ensinado, mas somente como língua estrangeira. Esta exigência imperial colocaria no chão o último bastião que os faria continuar sendo Menonita legítimos, pois cortaria a conexão histórica com a origem.

Esta atitude do governo russo tem uma importância singular na história dos menonitas, pois quedar-se ou não diante da compulsoriedade de tal exigência poderia significar uma desvinculação com o passado, o que resultaria no abandono das suas origens cultural. Mask percebe isso de uma forma singular:

⁴² O economista Há-Joo Chang (2010), aponta que Stalin se apropria do plano do economista russo Yevgeni Preobrazhensky “[...] No entanto, em 1928, tudo mudou. Ao se tornar o único ditador, Stalin roubou as ideias dos seus rivais e as implementa a estratégia defendida por Preobrazhensky. Ele confiscou terras [...] dos fazendeiros ricos, e colocou toda a zona rural sob o controle do Estado por meio da coletivização da agricultura. As terras confiscadas aos kulaks foram transformadas em fazendas estatais (sovkhoz), enquanto os pequenos fazendeiros foram obrigados a ingressar em cooperativas ou fazendas coletivas (kolkhoz), com uma participação acionária nominal (p.114).

⁴³ A abertura das colônias de fechadas para aberta os poria em contato com os russos, gerando uma tendência de perda de status.

[...] foi a partir desses acontecimentos, possivelmente, os menonitas passaram a ver a língua e a cultura alemãs como parte essencial de sua fé. A maioria deles havia aprendido a identificar-se completamente com suas comunidades fechadas e independentes. Essa era sua nação, e a língua dessa nação era a alemã e não a russa. As mudanças que estavam acontecendo ameaçavam lançar os menonitas no oceano russo e assim assimilá-los. *Para eles, seria o fim de sua fé, pois o alemão era a língua sagrada dos menonitas, assim como o hebraico era a dos judeus, ainda que houvesse menonitas, mesmo que poucos, que não viam a questão da língua como essencial*⁴⁴ (2004, p. 36-37)⁴⁵.

Isso era praticamente para os Menonitas mais zelosos e defensores da tradição o início do fim de um sonho. O céu da esperança estava se escurecendo e era necessário mais uma vez se perguntarem se ainda existia um paraíso perdido, onde poderiam continuar a história sagrada que Menno Simons um dia disse ser necessária que fosse preservada? Mas a saga na Rússia ainda tinha mais alguns imperativos que iriam selar a decisão pela procura de novos tempos em novos lugares.

A Primeira Guerra Mundial acabou envolvendo os Menonitas com a sociedade russa, pois a essa altura eles eram eminentes e ricos, possuindo escolas e hospitais particulares, que atendiam a muitos que não eram menonitas. Não somente isso, mas suas atividades comerciais foram aprofundando e o relacionamento entre eles e os russos foi amadurecendo e se consolidando. Eles ofereciam empregos em fazendas, fábricas e residências menonitas para os russos⁴⁶, mas todos esses fatores não significaram que as diferenças sociais, culturais e econômicas existentes tinham cessado, pois o ar de superioridade por parte do Menonitas, como entende Mask, “atitude própria de uma minoria em ascensão”, criava um fosso, e os russos os viam com má impressão:

Essas atitudes, unidas à sua prosperidade, num país no qual a miséria reinava levaram as colônias a terem sérias

⁴⁴ O itálico é meu, devido à identificação desse fato na pesquisa de campo junto à colônia de Nova Durango.

⁴⁵ É importante ressaltar que se torna um grupo étnico a partir da premissa de Smith (1981), portanto por possuírem uma crença comum e um destino comum mais do que por qualquer outro fator.

⁴⁶ Essa prática empregatícia de nativos se repete entre os Menonitas da colônia de Nova Durango e demais colônias no território paraguaio.

dificuldades com o advento da Revolução Russa de 1917. Eram suspeitos de colaboração com a Alemanha durante a guerra, em função de serem considerados etnicamente alemães e falarem alemão. Por serem ricos fazendeiros e comerciantes, eram considerados inimigos da Revolução. Com a guerra civil entre os Exércitos Vermelho e Branco, suas propriedades foram devastadas. Logo depois, vieram grupos de salteadores armados roubando tudo que podiam e matando e queimando o que restava. Em 1923, muitos menonitas iniciaram um fluxo migratório para o Canadá, auxiliado pelo grupo lá estabelecido a partir de 1874. Os que optaram em permanecer iniciaram a difícil tarefa de reconstruir suas comunidades. Uma organização representativa foi estabelecida em Moscou para servir de mediadora entre eles e o governo russo e defender os interesses dos que ficaram (MASK, 2004, p. 37-38).

Desse contexto de vida, e sabendo que aqueles primeiros imigrantes que foram para as Américas estavam em melhores condições, pelo menos em termos de liberdade para desenvolverem suas crenças e possuírem suas terras em uma região onde a guerra era uma realidade mais distante, os menonitas russos começam a verem a migração como uma das poucas oportunidades para sobreviverem. É o que acontece. Começa, então, um fluxo de migração para as Américas como descrito abaixo.

2.4. A migração dos Menonitas para as Américas.

Existe uma complexidade na imigração Menonita, segundo Lawrence Douglas Taylor Hansen (2005), “Las circunstancias que condujeron a su inmigración a México fueron muy complejas y estaban relacionadas fundamentalmente con su desarrollo como Pueblo⁴⁷” (p.6). Assim, se localiza a problemática no fato de que eles migram como povo e não como indivíduo, e, por causa disso, exigem concessões para que possam existir como tal.

⁴⁷ Tradução minha “As circunstancias em que foram conduzidas a imigração para o México foram bastante complexas e estavam relacionadas fundamentalmente com seu desenvolvimento como nação”.

A Rússia no ano de 1786 já detinha o controle da região e encaminha dois agentes com a tarefa de persuadir os Menonitas a integrarem a região da província Ekaterinoslav, no sul da Ucrânia, região onde foram estabelecidas várias colônias Chortitza (1789), Molotschna (1804), na região de Berdiansk, ao norte do mar de Azov; como Bergthal (1836) e Fürstenland (1864); portanto, pelo menos quatro delas, além de subcolônias (colônias menores). Porém, o governo Russo lhes concedeu alguns privilégios adquiridos na Prússia e, em 1870, escasseou outros, por meio de um decreto determinando o governo devesse fazer parte de administrações de colônias estrangeiras que possuíam administração de vidas, além de exigir que os Menonitas prestassem serviço militar e ensinassem a língua russa nas suas escolas (HASEN, 2005, p.8).

Com a morte de Frederico II, os seus sucessores não tiveram a mesma benevolência para com os menonitas, e começaram a impor suas ordens de igual modo a eles, a ponto da situação se tornar praticamente insustentável. Até que em 1786, quando na Europa começaram soprar os ventos da revolução, a Prússia, por sua vez, começou a se precaver contra o eminente confronto bélico, que em seguida desembocou na fatídica revolução francesa e obviamente no apetite de Napoleão pela conquista e expansão territorial; a Prússia sentiu o peso dessa investida.

Não havia a mínima condição da Prússia se manter inerte e, para agir, precisou reforçar suas tropas militares. O governo, a essa altura, não mais escutava o argumento Menonita de que não poderia pecar pegando em armas, pois era uma questão de sobrevivência e o alistamento militar fora compulsório a todos aqueles que estavam no seu território, atingindo o coração do pensamento religioso das colônias. Este fator foi praticamente determinante para os Menonitas começarem a considerar a hipótese de que era hora de procurar novos ares em novos locais; depois de dois séculos e meio, era o momento para “migrar para outra região, na qual lhes fosse oferecida a possibilidade de se desenvolverem; a disponibilidade de amplos territórios; o privilégio de exclusão ao serviço militar; a indepen-

dência administrativa; a instituição de um sistema educacional autônomo; e a completa liberdade religiosa” (MASK, 2004, p. 28-29).

Na Prússia, os menonitas chegam ao estágio que lhes torna únicos em termos de identidade étnica e religiosa. Foram nestes, praticamente, duzentos e cinquenta anos que alcançaram a maturidade em termos de língua, sistema de educação para perpetuar seus ideais, bem como sua maturidade em relação ao pacifismo e à completa independência do Estado. Estes pontos: língua, culto e independência do estado, têm imputado aos Menonitas uma marca distintiva entre os protestantes.

Se por um lado os menonitas estavam migrando da Prússia para Rússia, por outro a Rússia não estava sendo íntegra nos acordos, desencorajando o fluxo de migração. A Ucrânia está localizada na Prússia Ocidental e atraiu uma leva de Menonitas que se estabelecerem nessa região, onde havia terras férteis a 160 Km do local onde a primeira colônia fora estabelecida. Em 1803, o presbítero Cornelius Warkentin organiza a primeira expedição em direção ao novo território e começa a nova colônia nas estepes da Ucrânia⁴⁸ (MASK, 2004, p. 32-33).

Pode ter sido este o projeto mais bem-sucedido. Os colonos não enfrentaram tantos reveses e, em 1806, cerca de 365 famílias estavam assentadas. Em 1836, com três décadas apenas, já haviam 46 colônias, com uma população de 10 mil menonitas impulsionando o desenvolvimento econômico, o que os torna uma das mais prósperas colônias menonitas, contando com escolas, hospitais, professores e pastores qualificados (PENNER, 1987, 35 e 36).

Como se pode notar, o rápido crescimento populacional entre os Menonitas, e com a conseqüente necessidade de expansão e estabelecimento de novas colônias em várias regiões, resultou em uma cisma entre eles que, dentre as diversas complicações burocráticas, havia a problemá-

⁴⁸ Os menonitas residentes na colônia de Nova Durango se identificam como originários desse país.

tica da logística para comercializar seus produtos. Deste cisma, nasce a Igreja dos Irmãos Menonitas, com viés “pietista” e dentre as diversas rusgas, quase que os seus ideias sucumbem, chegando às fronteiras de desaparecer. Mas em 1800, com a cessação do fluxo migratório, as coisas se normalizaram e se equilibraram.

Os menonitas estavam, a essa altura da história, exauridos; e apesar de lutarem com determinação, não apenas a migração cessou, como também os governos cassaram em definitivo os direitos que eles procuravam adquirir; daí decorreu, segundo Mask, o primeiro fluxo de migração de Menonitas para a América⁴⁹.

Talvez a principal razão tenha sido a perda do direito de isenção do serviço militar obrigatório e que causou o primeiro fluxo de saída de menonitas da Rússia para os Estados Unidos, Canadá e Brasil, iniciado em 1873. Mas, note-se que os direitos retirados das colônias estrangeiras não estavam restritos ao serviço militar. A isenção de impostos e a quase independência das colônias estavam sendo eliminadas por um governo russo cada vez mais nacionalista e cioso de seu poder. É possível que a retirada dos privilégios econômicos também tenha influenciado a decisão para a emigração, tomada por um terço dos menonitas da Rússia (MASK, 2004, p. 42).

Provavelmente, este foi o memento que os Menonitas perceberam que o idioma alemão, assim como a cultura alemã, era imprescindível à sua forma de ser, isto é, à sua identidade; pois a “... maioria deles havia aprendido a identificar-se completamente com suas comunidades fechadas e independentes”. Essa é sua nação e a língua dessa nação era a alemã, e não a russa como já fora afirmado acima. Voltaremos a questão idiomática mais adiante.

Para clarificar, a nomenclatura Anabatista aos poucos vai sendo substituída pelos colonos que já estão identificados com o pensamento de seu maior líder Menno Simons é desse modo que o termo anabatista vai desaparecendo do cenário e em seu lugar aparece o termo Menonitas, que

⁴⁹ América, em primeiro lugar, significa continente americano e não como se condiciona se referir Estados Unidos da América; quando for este o caso, será enfatizado como requer.

nunca deixaram de ser anabatistas (rebatizadores), estabelecendo uma distinção entre eles. Àqueles que se identificavam como anabatista aceitavam as imposições exigidas pelo país hospedeiro enquanto que àqueles que se identificam por Menonitas não se submetiam as leis impostas pelos Estados e por isso sofriam em maior grau sanções por parte dos governantes. É importante dizer que tais perseguições quase nunca atentavam contra a vida, apenas na expropriação de seus bens e a imposição da cultura.

Daí a necessidade dos estudos antropológicos e sociológicos focalizarem na migração dos Menonitas e praticamente esquecendo-se dos demais Anabatistas, ou seja, daqueles que não prosseguiram firmes nos ensinamentos da citada Confissão Anabatista, mas nem por isso deixaram de sê-lo. Dito isso, pode-se dizer que os Menonitas, por continuarem sob a égide dos Artigos 6 e 7 Confissão de Schleithem “a não resistência e a proibição do uso da espada e proibição de jurar”, se consideram os herdeiros da legítima fé que Menno Simons ensinou e, por causa disso, continuam sendo execrados; daí a necessidade de procurarem novas locais para viverem.

O Paraguai se inseriu no roteiro migratório dos Menonita praticamente por causa dos revezes que enfrentava, uma vez que a arrogância desta nação que se auto proclamava o povo guarani levou-o a bancarrota na tentativa de expansão territorial e a conseqüente guerra da Tríplice Aliança (TORRACA, 2006). Então, praticamente destruído e humilhado, se vê finalmente necessitado de abertura para recompor sua população e, atrelado a isso, ocupar uma parte do seu território que estava sendo objeto de um novo litígio. A solução óbvia era achar quem se disporia a aceitar a tarefa de colonizar a região. Então, o destino revelou os Menonitas, especialistas em transformar desertos em mananciais, com um pequeno problema: eram homem que não entravam em guerra e nem faziam pactos com a política governamental de qualquer Estado. Quem deveria ceder, cedeu; e foi o Paraguai que se dispôs a quedar-se às exigências dos mi-

grantes, promulgando uma lei específica que cedia tudo o que os imigrantes conhecidos por Menonitas precisavam.

A migração da Europa para Canadá, EUA e México se deu muito por causa da perda de direitos, que não chegou a ser o fator determinante, mesmo porque muitos menonitas continuaram nas regiões onde estavam e de alguma forma encontraram meios para se adequar às exigências imposta pelas políticas das nações. A questão que foi mais relevante estava relacionada à escassez de terra. Era obvio que esse fator tinha por trás uma intenção, qual seja, diminuir o rápido crescimento dos menonitas e por isso os governantes impunham grandes barreiras para disponibilizar mais terras aos menonitas, como se pode notar na argumentação de Mask acima.

2.5. A Colônia Menonita em Nova Durango no Paraguai.

Não custa lembrar que Menno Simons, ao aderir às doutrinas Anabatistas em seu estágio mais simples, corroborou para que elas atingissem o seu estágio final. O Reformador percorreu uma vasta extensão territorial para pregá-las, ensiná-las e, enfim, tentar imprimi-las nas mentes e corações de seus ouvintes. E pode-se dizer que fora bem sucedido na sua empreitada, considerando que o eco de sua voz ressoa em compasso com as letras dos seus escritos, dado que atualmente, somente no Paraguai, existem mais de 300 mil menonitas em várias colônias que ainda seguem aquilo que Menno ensinou como sendo a doutrina essencial para a igreja que estava sendo restaurada, segundo a sua compreensão. No Paraguai, eles enfim encontram o Paraíso para que possam viver uma espécie de saudade e esperança (MESTERS, 1991).

Mesmo porque, como afirma Jackson (2012), nos primeiros dias o corpo doutrinário da Confissão de Schleithem possuía apenas sete doutrinas básicas, e elas: 1) A rejeição ao batismo infantil como meio de salvação. Em vez disso, praticavam o batismo dos crentes adultos ministrados sob a confissão de fé, simbolizando de uma forma visível a mudança ocorrida internamente, 2) A manutenção de uma igreja pura através do bani-

mento ou exclusão (em contraste com a coerção física ou a execução), de acordo com a ordem de Jesus (Mateus 18.15-20), 3) A Santa Ceia como memorial à morte de Cristo, não como um evento em que o corpo e o sangue de Cristo são partilhados (transubstanciação), 4) A separação do mundo, 5) Pessoas leigas como pastores que ministram às suas congregações, 6) A não resistência e a proibição do uso da espada, e 7) A proibição de jurar. Embora havendo uma variação entre os líderes Anabatistas, afirma-se que chegaram a esse acordo em 1527, nascendo assim a Confissão⁵⁰ Anabatista (Jackson, 2012, p.11).

Aquilo que Menno pregou e ensinou constitui a mentalidade dos menonitas que vivem em suas colônias espalhadas pelo mundo tendo-a como sua cultura. Uma vez constatado que Menno Simons foi o maior expoente dentro da literatura Anabatista, por outro lado tem sua história no hall das Igrejas de Confissão Batista em todos os lugares onde quer que estejam, ainda que não tenha a eminência de um Martinho Lutero ou de um João Calvino (GEORGE, 1993).

Menonita designa sobretudo uma identidade. Uma identidade que necessita de uma definição que possa clarificar a diferença que existe entre pelo menos três formas de manifestações interna do movimento, cujas mesmas podem ser delineadas em poucas linhas. O primeiro grupo de Menonitas é composto por aqueles que estão em áreas urbanas em diversas cidades dos países. Estes se identificam e se plasam na sociedade onde estão estabelecidos, guardam até certo grau as instruções de Menno Simons, admitem novos membros e, até mesmo, estão engajados na tarefa evangelística; estes já deixaram de ser um grupo étnico, possuindo apenas as doutrinas e sistema de governo eclesiástico, se é que esses fatores servem para defini-los como grupo étnico, realidade explícita de que não os

⁵⁰ Pelo que é possível entender, os Anabatistas chegaram à uma conclusão sobre os pontos que os uniam, caso aceitemos a data do início do Movimento em 25 de Janeiro de 1525, com o batismo dos primeiros conversos (STOLL, 2011, p.41), e também caso aceitemos que a primeira Confissão da Igreja Reformada seja a Confissão de Fé de Augsburgo, promulgada 25 de junho de 1530, três anos antes (http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_augsburgo.htm) (acessado em 28/11/2016).

são!⁵¹ Tal grupo já faz parte da massa dos evangélicos brasileiros, participam da mesma mentalidade prolecionista das demais denominações, isto é, são Menonitas por conversão e adesão.

O segundo grupo é aquele que está nas adjacências da cidade, bem próximo da realidade urbana, tanto geográfica com existencialmente, mas ainda não está urbanizado de todo, preserva suas comunidades, tem suas igrejas próprias, mas seus filhos já estão socializados na sociedade, participam das atividades cívicas do país, frequentam as escolas da cidade, falam a língua do *locus*, trabalham no comércio local. Portanto, neste grupo estão inseridas algumas colônias que permitem que seus filhos vivam a realidade social urbana, bem como o matrimônio com os nativos, entre outras concessões, como a admissão de conversos.

E o terceiro grupo é aquele que possui uma fidelização ao ideal (da consciência de uma história única), com uma profunda ruptura com os valores da sociedade e possuindo uma mentalidade virtualmente intransponível; nada permitem além daquilo que compreendem ser a verdade em seu último estágio, e cada vez procura estar distante da cidade tanto geográfica quanto existencialmente, onde o 4º Artigo da Confissão de Schleithem, que versa sobre a completa separação do estado, é observado com ênfase redobrada e reenfaticada na escola e nos cultos e, caso alguém o transgrida, será disciplinado.

A Colônia de Nova Durango se apresenta como um dos últimos bastiões daquilo que é mais puro e original em termos de proximidade com o passado. Pelo menos ela, de forma inequívoca, não se identifica nem mesmo como “rebatizadores”, porque não evangelizam e nem admitem novos membros em suas igrejas, e o acesso à sua realidade existencial, diga-se, estilo de vida e crença, é intransponível. A colônia possui suas

⁵¹ Mundo Novo, Mato Grosso do Sul, é uma cidade na fronteira do Brasil com o Paraguai. Nela existe uma Igreja Menonita, composta essencialmente de brasileiros; em minha entrevista com o Pastor, ele demonstrou total desconhecimento dos Menonitas da Colônia, e não foi capaz de oferecer a mínima informação possível de “seus irmãos” Menonitas do Paraguai que fica há 20 minutos de carro da fronteira.

próprias igrejas com seus próprios cleros, suas próprias escolas, e código de disciplina; nestes três vieses, nem mesmo o Estado pode intervir e, mais do que isso, o Bispo Juan Wall foi enfático de que não se assemelham nem mesmo como as outras colônias paraguaias que, segundo ele, estão profundamente mundanizadas.

Os dezesseis mil hectares é um território Menonita, e visitá-la dá a impressão de estar inserido em uma realidade, cuja mesma Alvin Toffler (1980) definiu como um dos estágios que ele chamou de primeira onda, período em que o homem vivia quase que exclusivamente da agricultura. (ver anexo nº 004 – Mapa da Colônia).

No decorrer do argumento, diz o teórico que esta onda no final do século XVII ainda não tinha exaurido, quando a revolução industrial irrompeu através da Europa e desencadeou a segunda grande onda de mudança planetária. Coincide com o argumento de Eric Voegelin (1982, p.17-18) de que a filosofia hegeliana marcou o rompimento e instaurou a grande crise ocidental no século XVII, inaugurando a era moderna. Mas os menonitas parecem não sentir o efeito das mudanças no que tange à continuidade de seus caracteres. É uma colônia congelada no tempo, e o tempo cronológico não exerce uma aceleração da vida; tudo acontece de forma mais lenta e demorada, pois não existe a velocidade dos automóveis e ou aviões, das notícias que chegam on-line.

Estamos embrenhados no século XXI, e Toffler escreveu seu livro em 1980, no auge da euforia de novo pelo novo, e era também o auge da chamada Guerra Fria, bem como pelas novas descobertas tecnológicas prometendo uma mudança profunda na forma de conceber e viver a vida, realidade palpável em nossa atualidade. A nossa época sem definição. Acredita-se que, ainda, não será possível descrevê-la, mesmo que Luis Felipe Pondé identifica como a era do ressentimento (2014), e Zygmunt Bauman fale de uma modernidade líquida (2001). No entanto, a Colônia Menonita em Curuguaty vive a realidade da primeira onda Toffleriana, congelada no tempo e com tudo àquilo que trouxeram na bagagem quando

migraram para as Américas, no auge da “primeira onda”. Aliás, a bagagem nem precisou ser muito grande, pois a história, seu maior patrimônio, coube na alma dos imigrantes. E a história é sua herança, também a única lembrança que constitui sua realidade no estágio atual e a memória, transmitida advinda dos homens sábios que ensinam nas escolas e nos cultos das igrejas (Le Goff, 1990).

O Paraguai é, essencialmente, um país agrícola⁵². E para expressar isto, seu maior mestre, Augusto Rosa Bastos, confirma: “é uma ilha rodeada por terra” (DOSSIER PARAGUAY, 2010, p.9), como uma imensa extensão de terras virgens, favorecendo a instalações de grupo com mentalidade religiosa, como é o caso, na própria constituição do Paraguai como Nação; a presença das missões Jesuíticas, constituindo-o em uma terra de Utopias⁵³. Para Céspedes, o relativo isolamento do Paraguai e a vasta região inexplorada favoreceram o surgimento das experiências utópicas; uma vez que o termo utopia pressupõe algo distante, como uma terra ignota, haja vista que as missões jesuíticas quando chegam, na verdade, estão chegando aos confins do império espanhol do século XVII e XVIII. Seguindo essa ideia utópica, na década de 1970, o aparecimento da comunidade cristã do rio Jejuí, que sobrevive hoje, mas caminha em um lento processo de desaparecimento do “povo de Deus” de Caaguazú (Dossier Paraguay, 2010, p.46).

Para Céspedes, uma das mais bem-sucedidas experiências migratórias para o Paraguai, dentro de um quadro que lista as orientações ideológicas, cujo os nomes são: Nueva Germania de orientação racista, Nueva Australia – Cosme, orientação socialista-racista, ambas são experiências laicas (p. 47); Sociedad de Hermanos (Bruderhof), de orientação comunidade cristã que desapareceu devido à deterioração e decisão estrangeira;

⁵² “En un país agrario y aislado como Paraguay y con espacios aun virgenes, no podia esperarse otro emprendimiento que no fuese rural” (CESPEDES, 2010, p.47).

⁵³ Céspedes, por outro lado, afirma que na formação da nação paraguaia há experiência laica, que se enfraqueceu devido sua orientação “racista”, que acabou sofrendo reveses e deteriorando e fracassando internamente; todavia, não darei enfoque a este fator, considerando que pretendo apenas entender a ideia de Paraíso, que os Menonitas possuem para aceitarem migrar para o país.

Colonia San Isidro del Jejuí, desapareceu por intervenção militar-policial repressiva; Pueblo de Dios, de orientação cristianismo comunitário, desapareceu após a morte do seu fundador. Portanto, todas passaram por uma deterioração e fracassaram em persistirem em sua própria existência. Todavia, a experiência das Colônias Menonitas obteve êxito (2010, p. 46-47).

Os menonitas, por possuírem aspecto rural, atrelado aos aspectos religiosos, somando-se a isso uma visão de fim de mundo, conseguiram se adequar dentro de uma perspectiva utópica da terra prometida, que aproxima da sua Nova Jerusalém. Céspedes aponta que os menonitas se compõem, quase que exclusivamente, por contingente de pessoas de nacionalidades estrangeiras, que não puderam incorpora-se com os autóctones, somando-se ainda sua identidade eminentemente religiosa, cultural de um lado; do outro lado, as relações sócias econômicas conflitivas contribuíram para mantê-los distanciados⁵⁴ (p.48).

É interessante que no anúncio da eleição do Papa Francisco, em 13 de março de 2013, pelo o cardeal diácono francês Jean-Louis Tauran, ao aparecer na varanda central da Basílica de São Pedro, diz ser um “homem do fim do mundo”, não em termos de término da história, mas oriundo de uma região distante, a Argentina⁵⁵. Ora, o Paraguai, neste caso, também é fim de mundo. O Paraguai no início do século XX era um país devastado pela guerra da Tríplice Aliança, onde perdera, praticamente, a metade do seu território, e, ainda, sofrendo ameaças de perder melhor parte, para evitar tal possibilidade, se viu obrigado a abrir-se para receber imigrantes. Chaco ou Gran Chaco (do quéchua *chaku*, "território de caça") é uma das principais regiões geográficas da América do Sul. Possui, aproximadamente, 1.280.000 quilômetros quadrados e abrangem territórios da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil.

⁵⁴ “Las Colonias menonitas... [...] al igual que en los casos anteriores, estan compuestas casi exclusivamente por contingentes de nacionalidad no paraguaya y no pudieron incorporar a la gente del país; brechas religiosas o culturales, por una parte, o relaciones socioeconomicas conflictivas, mantuvieron las distancias” (p. 48).

⁵⁵ Gianni Valente escreveu o livro “Francisco: um papa do fim do mundo”.

A Bolívia, que não se envolvera na guerra, agora via diante da situação paraguaia a possibilidade de estender seu território, adentrando no Paraguai. Daí deriva a necessidade de se ocupar o espaço. E trazer imigrantes era um bom negócio. Torraca (2006) descreve a caótica realidade do Paraguai no pós-guerra, quando foi humilhado pela força da Tríplice Aliança e viu todo seu orgulho desfacelado, tendo que admitir a necessidade de receber imigrantes, ideias que antes da guerra não eram cogitadas e agora, diante de uma nova ameaça, se vê obrigado a ceder às exigências daqueles que estavam dispostos a migrar.

Portanto, para Torraca, os antecedentes do “movimento imigratório menonita no Paraguai entre os 1870 - 1921” descrevem uma nação autossuficiente e dona do seu destino; porém, mal sabia que o seu desdém para se abrir antecipadamente à imigração era a sua maior fraqueza e, logo em seguida a humilhante derrota diante das tropas aliadas, se viu obrigada a abrir-se para receber imigrantes:

Antes do episódio bélico, os governantes paraguaios mantiveram uma política de pouca abertura, quase sem incentivo à imigração. A economia era estável e o poder político estava centralizado nas mãos de governantes ditatoriais que obtiveram um grande controle sobre a nação. Assim sendo não havia necessidade de se criar medidas econômicas voltadas para uma política imigratória que possibilitasse a vinda de estrangeiros. Pelo contrário, a postura do estado direcionava-se a uma política nacionalista e autossuficiente. No entanto, as circunstâncias da guerra modificaram esse cenário, suas ações afetaram as condições sociais, políticas, e econômicas do país, transformando a pátria guarani em um contexto de miséria com sucessivos golpes de estado, revoluções e crises econômicas (p.17).

Verifica-se que o Paraguai, após o evento da guerra, se tornou um território totalmente desestabilizado em todas as suas dimensões, e a “arrogância” se transformou em humilhação. Em todas as camadas sociais havia uma estima arrasada e sem perspectiva e, como afirmada acima, novas ameaças bélica e sobretudo a desterritorialização do seu espaço geográfico pelos países vencedores na sangrenta batalha, Torraca diz que em

“Serro Corá” não apenas tombou vencido o General Francisco Solano Lopes, mas a própria nação.

Não nos interessa muito analisar a face sombria da história do Paraguai, a não ser um breve desvelar da realidade existencial desse período, pois todas as confluências levaram a nação a ter que obrigatoriamente se abrir para a entrada dos imigrantes. Sob o Governo do Presidente General Bernardino Melgarejo Caballero, que assume a presidência em 1880, a ordem do país é e retoma após sucessivos fracassos políticos, e este, como consegue se manter no poder por longo período, pode reorganizar a nação em torno de uma proposta. Obviamente que para um país que vivia uma espécie de trauma do pós-guerra, com intermináveis intrigas internas, com um governo controlando com mão forte as situações, com o surgimento de pelos menos dois partidos políticos - o Liberal, com influência argentina e o Colorado, com influência brasileira - e mais, com o alastrar-se da miséria nas camadas mais pobres do povo, precisando se reconstruir e com a população praticamente dizimada, seria necessário buscar uma saída independentemente de qualquer fator, ou seja, “bem ou mal o Paraguai buscava se reorganizar” (TORRACA, p.23-26).

O fato é que os Menonitas chegaram ao Paraguai em 1926, e, e em 2016, completam 90 anos de presença no País. Como dito acima, 1926 está em um contexto de pós-guerra, e a realidade do Paraguai é humilhante. Não perdera apenas a guerra, mas também parte do seu território, sobretudo, a estima. Havia a necessidade de se abrir e atrair imigrantes, pois outrora possuidor de uma economia estabilizada e um nacionalismo a florado, e crendo ser capaz de estender seu território abrindo caminho para o mar, entra em guerra e sai derrotado pelas forças aliadas da Triple Aliança⁵⁶. Os menonitas, por vez, estão exauridos e necessitados de encontrar o “seu paraíso”.

⁵⁶ Torraca analisa em profundidade este contexto em sua dissertação (2006).

Patrick Allouette (2014, p. 171-190) levanta a questão das causas pelas quais os Menonitas migram, colocando como resposta que o credo religioso e a defesa da sua cultura são os verdadeiros motivos, e a chave que exigem a migração (mobilidade), visando assegurar sua liberdade e direitos⁵⁷ (p.172). Acrescenta-se a isso a visão de utopia religiosa do paraíso, tipo de grupos minoritários, que no passado estão em relevo, e o novo mundo: Canadá, Estados Unidos da América e México geravam uma visão de um novo Éden, uma boa opção para buscar refúgio, com democracias e tolerância para com os grupos minoritários.

O fenômeno eminentemente migratório dos Menonitas é quase que único, pois impõe exigências aos países hospedeiros. Eles, em contrapartida, têm algo a oferecer e acaba sendo uma relação de negócio entre quem chega e quem hospeda (TORRACA, 2006). E a migração acontece pelo alto índice de crescimento populacional, por causa das exigências de suas crenças religiosas e por causa da identidade étnica, ou seja, a língua alemã. Os Menonitas, movimentando-se, não se reinventam e não se desconstróem; e, assim, eles não passam pela metamorfose e nem estabelecem novos traços, mesmo sendo a migração quase que um processo contínuo⁵⁸.

Do exposto acima se impõe a necessidade de compreender inicialmente a migração Menonita. Esta necessidade nasce a partir do achatamento do espaço físico, onde eles emanam como religião. Inicialmente, as pequenas famílias agregadas em colônias aos poucos iam se tornando um grupo maior e, conseqüentemente, uma colônia maior, com grande número de famílias impondo suas exigências tanto territorial como identitária. No

⁵⁷ “[...] credo religioso y la defensa de su cultura, se concluye que el verdadero motor y clave de dicha movilidad radica en la búsqueda y preservación de sus libertades y derechos”.

⁵⁸ Diferente do trânsito religioso, que é um fenômeno de desconstrução e construção estabelecendo uma nova forma de expressar a religiosidade, e, ainda, tema abundante entre os pesquisadores brasileiros, nota-se a constituição de novos modelos religiosos a partir de uma espécie de migração e/ ou adaptação (A ideia de exaltação é, quando dois elementos e ou ideias são combinadas, gerando uma terceira via, sendo esta a nova compreensão), estabelecendo novas denominações (BITUN, 2011). Tal fato não acontece entre os Menonitas que migram.

entanto, não é somente a escassez territorial que impõe uma necessidade migratória, mas sobretudo a imposição pelo Estado de elementos cerceadores da liberdade religiosa e da identidade étnica, que é sustentada pela língua alemã, a qual se torna o eixo unificador dos Menonitas, que, como já fora dito acima, eram compostos de holandeses, suíços, alemães, obviamente se impondo a matriz alemã. Esses fatores são os principais. Eles exigem uma procura por novas regiões, onde pudessem exercer sua identidade religiosa e continuarem sendo alemães.

Teoricamente, a religião que migra no processo de deslocamento no tempo e no espaço chega ao seu destino transformada, porque os imigrantes são transformados pelo próprio processo de migração, quer seja geográfico ou de mentalidade. E, assim, ninguém chega ao destino da mesma forma que saiu e a religião que é constituída de pessoas que se transformam no processo da existência humana deve ser também transformada. No entanto os imigrantes que chegaram ao Paraguai na década de 20 e 30 do século passado, ainda parecem ser os mesmos que saíram dos seus destinos, uma vez que são identificados como Menonitas oriundos da América do Norte; quando, na verdade, eles se identificavam como europeus.

Uma nova pátria abrir-se-ia às suas necessidades, impondo e recebendo elementos daqueles expatriados, o que seria natural dentro da dinâmica migratória (LUVIZOTTO, 2009, p.33). Porém, esta pesquisa foi realizada em uma Colônia que tem uma história de 37 anos, tendo os primeiros imigrantes chegado em 1979. Esse grupo possui uma identidade étnica e uma religião facilmente identificável, pois, quando as primeiras famílias chegaram, conseqüentemente traziam e reafirmavam sua identidade para a sua nova pátria. Observa-se que a opção da vinda ao Paraguai (migração) está concatenada à exigência que se lhes impunha no México, na década de 70, uma reforma agrária e em uma região inóspita (FROMM, 1972), enquanto no Paraguai havia abundância de terra e privilégios assegurados nas leis.

Os Menonitas, assim como outros grupos religiosos, mais especificamente os Protestantes, foram se constituindo dentro das exigências naturais que circuncidavam os séculos XVI e XVII. Nesses séculos, alas do Protestantismo foram se estabelecendo ao agregar de adeptos: Luteranos, Calvinista, Anglicanos e Anabatistas, para citar os principais. Como se sabe, o protestantismo é muito criativo na constituição de novas formas de expressão religiosa; fruto, acredita-se, das doutrinas centrais da Reforma, como “O livre exame das Escrituras”, “Sacerdócio universal de todos os cristãos”, entre outros.

A história dos Menonitas se configura como única, uma vez que se torna, desde cedo, um fenômeno eminentemente rural. Não que seja apenas rural (Colonos), mas a maioria dos estudos no campo das ciências sociais sobre os Menonitas identifica-o, originalmente, como sendo este o fator que o consolida como mais um braço da igreja protestante e, portanto, como Igreja Reformada.

Como já afirmado, este movimento tem migrado de continente sob as exigências de sua identidade, que impõem a procura de países que lhes concedam privilégios para a manutenção das suas raízes históricas, não como indivíduos, mas como grupo. Vale destacar que os demais braços do protestantismo se expandem entre os continentes devido à visão da evangelização (missão) e a procura de adeptos ou, ainda, o protestantismo em que o imigrante carrega com ele por onde for (migração). E, assim, eles chegam a novas regiões como “protestantismo de missão”, como preconiza Émile Leonard no *Protestantismo Brasileiro* (2002)⁵⁹. No entanto, o movimento dos Menonitas migra como grupo que tem necessidades específicas, ou seja, a manutenção da sua identidade como um povo “eleito” ou “único”.

⁵⁹ Leonard (2002), diz que existe também o protestantismo de migração, ou seja, aquela espécie que chega à novos locais devido a famílias protestantes que migram e vão evangelizando os seus vizinho.

A primeira colônia de menonitas a se estabelecer no Departamento de Canindeyu-PY⁶⁰, região leste do país, foi na região de Monte Verde, por um grupo vindo do México, em 1978. Esse grupo, segundo nossa fonte, gostou muito do novo mundo e começou a enviar cartas aos menonitas mexicanos, falando do local como um paraíso. Bom clima, vasto espaço e abençoado, onde dava para se plantar de tudo, em todas as estações.

No México, a escassez de terra era premente, e mais do que isso: havia um clima difícil com apenas duas estações, três meses de chuva e nove meses de seca onde a colheita era sempre dificultosa. Sabia-se que o Paraguai era uma espécie de paraíso que para atrair mais imigrantes alemães que migraram no início do século XX foi promulgada uma lei específica para grupos religiosos que desejassem migrar para o país. Então em 1979 um grupo de três emissários de Menonitas mexicanos veio conversar com o governo paraguaio sobre a possibilidade de adquirirem terras na região oriental.

Recebendo o parecer favorável, retornaram ao México com a notícia. Logo em seguida, vieram mais oito pessoas para conhecer a terra a ser adquirida e, montados a cavalos, percorreram a vasta região de mata fechada e ficaram encantados com o que viram. Assim, retornaram e compartilharam com os irmãos sobre as maravilhas que o paraíso oferecia e, então, um grupo de 22 famílias decidiu comprar 11 mil hectares de terra virgem do governo. E foi esse o grupo fundador da Colônia Nueva Durango, localizada cerca de 35 quilômetros do centro da cidade de Curuguaty PY. Desse modo, a nova colônia nasceu e homenageou a cidade de Durango, no México. (ver anexo nº 005 – Mapa da localização da Colônia).

Sendo assim, no próximo capítulo passaremos a analisar especificamente a colônia na tentativa de encontramos a explicação para a persis-

⁶⁰ Canindeyu é um Estado da Republica Paraguaia, cuja capital é Salto Del Guayrá, fronteira com os municípios sul matogrossenses de Oste para Leste, Iguatemi, Japorã e Mundo Novo.

tência étnica e religiosa desses menonitas, a fim de podermos responder a pergunta que esta dissertação levantou.

3. A COLÔNIA EM CURUGUATY: ESTRUTURA ÉTNICA E RELIGIOSA.

“Nenhuma nação possui naturalmente uma base étnica, mas, à medida que as formações sociais se nacionalizam, as populações que elas incluem, partilham ou dominam são ‘eticizadas’, quer dizer representadas no passado ou futuro como se formassem uma comunidade natural” (Balibar Étienne).

O quadro teórico apresentado permite-nos visualizar a formação etnorreligiosa dos Menonitas, necessário para se compreender a realidade social que, para Berger (1976), é construída pelo próprio homem. Assim, ao mesmo tempo em que o homem constrói e molda a sociedade é por ela influenciado e moldado. Para Voegelin, “Todas as sociedades carregam o fardo de, sob condições concretas, criar uma ordem que atribua ao fato de sua existência um significado, em termos de metas divinas e humanas” (2014, p.12).

Barth (2011) afirma que grupo étnico “compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais”; por sua vez, Sand desenvolve a ideia de que os povos são responsáveis por construir suas memórias e, com isso, nascem os mitos que compõem as bases históricas da nação e ou dos grupos étnicos (2011, p. 35-49). Anthony Smith aponta os fatores da composição dos grupos étnicos: “um grupo étnico se distingue, então, por quatro pontos característicos: o sentimento de uma origem comum ao grupo, a consciência de uma história única e a crença em um destino comum, a presença de um ou de vários traços culturais coletivos e específicos, e, enfim, o sentimento de uma solidariedade coletiva única” (1981, p.66). Smith na verdade afirma que o essencial é possuir um vínculo com um deles. Deve-se, ainda, lembrar-se da afirmação de Oliveira que etnicidade é, essencialmente, a forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos sociais comuns ou “Identificação étnica refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais ou religiosos para se identificar e, desse modo, relacionar-se aos outros” (OLIVEIRA, 2006, p. 125).

Barth, Sand, Smith e Oliveira, concomitantemente, compreendem que a existência da consciência de uma história e valores culturais comuns é necessária para que sejamos capazes de compreender a identidade étnica de um grupo, como no caso da colônia de menonitas em Nova Durango, pois eles têm como ponto de partida para contarem sua história e por ela existirem, as questões relacionadas à sua identidade étnica e transmissão de sua cultura. Sendo que essa identidade étnica se revela na consciência que eles têm da própria história de suas origens, e por mais que seja demasiado usar termos teológicos em uma pesquisa antropológica, o fato é que esses colonos possuem uma clara consciência que fora construída sobre a eleição divina, pois afinal eles se apresentam como sendo uma expressão religiosa.

Como fora dito no capítulo anterior, há pelos menos três matrizes na formação da identidade dos menonitas no que diz respeito a conceitualização étnica, isto faz com que eles sejam portadores de três memórias (alemã, holandesa e suíça). Sand (2011) desenvolve a ideia da memória construída com objetivo descrever que nem sempre a herança que um grupo afirmam ter está baseada em fatos históricos, mas foram construídas por seus agentes definidores que podem ser os rabinos, gurus, padres, feiticeiros ou os historiadores oficiais contratados para essa finalidade, ou seja, possuem a tarefa de construir uma história que possa formatar a identidade que se pretende, seguindo uma linha muito tênue com a concepção de Berger quando diz que a realidade pode ser construída antes mesmo de existir àqueles que vão aderir-lá (1978, p.236).

A afirmação de Smith (1981) de que existe “a consciência de uma história única” que se atrela ao pensamento de Sand: “[...] Mesmo que o estado tenha dado seus primeiros passos antes do surgimento do ensino público obrigatório, é graças a este que ele pode estabelecer seus fundamentos. A transmissão da memória construída ocupou os compartimentos superiores da pedagogia estatal, e a historiografia sempre foi o seu cerne” (2011, p. 36), pois existe uma espécie de pedagogia estatal na história das colônias, que se manifesta por meio dos três pilares, e estes engendram

toda formação e continuação da memória. Estes três pilares funcionam interconectados em três níveis de ação: família, escola e igreja, visando a continuidade da consciência de uma história única. Em nível de valor e poder, a religião é soberana sobre todos os temas que emergem na vida diária bem como da família e da escola.

Desse modo, para forjar um coletivo homogêneo... [...] era necessário formular uma história... [...] coerente e destinada a inculcar em todos os membros da comunidade a noção de continuidade temporal e espacial entre os ancestrais e os pais dos ancestrais. Como tal vínculo cultural estreito, supondo atingir o coração da nação, não existe em nenhuma sociedade, os agentes da memória precisam se dedicar com afinco a inventá-la (SAND, 2011, p. 36-37). O argumento apresentado se adequa à realidade da colônia (ou das colônias em geral) e sua ênfase na escola; isto significa dizer que essa nobre instituição, que no caso de tal colônia não possui um currículo voltado para alguma ciência humana ou exata, existe para transmitir esta memória coletiva de uma história única com base no Antigo e Novo Testamento da bíblia cristã.

A história dos Menonitas já passa de 450 anos, portanto, já existe tempo e relatos suficientes para possuírem uma base e fundamentos necessários para defender a continuidade com o passado, de modo que lhes garanta uma legitimidade, mas o fato é que houve, nos primeiros dias, uma “memória construída” e, como dito no parágrafo anterior, a escola se insere nesse contexto construtivo. Pensa-se, por exemplo, no currículo dos primeiros dias, naquelas colônias que estavam se agregando em torno de uma identidade e qual era a história que eles usaram para dar sentido de continuidade cultural e ou étnica?⁶¹. É bem sabido que o livro texto (a cartilha) sempre fora a Bíblia na tradução do idioma Alemão por Lutero, que, como se pode constatar, uniu-os em torno desse idioma. O que pode se concluir é que construíram sua história estabelecendo uma conexão entre

⁶¹ Certamente que esse conceito não existia naqueles dias, mas não podemos negar que já existia pelo menos uma ideia de nacionalidade, se não tão clarificada como na atualidade, uma noção clara sobre como deveria ser estava estabelecida entre eles.

eles e o passado de um povo único a caminho da terra prometida, como o povo do Antigo Testamento⁶².

Necessário se faz enfatizar que autores como Simens (2010), ou Jackson (2012), e Stoll (2009 e 2011), que exaltam o heroísmo dos primeiros Anabatistas e recontam com redobrada ênfase suas memórias, portanto, a saga dos primeiros defensores da crença que assumiram, lembrando-nos da afirmação de Greschat (2005), que destaca que quem deve descrever e pintar a realidade sobre eles são eles mesmos. Heisey (2014) chega a afirmar que Igreja Protestante não conseguiu restaurar a pureza doutrinária e a conduta bíblica da era apostólica conforme eles compreendem, e por esse motivo que alguns cristãos começaram a se reunir e cumprir o que as Escrituras de fato orienta. Daí nasce o ideal Anabatista, porque tão somente a doutrina desse grupo foi e ainda é capaz de impor uma diferença entre o cristianismo verdadeiro e o cristianismo nominal.

No entanto, quando tratamos especificamente dos Menonitas, é bom retomar aquilo que fora dito acima, que possivelmente fora a condessa Anna, de East Frislândia, na Alemanha que pela primeira vez faz uso do termo “mennisten” em seu edital emitido em 1545, exigindo que os seguidores de Menno Simons passassem por uma avaliação ou deixassem o país (Jackson, 2012, p.12). A forma com que contam suas memórias segue uma linha que faz deles os pioneiros do conceito de liberdade religiosa, liberdade de consciência, da separação da Igreja-Estado e voluntarismo da religião, sendo este o conceito básico para a Democracia de países como os Estados Unidos da América (JACKSON, 2012, p. 20).

Todavia, quando o século XVII vai se esvaindo e o século XVIII desponta, os Anabatistas dos Países Baixos já estão praticamente transformados em Menonitas. Como, onde e quando exatamente aconteceu essa

⁶² Em entrevista com a pesquisadora Marta Mabel Escobar Torraca, que realizou estudos entre o Menonitas no Chaco Paraguai, esta afirmar que eles possuem uma memória sobre a eleição deles como povo único na terra (Entrevista realizada em abril de 2016).

interface⁶³? Como exposto na pesquisa bibliográfica dos capítulos 1 e 2, nota-se que nos trabalhos apresentados pelos pesquisadores, estes apenas descrevem os Menonitas como se eles sempre existissem e dão como pronto e acabado, começam descrevendo os Anabatistas e sem nexos passam a falar dos Menonitas. Por esse motivo, será usando a lógica de Sand (2011), a partir de uma hipótese sobre o momento e houve uma exigência imposta a essa metamorfose.

Sendo assim, e tendo havido uma memória cultural que fora sendo construída aos poucos nas escolas a partir de outra história (do Antigo Testamento e do Novo Testamento), as Colônias de Anabatistas provavelmente embarcaram na construção de uma nova mentalidade e conseguiram, enfim, sua própria identidade, pois não seguem nada do que existia até então, nem mesmo o anabatismo em sua essência. Como já fora dito acima, os Anabatistas acabaram sendo conhecidos como uma seita herética e prejudicial aos intentos da Reforma; para isto vale recordar as formas pejorativas que usavam contra eles e o estigma dos Anabatistas violentos, que desejaram impor uma Reforma mesmo que fosse por meio hostis, certamente era uma marca estampada no imaginário coletivo da época, mas desde que Menno Simons começou a fazer seu trabalho missionário e literário, novos contornos vão sendo impressos e uma nova modalidade de Anabatistas começa a surgir, e a memória vai ganhando forma específica e única.

Jackson (2012, p. 9-23) afirma que, naqueles dias, devido às recorrentes perseguições atreladas ao ardor missionário e avangelístico, impôs-se aos Anabatistas uma rápida expansão e propagação de suas doutrinas em muitas e variadas regiões. Assim, se espalhavam os seus ideias, surgindo variações e descentralização da essência dos primeiros Anabatistas, acrescentando-se a isso a necessidade cada vez maior de ordenar pastores, que não possuíam uma boa formação, resultando em variados ramos dou-

⁶³ Interface é uma linguagem usada em tecnologia digital (quando um sistema analógico é transferido para o sistema digital), elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes de um sistema que não poderiam ser conectados diretamente.

trinários. As perseguições por sua vez contribuíram para impor uma despreocupação com as praticas assumidas e outros acabaram cedendo à pressão e afrouxaram a rigidez dos primeiros Anabatistas.

Os séculos XVII e XVIII foram de grandes definições e as constantes guerras europeias definiram novas fronteiras territoriais entre os reinos que, obrigatoriamente, definiam também novas fronteiras étnicas e religiosas, como Alemanha, Rússia, Polônia (nações), católicos, ortodoxos e protestantes (religião). Bem que poderia ter sido este o momento que os Anabatistas das colônias que Menno doutrinava precisavam para abandonarem a alcunha de Anabatistas e assumirem uma nova identidade, zerando assim as más impressões, uma vez que ser Menonitas é uma realidade totalmente nova.

O argumento que Sand desenvolve em seu ensaio permite-nos acreditar que no momento em que as reviravoltas aconteciam “não se podia, desde então, afiliar-se a essas nações em formação, porque eles se consideravam provenientes de uma essência etnobiológica ou etnorreligiosa separada. As fronteiras da nação eram idênticas e recobriam as fronteiras das etnias, nas quais não se podia penetrar por um postulado voluntarista⁶⁴” (2011, p.92).

As fronteiras etnorreligiosas e etnobiológicas estavam definidas pela construção de mapas territoriais, e as linhas desmarcadas no papel englobavam e anexavam os grupos que estavam dentro dessas linhas, os quais, assim, se viam obrigados a assumirem a identidade daquela nação. Desse modo, a nação e/ou povo iam se compondo. No entanto, Sand, ao analisar a evolução do termo povo (*am* em hebraico), afirma que este tem diversos significados, porém, ainda que tenham havido várias estratégias políticas religiosas para definir um povo, este termo tem sido usado para definir povo a partir da compreensão no sentido político, religioso e cultural.

⁶⁴ Sand neste caso está tratando das ideias e pressupostos para se estabelecer as fronteiras etnorreligiosa e etnobiológica das nações.

Povo, nação, etnia⁶⁵ atualmente são termos que têm sido usados para definir a mesma realidade e/ou unidade, mas nem sempre foi assim. Por exemplo, definia-se povo, tempos atrás, a partir do termo raça que era portadores de laços biológicos, no sentido dos portadores da mesma herança sanguínea, mas esse termo, devido à realidade explicitada pela Segunda Guerra Mundial e a ideia da construção de uma raça pura, os teóricos optaram por usar o termo *ethos* que, no dizer de Sand, “a força desse conceito provem essencialmente de ele ter sempre mesclado com insistência o fundo cultural e os laços de sangue, o passado linguístico e a origem biológica” (2011, p.61). Estudos recentes dos geneticistas comprovam que a ideia de pureza genética simplesmente não existe nas populações humanas:

A pureza genética no nível genético poderia ser alcançado – mas somente até certo ponto – por meio de um programa de cruzamentos que estabelecesse a união entre parente muito próximos. Esse tipo de união, no entanto, é proibido pela lei na maioria das comunidades humanas. De qualquer forma, seriam necessários cruzamentos desse tipo durante vinte ou trinta gerações, mesmo assim não obteríamos um grupo absolutamente puro, onde toda variação genética foi eliminada. [...] mas sabemos que uma consequência frequente é um alto grau de esterilidade, o que dificultaria a manutenção de linhagens obtidas dessa forma (CAVALLI-FORSZA, 2002, p. 316-317).

Portanto, não há como afirmar de forma categórica que a identidade étnica dos menonitas tem sua origem essencialmente em laços sanguíneos, ainda que fora descrito no capítulo 2 a maneira e as razões pelas quais começaram a casarem entre eles devido ao isolamento. Por outro lado, não podemos nos esquecer de que as colônias eram compostas de pessoas de nações diferentes, entre elas Alemanha, Holanda e Suíça, e muito mais do que essas três vertentes, sabe-se que a Europa, entre os séculos XVI e XVIII, era uma mescla de povos em sua maioria rural e nessa época ainda havia o ardor evangelístico, lembrando ainda que os menonitas estiveram na Rússia, na Prússia, na Ucrânia em seus primeiros dias e existe a possibilidade de indivíduos dessas matrizes terem se agregados a eles.

⁶⁵ Que fique claro que não existe a pretensão de fazer um estudo acurado sobre a evolução do termo, mesmo porque esta não é uma dissertação sobre a história das mentalidades e não é esse o campo de pesquisa.

Para ficar mais claro possível é importante retomar a definição de Barth (1998) atrelada à definição de Smith (1981), quanto “a crença em uma origem comum”, assume papel central na constituição étnica dos Menonitas, uma vez que no princípio não havia, como é aceito por muitos teóricos um único tronco biológico por meio de casamentos endogâmicos, pois haviam diversas matrizes nacionais, como fora dito no parágrafo anterior, considerando que as concepções anabatistas foram plasmadas nestas nações (localidades) e as pessoas primeiro aderiam a religião para em seguida se afunilarem a ponto de que a adesão à crença religioso constituiu à época a identidade étnica, a qual atualmente denomina-se menonita. Esta dinâmica pode ser constatada em Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p.160-164). Smith (1981) atribui importância para definir a pertença étnica a ideia de território de origem bem como o desempenho da religião quando esta se apropria do “mito da eleição divina”. Estas duas nuances são muito bem demonstradas pelo menonitas de Novo Durango, pois se veem como povo eleito à exemplo dos judeus do Antigo Testamento que foram perseguidos e possuem uma origem comum nos ensinamento de Menno Simons e territorialmente são originários da Ucrânia.

Em suma, o objetivo de pintar esse quadro teórico é a tentativa de compreender que os Menonitas podem e devem ser vistos a partir da perspectiva de que “a comunidade étnica é tão simplesmente um grupo humano de fundo cultural e linguístico comum, às vezes indistinto, que oferece uma parte dos elementos principais da construção nacional” (SAND, 2011, p. 61) de sua própria identidade. Levando em consideração que uma vez formado um grupo com alemães, holandeses, suíços e possivelmente de outras vertentes, este migra para um novo território geográfico e conserva sua identidade característica, carregam o sentimento de uma história comum recontado pelo idioma alemão que assimilaram. A partir daí, possuem o status de grupo étnico, conforme é possível notar na proposição de Barth compondo um campo de comunicação e interação (2011) e, ainda, “etnicidade é essencialmente a forma de interação entre grupos culturais operando dentro de contextos sociais comuns” (OLIVEIRA, 2006, p. 23).

É necessário mais uma vez retomarmos uma das proposições de Barth (2011, p. 189), “onde os grupos étnicos compartilham valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais”, bem como as proposições de Smith (1981, p.66) sobre o tema da identidade étnica, porque eles devem possuir “a consciência de uma história única e o sentimento de uma solidariedade coletiva única”. Estas duas definições compõem em geral o protestantismo reformado que, de alguma maneira, se conectam a Lutero naquele dia de 31 de outubro de 1517. Porém, esse protestantismo reformado não é étnico, ainda que quase todos possuam uma consciência de história única e até mesmo uma espécie de solidariedade coletiva.

De posse dessa formulação teórica, esclarece-se que os Menonitas devem ser compreendidos como um grupo etnorreligioso, que construiu sua mentalidade e a preserva a partir da firme resolução coletiva de manter as suas formas constituintes por meio do vínculo da história comum, assumida pela adesão ao idioma alemão na tradução da Bíblia para por Martinho Lutero,⁶⁶ cujo mesmo é preservado na colônia. Villar (2004, p. 170) ressalta que Barth sugere ser um erro considerar a linguagem como fator definidor da identidade étnica. Barth, em seu estudo sobre os Pathans, assume que é necessário distinguir que a língua (idioma) sirva como sinal diacrítico nas identidades étnicas, pois existem os dialetos, isto é “a língua pode ser aí incluída: é uma característica necessária e diacrítica, porém não suficiente em si própria, ou seja, não estamos lidando simplesmente com um grupo linguísticos. Os Pathans têm um ditado explícito: Patran é aquele que age como pathan e não aquele que apenas fala” [...](2000, p.72-73)

Mais uma vez fazemos uso da temática de Cavalli-Forsza quando este afirma que religião se aprende em família e também que a fé religiosa

⁶⁶ Vale ressaltar que no segundo capítulo foi identificado que os menonitas começaram a constituir família entre eles; isto não significa dizer que era por meio de casamento endogâmico, pois haviam várias matizes entre eles, isto é, holandeses, suíços e alemães. Este fato não dá a ideia de uma construção étnica no sentido biológico, como deu a entender Mask (1999).

é o resultado de influências culturais, e essa transmissão passa pela influência dos pais e, uma vez de posse dessa formação, adquire a pré disposição para perpetuá-la (2002, p. 298-299).

3.1. Pesquisa de campo e seus desdobramentos

Nas discussões até aqui desenvolvidas (capítulos anteriores), encontramos elementos necessários à focalização de temas relacionados a certos aspectos da organização social do grupo de migrantes e sua vinculação com a sua existência no território em que se encontram. No que tange a realidade social circundante Nova Durango, pode ser classificada como uma Colônia fechada. Os vínculos existentes acontecem apenas entre os colonos. A relação com o nativo se dá apenas no campo da economia, devido ao seu sistema de produção econômica de modo atender o mercado paraguaio dentro de suas especialidades, ou seja, produção de gado leiteiro, leite e grãos. As demais produções, frutas, mandioca (aipim), carne, erva mate, equipamentos agrícolas, entre outros produtos necessários para consumo próprio, quando não produzidos por eles, se abastecem da cidade de Curuguaty.

Mesmo havendo outras colônias no território paraguaio que se encontram abertas⁶⁷, Nova Durango se apresenta, como já fora mencionado, como uma colônia fechada, o que é óbvio de se perceber; a própria sociedade paraguaia é subdesenvolvida⁶⁸ e, portanto, sem atrativos aliciadores. A cidade de Curuguaty apresenta carências nas áreas da urbanização e sem as devidas providências de saneamento básico, ruas sem asfalto, esgoto a céu aberto, automóveis antigos, animais transitando nas praças; mesmo possuindo uma população de cerca de 35 mil habitantes, não existem semáforos num trânsito sem regras; os hotéis, restaurantes, açougues tem com aspectos rudimentares. Tais fatores colaboram para um possível prolongamento da persistência étnica dos Menonitas e a uma resistência à

⁶⁷ Na discussão de Barth (2011), afirmar que uma colônia é aberta constitui em um problema de compreensão do tema das fronteiras étnicas.

⁶⁸ Esta afirmação é uma questão problemática, pois a afirmação “subdesenvolvida” a partir de leitura do nativo ou do pesquisador?

assimilação dos aspectos da modernidade. Mas é importante que se diga, o Paraguai é um país aberto à tecnologia, a maioria dos lares possuem as ultimas novidades tecnológicas e possui acesso a energia elétrica em praticamente todo seu território, advinda da hidrelétrica binacional de Itaipu a um preço acessível.

Para usar a lógica de Borges Pereira (1974, p. 96), as condições encontradas não permitem que se construam uma teia de relações quando os colonos vão à cidade, de modo que possam ser inseridos na dinâmica social e cultural, e que os levem a estabelecer laços com a sociedade paraguaia. Sendo assim, no presente estudo, pretende-se analisar até que ponto, e concomitantemente, tais condições exteriores, aliadas a fatores internos, atuam sobre a própria organização da colônia e sobre os mecanismos de participação de indivíduos ou da própria colônia na configuração estrutural desse grupo. E para que possamos apreender todas as manifestações da vida comunitária e associativa, esta pesquisa procura abordar este tema a partir de uma perspectiva tridimensional: nível familiar, nível escolar e nível religioso.

Como ponto de partida para descrever a pesquisa empírica, é importante ressaltar que todos os membros do atual conselho de bispos e pastores são Menonitas mexicanos, isto é, vieram na infância do México. A colônia tem 38 anos e eles têm uma faixa etária de 45-50 anos, o que contribui para a persistência étnica por serem os mesmo que migraram. Porém, uma faceta importante é lembrar a afirmação antropológica de que mais cedo ou mais tarde o imigrante assimilará caracteres do *locus* (LUVIZOTTO, 2009), pode ser que no caso dessa colônia o tempo cronológico ainda não fez o seu trabalho para contaminar e modificar a identidade étnica e religiosa, mas vale ressaltar que tal influencia não aconteceu mesmo quando ainda estavam no México, porque eles não se identificam como menonitas mexicanos se não como ucranianos. Sendo assim, a identidade constituída no presente ainda é aquela que seus antepassados viveram.

Na Colônia de Novo Durango existe uma simbiose na estrutura administrativa, e não é tão fácil separá-la em camadas ou sessões de modo que se estabeleçam fronteiras entre os três pilares que a constitui, isto é, a família, escola e igreja são um todo e não existe uma clara divisão onde termina a esfera de uma e começa a da outra. Compreender essa engrenagem e ser capaz de diferenciá-la constituem tarefas desta sessão, na presente pesquisa. Falar-se-á teoricamente, procurando expressar, conforme possível percebê-la nesta pesquisa participante.

Antes e provavelmente seja necessário lembrar que, em um primeiro momento, os Menonitas, desde 1926 com a chegada dos primeiros grupos, não vieram para contribuir para o progresso do Paraguai, pelo menos para eles a premissa básica era que, enfim, encontraram uma nação dispostas a conceder-lhes autonomia. É claro que existia por parte do Paraguai uma clara intenção de fazer deles uma espécie de escudo, que ocupariam o Chaco na eminência do confronto bélico (TORRACA, 2006, p 13-16). Portanto, a seguir descreveremos os dados coletados na pesquisa de campo (empírica), tendo como direção a afirmação de Cardoso de Oliveira (2000, p.12), *que* preconiza sobre o papel do antropólogo: “Olhar. Ouvir. Escrever”. Os temas: família, educação, religião, conflito, materialismo, capitalismo, política, festividades, entre outros, serão abordados na medida em que a narrativa for se desenrolando dentro de seus respectivos referencias teóricos, para que possamos chegar a um destino, qual seja, a resposta da pergunta inicial que é a procura de como explicar persistência étnica e religiosas do menonitas da colônia de Nova Durango?

Entrevista com o Conselho em linhas gerais

Quando solicitamos uma entrevista com o Conselho, o receio do bispo Joan Wall em nos receber foi quanto à sua preocupação de que a memória deles não seja deturpada, como tem sido feito pela imprensa local⁶⁹. (ver anexo nº 006 - fotografia do Conselho).

⁶⁹ A imprensa local ABC Color, um jornal eletrônico conceituado no Paraguai, tem acompanhado o dia a dia dos menonitas na colônia Nova Durango. Constatamos a vera-

Nosso encontro durou tempo suficiente para ouvirmos do conselho como é construído a predica para persistirem etnicamente. Dizem que, tendo recebido os ideais dos seus antepassados (pais) por escrito “em nossas mentes e corações, isso transmitimos aos nossos filhos do mesmo jeito que recebemos”. Portanto, temos a história das memórias que está viva entre as famílias, passando de geração em geração e em seguida reafirmada na escola, até chegar à religião; desse modo, as crianças aprendem a história dos Menonitas como lhes é contada⁷⁰ (LE GOFF, 1990).

Todavia, quer-se-ia saber o que eles (conselho) sabem sobre o mundo fora da colônia e suas respectivas opiniões sobre os menonitas urbanos e de outras colônias. A resposta foi: “_ nossa colônia continua fiel a tudo aquilo que vem desde Menno Simons, não aceitamos de forma alguma que nossos jovens se casam com pessoas que não sejam menonitas de origem!”. Portanto, neste ponto da investigação, descobre-se que são menonitas da Rússia, da região da antiga República da Ucrânica; disseram: “a nossa preocupação é que televisões, rádio, celulares contribuam para trazer o mundo para dentro da colônia, mas sabemos que alguns usam escondidos; quando descobrimos que estão usando, chamamos a atenção dos pais que são os responsáveis e assim colaboram para quebrar a tradição”. Sobre as outras religiões, disseram que se consideram o povo escolhido de Deus e que de fato creem em Jesus Cristo morto e ressuscitado e está à destra de Deus Pai e que enviou seu Espírito Santo.

É bom lembrar que o conselho de bispos e pastores, neste encontro, fez questão de trazer à memória suas impressões sobre a origem do menonitismo, falando sobre Menno Simons e suas hercúleas lutas pelo cristianismo verdadeiro, dando a impressão de que o centro unificador da sua história e, portanto, do seu discurso, de certa forma, extraem os movimentos seguintes.

cidade disso em nossas conversas com o homem da cidade e foi possível perceber que ABC Color formata o imaginário coletivo, a exemplo do brasileiro que havia me passado informações verossímeis, extraída do citado jornal.

⁷⁰ Uma clara referência aos textos do Antigo Testamento, tais como Deuteronômio 6.6-9 e do Salmo 78.1-4.

Desse modo, todo o movimento pós Menno parece não ser levado muito em consideração; o que lhes importa é que eles têm como referência as posições que Menno possuía desde os primeiros dias. Esse fato se confirmou na conversa com o Professor Henrich Well, ao dizer que ele possui todas as obras de Menno Simons em sua biblioteca. E é a partir daquilo que ele escreveu que ele constrói sua doutrina na escola onde leciona.

A abordagem se concentra nas três manifestações mais explícitas da colônia, que são a família, a escola e a religião, de modo que procuraremos os agentes definidores dos papéis que elas engendram na conservação da cultura, que sustenta essa persistência étnica e religiosa dos menonitas residentes. O tema religião (igreja) será mais extenso, e dentro desse assunto transcrevemos um relato de um breve e profícuo encontro com o Conselho da colônia.

A Família.

A colônia em termos territoriais é um vasto espaço geográfico com muita distância, em média de 4,5 a 6,5 km entre os agrupamentos de residências, percorridos por meio de transporte usual entre eles e de tração animal; observa-se que cada família tem os seus currais, estábulos, galinheiros e outras construções necessárias para a vida diária e a lida do campo. As casas de alvenarias são raras, a maioria das construções é de madeira e há construções de dois pavimentos, mas a maioria possui apenas um pavimento e nenhuma delas é pequena, porque em média o casal tem de oito a dez filhos, exigindo como padrão casas grandes e possuem estilo europeu (ver anexo nº 007 fotografia residências). As famílias são constituídas por meio do casamento somente entre os membros da colônia e deve acontecer na casa dos pais, e não fazem o registro civil em cartórios. Quando um jovem em média chega aos 20 anos e tendo conhecido uma jovem, caso exista amor entre eles, podem namorar sempre com o objetivo de constituir uma família e não são namoros arranjados e demorados, no máximo em um ano já contraem núpcias, um tempo necessário para a construção do seu espaço residencial. A cerimônia é um evento importan-

te, porém simples e tem dois atos: no dia marcado, geralmente nos fins de semana, acontece na igreja uma cerimônia simples, onde o bispo faz uma prediga sobre os deveres do casal diante de Deus e dos membros da colônia, orando e invocando a bênção dos céus sobre a nova família; depois tem a festa, que também é apenas um encontro entre as famílias e os amigos mais próximos para um almoço de confraternização e a entrega de presente é muito raro; em seguida, o novo casal pode continuar a vida como os demais. O pai do noivo deve providenciar a terra para o filho e casa onde irá morar, pois até que ele resolva se casar, tudo o que faz é servir a família, e quando o filho tiver condições, deve reembolsar o pai. É permitido o casamento entre membros de outras colônias, ainda que seja desencorajado, porém são raríssimos, devido à falta de intercâmbio entre os membros das colônias. Segundo soubemos, logo no primeiro ano de casamento, os filhos já começam a nascer e um casal onde o homem tem cerca de 35 anos já possui cerca de 7 a 8 filhos, e os filhos possuem pouca diferença de idade entre eles. No caso das crianças, nenhuma delas está na escola e suas funções são ajudar nas atividades domésticas e brincar. Não foi notado a presença de brinquedos, tipo bonecas, carrinhos, bolas, jogos de memórias ou coisas do gênero entre as crianças. Cornelius Jünter, professor da escola que fica a 3,5 km de sua residência e está casado há oito anos (ver anexo nº 008 foto famílias). Mais adiante falaremos da função e funcionamento da escola segundo ele.

Quando visitamos essa família, ao chegarmos foi possível perceber a alegria das crianças com a chegada do pai e a curiosidade com a nossa presença. Não foi possível entender o diálogo, uma vez falavam em alemão e, quando conversávamos com o professor Cornelius em espanhol, haviam pequenas intervenções da esposa também em espanhol. O bispo Joan Wall, em nossa entrevista, afirmou que não existe caso de divórcio na história da colônia e nem há relato de traição conjugal daqueles que são fieis⁷¹. Quando alguém fica viúva, ela poderá se casar novamente e dentro

⁷¹ Soubemos que pelo menos uma família se rebelou e um dos cônjuges acabou cometendo um deslize moral e ao ser chamado para se explicar não aceitou a autoridade da igreja e fora excluído

das normas permitida pela ideal da colônia. Todas as famílias possuem o seu meio de transporte, que são as carroças tracionadas por cavalos, e isto segundo eles por duas razões: a tradição e a economia (ver anexo nº 009 foto Meios de transporte). Um cavalo e um carroção não precisam pagar impostos e nem de manutenção, uma vez que a vida útil de um cavalo é de 15 a 20 anos, e existem dois tipos de carroças: as mais ventiladas e as mais fechadas. Tradicionalmente eles usam um vestuário típico que os identifica e, mais do que isso, soubemos que o modo simples de se vestir é uma maneira de coibir a vaidade e definir *status*: para as pessoas do sexo masculino, o macacão, botina, camisa xadrez, chapéu ou boné sejam adultos ou crianças, e para as pessoas do sexo feminino, vestidos longos, fitas, chapéus e sandálias com meias são importados do México, assim como as Bíblias que são produzidas fora do Paraguai. Vestir-se assim não é apenas um costume, mas a manutenção da identidade exterior. Todas as crianças antes de ir para a escola, e boa parte do tempo que a frequentam, não falam o espanhol; o único idioma falado em família é o Alemão Alto (um dialeto Ucrâniano), e o professor Cornelius Jünter disse que, além de inculcar às crianças a nacionalidade alemã, serve como um escudo que as protege de qualquer possível assédio dos muitos trabalhadores nativos que são seus empregados. Portanto, nesse tempo em que toda a educação inicial, em todos os aspectos possíveis para uma família, está sob a tutela dos pais.

Quando visitamos o pastor Giacomo Wall, tivemos o privilégio de saborear uma deliciosa bolacha “alfajor” e água gelada; percebemos como é o interior das casas e as mobílias, no entanto não a descreveremos, pois o objetivo ainda é tratar da questão da família. Vale lembrar que esta foi a única casa que pudemos entrar; afinal, ele é uma autoridade e nos permitiu, não soubemos bem o motivo além da relação de negócios que havia entre nós, pois fomos comprar um bíblia, mas o fato é que transbordava generosidade no casal. Fomos tratados com deferência e pudemos conversar sobre diversos temas, além de olharmos os acontecimentos ao redor.

dos privilégios da igreja e da cooperativa. Notamos que na casa dele tem uma antena parabólica e um automóvel. Não conseguimos entrevistá-lo.

Como padrão de família, ele também tem vários filhos e, assim como a família de Cornelius Jünter, as crianças como muita educação não ficaram presentes na sala, apenas a mais nova que esteve por um tempo no colo da mãe e logo saiu; afinal a mãe estivera ausente na parte da tarde, pois houve um funeral e o pastor estava presente. Dentre os assuntos que conversamos estava a importância da família, da escola e da religião, pois este homem é uma líder e galgou essa posição por mérito, e poderia nos ajudar a compreender melhor toda essa engrenagem. Giacomo Wall nos lembrou de que eles, como menonitas, são portadores de uma história que começou ainda na época de Menno Simons que, dentre os homens daquela período enfatizou, o papel da família na construção de uma igreja que fosse a continuidade do Novo Testamento, e tudo deveria começar em casa onde marido e mulher devem viver uma vida exemplar, a começar para os próprios filhos: “Filhos bem educados, família equilibrada, igreja santa.”

Dessa forma, foi possível perceber o quanto o caráter familiar serve como a principal base na manutenção da continuidade da colônia em seus valores, os quais são considerados sagrados. Fazendo uso do pensamento do geneticista e estudioso de antropologia e história Cavalli-Sforza (2002, p.276-283), que diz existir uma espécie de fonte de transmissão vertical da cultura onde ela é recebida por assimilação na idade em um ambiente com pouca mudança e “do conjunto de informações que nos são transmitidas na forma de ordens ou conselhos ou simplesmente de ideias potencialmente úteis” (p. 279), também pela tendência natural na diminuição das informações que veem de fora e pela força do ensinamento parental que são especialmente eficazes e isso começa nos primeiros anos de vida, pois “há períodos críticos em que os fatores culturais deixam marcas indeléveis; se essa influência faltar no momento crucial, um indivíduo pode não desenvolver-se corretamente segundo a maneira determinada da-quele fase” (p.280) e, por fim, Cavalli-Sforza afirma que a linguagem (idioma) só pode ser bem aprendida nos primeiros anos de vida e que não conseguimos dominar uma língua estrangeira com perfeição depois da puberdade.

Este são os procedimentos dos menonitas com a ênfase na permanência dos filhos com as mães até a idade escolar. É desse modo que eles tem uma iniciação cultura, pois “a maior impressionabilidade dos jovens torna a influência parental mais forte e incisiva, mas os pais atuais estão perdendo o contato e o controle, assolado pela enxurrada de informações e atividades que hoje absorve seu tempo, e dos filhos” (CAVALLI-SFORZA, 2002, p.282).

Como se pode ver nos parágrafos precedentes, a família constituída vai residir nas adjacências da família do noivo (marido), uma vez que é o pai dele o responsável por alocá-lo, cedendo a área de terra. Por isso, a noiva (esposa) deve deixar a sua família e unir ao grupo da família do cônjuge. A partir do casamento, o homem vai ter sua independência econômica financeira e familiar em termos de sua subsistência, é claro que ele estará atrelado às famílias pelos laços comuns destas, e até certo ponto e até que consiga quitar a dívida com seu progenitor pela aquisição de sua propriedade. É notório que as famílias dos cônjuges se unem, porém não existe um controle da escolha da esposa/esposo, pois é o rapaz que deve cortejar a moça e a validação acontece com a cerimônia diante do bispo, a confraternização entre os parentes e a posse do seu quinhão de terra. Esta forma de vivência na colônia se atrela à observação de Willems (1966, p. 71-107).

A Escola

A escola sempre foi fundamental na história do conhecimento humano, desde as escolas filosóficas pré-socráticas, passando pela Escolástica e outros fundamentos, como dos jesuítas, como o *Ratio Studiorum* com o objetivo de levar a fé católica aos povos (AVERSA, 2008, p.1), até chegar aos dias de hoje, educadores dos mais variados campos de conhecimento tem se esforçado para compreender como se aprende e daí a multiplicidade de métodos educativos que são idealizados, passando por Piaget (1996) quando expõe as ideias da assimilação e da acomodação. São métodos que procuram transmitir conhecimentos de como acontece ou se

da o aprendizado e ainda Jean Piaget (1975), explicando como o desenvolvimento intelectual acontece, principia com a ideia de que os atos biológicos são atos de adaptação ao meio físico e organizações do ambiente em que se vive, devendo existir um equilíbrio; é desse modo que Piaget entende que o desenvolvimento intelectual age, ou seja, mesmo modo que o desenvolvimento biológico e, portanto, as atividades intelectuais não podem ser separada do funcionamento geral do organismo físico. Nessa forma piagetana de entender o processo de aprendizado, nota-se que ele ainda propõe quatro estágios na vida da criança que são fundamentais, dentre esses estágios está a fase dos 8 aos 14 anos que ele chama de Operatório formal; é neste momento que as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento.

As crianças menonitas vão para a escola exatamente nessa fase e, por mais que tentemos evitar qualquer indução a um determinado viés, o fato é que a educação que os Menonitas desenvolvem é uma educação cristã e quanto a isso não existe dúvida, uma vez que a colônia é uma expressão religiosa cristã e todo o currículo geral resume-se no ensino do Antigo e Novo Testamentos; acresce-se a eles os catecismos adotados pelos menonitas. Para os professores entrevistados Cornelius Jünter e Fredreich Wall, na Bíblia está todo o conhecimento necessário para a formação do ser humano. Manoel Peres Sobrinho em seu livro *Educação Cristã* (2009, p.45-49), portanto tratando dos fundamentos da educação cristã, fala da tentativa da humanidade em possuir uma biblioteca universal e apresenta um relatório sobre as diversas tentativas na história, desde a famosa biblioteca de Alexandria e o projeto da Google em digitalizar as cinco maiores bibliotecas dos EUA e outras tentativas, e conclui com a mesma concepção dos menonitas: há uma biblioteca com apenas 66 livros disponibilizados por Deus. É nisso que os professores menonitas acreditam e praticam.

As crianças começam a frequentar a escola na fase “Operatório formal”, esta é o segundo momento, dos 6 aos 12 anos para os meninos e 13 anos para as meninas. Eles devem frequentar a escola, onde passam por quatro níveis de estudos: a) aprender a ler usando como texto básico a Bí-

b) aprender as quatro operações básicas da matemática, c) conhecer estrutura da Bíblia e d) conhecer a história dos menonitas por meio dos catecismos.

O sistema educacional é tradicional multisseriado, estando o professor no alto do tablado e os alunos abaixo; meninas, à direita do professor, e os meninos, à esquerda. Todos cantam e recitam pessoalmente o texto até decorar. Aprendem, também, as quatro operações básicas da matemática. O professor usa quadro e giz. A escola é particular, ou seja, paga pelos pais dos alunos (ver anexo nº 010 foto Escola). Portanto, sob a garantia da lei. Não cantam o hino do Paraguai e nem hasteiam a bandeira. Não seguem o calendário cívico do país e nem mesmo cumprem a Constituição de 1992, que torna obrigatório o ensino do espanhol e do Guaraní como línguas oficiais à todas as pessoas nascidas no território paraguaio.

Seria lícito afirmar que não nascem paraguaios, pois nem mesmo são registrados em cartórios no município. O espanhol é aprendido depois que eles saem da escola, no dia a dia, por ser a língua oficial dos negócios entre eles, e a cidade e seus trabalhadores. Nota-se que o espanhol falado por eles é melhor entre os homens, uma vez que a mulher não deve se relacionar com homens que não sejam menonitas e, mesmo assim, o espanhol falado entre os homens não corresponde ao espanhol falado pelo homem paraguaio, pois muitos termos são plenamente desconhecidos, tais como santo, sagrado, luto, paraíso, decálogo, santa ceia e ou eucaristia, entre outros. Percebe-se que a língua falada na cidade de Curuguaty tem uma peculiaridade transicional, no sentido de que, em um diálogo comum entre dois paraguaios, usam termos do espanhol atrelado ao guaraní. E, assim, os dois idiomas aparecem na conversa, criando uma espécie de terceira língua; e é esse o idioma que os menonitas aprendem. Nota-se que essas nomenclaturas comuns aos protestantes de outras expressões não são valorizadas entre eles e, como afirmado acima, até mesmo desconhecidas. Então, o que eles aprendem na escola e mais tarde quando já estão em condições de assumir novos postos na colônia transmitem aos seus ouvintes?

Os alunos possuem uma postura respeitosa para com o professor que, por sua vez, fica a uma distância necessária para manter o respeito, pois ele tem a autorização dos pais para corrigir no que for necessário e mais do que isso, possui a confiança de que serão conduzidos de maneira a aprenderem. Há intervalos para recreação, brincadeiras e muito riso e sem dúvida para suas necessidades fisiológicas. No intervalo, meninas separadas dos meninos brincam e uma das brincadeiras (popular) que elas desenvolveram foi o “passa treze⁷²”, que consiste em cantarem e dar passos de acordo com a cantiga, lembrando-nos que da premissa de Batista Mondin em seu livro *O Homem o que é?* (1980, p. 209-217) e sua temática do *Homo Ludens* em que o homem precisa se divertir (ver anexo nº 011 Foto das brincadeiras no recreio). Caso um dos alunos não queira brincar, deve voltar para a sala de aula e ficar estudando, pelos menos isso acontece na escola do professor Fredreich Wall. Quando os alunos retornam à sala de aula, todos devem ter ido ao banheiro, lavados as mãos e dessedentado a sede, pois não é permitido sair no horário em que as aulas estão sendo ministradas para não quebrar a sequência, a não ser em extrema necessidade. As atividades são puxadas, das 7 horas da manhã às 13h, com dois intervalos de 30 minutos, e consistem em cantar os textos bíblicos do Antigo Testamento como forma de oração, e do Novo Testamento em forma de louvor. No dia em que estávamos lá, foi cantado o evangelho de Mateus 6.25-34. A sequência é: a) cantar o texto bíblico em uníssono (meninas e meninos), em pé, b) tomada de leitura individual, c) leitura do catecismo e d) matemática. O professor confecciona cartões com texto e tarefas a serem apreendidas pelos alunos, geralmente aqueles que precisavam de reforço. Os cadernos de tarefas são analisados aluno por aluno na hora pelo professor, enquanto os demais se mantinham em silêncio absoluto.

Os professores também são colonos como os demais e cada um possui o seu quinhão de terra, são produtores de gado leiteiro e plantam milho, e chegam a posição de professores por indicação e pelo histórico de

⁷² <http://maternoamoreterno.blogspot.com.br/2016/09/colunista-lilian-cristine-ribeiro.html> (acessado em 29/10/2016 às 21H53M)

bom aluno, e mais adiante poderá, devido à sua postura, vir a se tornar um pastor. O salário médio gira em torno de 4.500.000 (Quatro milhões e quinhentos mil Guaranis), cerca de três mil reais por mês, pago por cada um dos pais de seus 20 alunos, ou quantos tiverem no campo onde a escola está localizada, e no período de férias não recebem salário. Há na colônia uma professora, mas infelizmente não conseguimos encontrá-la, e isso demonstra que na colônia há uma abertura para o papel da mulher na formação das pessoas.

Depois que a criança completa 12 anos, no caso dos meninos, e 13 anos, no caso das meninas, o ciclo escolar termina e a responsabilidade da vida religiosa passa a ser dos bispos e seus auxiliares, isto é, pastores; bem como agora esse menino está pronto para ingressar na vida de trabalho somente nos limites da colônia, sendo-lhe vedado trabalhar na cidade. Mas ainda não pode ser batizado, porque não chegou a idade mínima, que para eles significa ser capaz de decidir-se por si mesmo. (ver anexo nº 012 Foto das crianças menonitas)

A Igreja

É comum nas religiões etnicizadas existir diversas manifestações nas suas estruturas que revelam um mundo que funciona alheio ao olhar da maioria dos seus adeptos. Empiricamente, pode-se dizer que a maioria dos adeptos não possui a noção necessária e nem mesmo a preocupação em saber quais são os antecedentes de um culto ou de uma reunião espiritual e de todo o aparato que existe para que tais possam acontecer. A colônia menonita de Nova Durango funciona em uma dicotomia, ao mesmo tempo em que tem sua raiz na religião, funciona como um Estado que possui um sistema de governo teocrático exercido pelo clero, eleito pelos seus membros para cargos vitalícios. Esse clero exerce as funções civis e religiosas e não existe uma linha que demarque a fronteira que separa e defina claramente a função de cada um; os membros só sabem que eles funcionam (ver anexo nº 013 foto da primeira Igreja da colônia).

Pelas informações colhidas e em linhas gerais, é possível estabelecer um organograma simples de como a estrutura administrativa e religiosa funciona e nele temos a possibilidade de perceber que os bispos possuem a totalidade do poder na colônia para administrar os dois braços que ela possui, quais sejam: o religioso e os negócios da cooperativa. De um lado, a fé, e do outro, o Capital. Esta estrutura revela o quão próximo religião e capital coexistem na colônia; no entanto, este é um campo inexplorado no estudo desse grupo. Não encontrei trabalhos que tem como proposta analisar em profundidade a fórmula que os menonitas usam neste quesito (ver anexo nº 003 - Organograma da estrutura administrativa)

Pondé em seu artigo *Religião Sustentável* (Folha Ilustrada 26/09/2011), afirma que não existe religião auto sustentável, portanto, que não precise de contribuintes. Mas entre os menonitas acontece de forma diferente, a religião é a vida civil e os pastores não recebem salário, pois são proprietários de seus rebanhos e lavouras, ainda que aceitem ofertas. Não foi explorado esse tema na pesquisa

3.1. A Herança Histórica Teológica

Neste ponto, pretende-se analisar a continuidade etnorreligiosa, ou seja, se os aspectos históricos teológicos propostos pelos primeiros anabatistas e depois reafirmados por Menno Simons ainda são observados. Uma vez feito isso, poderá ser que se consiga entender o que foi dito acima: de que, de algum modo, os menonitas fazem uso do termo religião para não se envolver como as questões cívicas dos Estados, pelo simples fato de que a herança histórica teológica não ter sido observada como tem sido observado e exigido ao extremo a continuidade étnica. Então, foram escolhidos quatro pilares característicos dos Anabatistas como amostragem e objetos de análise, para depois se tentar compreender a veracidade dessa hipótese.

Os Menos, como gostam de ser chamados, têm um conceito muito particular de espiritualidade. Por esse motivo, eles não fazem separação de

sagrado e profano, como preconiza Mercea Eliade (1992), uma vez que toda a vida está envolvida pelo santo. Tudo na vida é sagrado, “não consigo entender o que significa profano”, disse Juan Wall, o bispo. Não existe separação, uma vez que a colônia é o paraíso e no paraíso não existe espaço para aquilo que não é santo. O bispo Juan Wall preconiza em uma sentença o ideal: “não somos uma religião, não sabemos o que é uma religião. Nós somos a expressão do Evangelho, como nossos pais fizeram no passado. Vivemos o evangelho. Aqui nesta colônia é o evangelho que define nosso viver”. Juan Wall estaria correto em sua afirmação?

Sacramentos.

Para que se fique claro, os Menonitas possuem dois sacramentos como as demais Igrejas Reformadas. Quanto à Santa Ceia, esta é ministrada uma vez por ano nas quatro igrejas da Colônia, e o Batismo, na mesma ocasião. O pomo da discórdia entre os primeiros anabatistas e Zwinglio está exatamente sob este pilar sacramental. É sabido, desde o começo, que a grande controvérsia desse tema foi objeto, inclusive, de execuções que ceifaram a vida de anabatistas nos primeiros dias, estava ligada a forma e, sobretudo, quanto a quem deveria ser ministrado o sacramento do Batismo.

Na colônia, encontra-se uma variante na forma do batismo, pois o mesmo é por aspersão e não por imersão, como ficou definido pela ala anabatista e adotado por Menno Simons, e observado nas demais igrejas menonitas. O argumento que apresentaram foi que primeiro, a forma não é tão importante quanto a quem e em quais circunstâncias o batismo deve ser ministrado; segundo, se viram obrigados a se adaptar à realidade da Colônia, pois não existem rios no espaço geográficos onde estão instalados e, entre construir piscinas, que já seria uma adaptação, optaram pelo mais fácil, que neste caso é o batismo por aspersão, e assim procedem sem maiores informações. O que eles afirmam é que o batismo tem um significado que realça a salvação, por isso deve ser ministrado somente àqueles que declaram conscientemente serem possuidores de uma fé genuína, as-

sumem diante de Deus o firme compromisso de conduzirem as suas vidas sob a vontade de Deus e que o mundo é corrompido por natureza.

O culto

O culto realizado pelo Menonitas nesta colônia é muito simples. Acontece uma vez por semana, aos domingos pela manhã, e consiste em cânticos de louvor dos Salmos e Predica nos textos do Antigo e Novo Testamentos. Sem instrumentos musicais e, portanto, tudo à capela. Os sermões (predicas) são muito simples, uma leitura e uma exposição acerca do conteúdo da porção bíblica lida. As mulheres e as crianças assistem todo o culto, obviamente, separadas dos homens. Geralmente um dos pastores transmitem os avisos dos acontecimentos da vida na colônia, além das necessidades corriqueiras.

Quando alguém falece, não existe um laudo médico para detectar a causa da morte, e o corpo aguarda 24 no mínimo para ser sepultado. É realizado um culto fúnebre, e a morte entre os menonitas é tratada de maneira muito simples, como nos informou Fredreich Wall. Morre-se em média com 65 anos; o culto fúnebre possui uma liturgia com oração, leitura bíblica e uma mensagem de consolo, na qual a família enlutada escolhe um dos oitos pastores para pregar e orar por ela. Nada de excepcional. E o luto deve durar três dias, no máximo, um tempo para reflexão e choro. Depois disso, a família ou pessoa enlutada deve prosseguir a vida. Fredreich Wall afirmou que desde cedo são ensinados que se deve amar em vida e depois não adianta ficar lamentando o que não se viveu tentando demonstrar, um respeito que não existia em vida; de fato, ao observar um dos cemitérios, nota-se que é a precariedade de seus limites, apenas uma demarcação simples de arame liso ou farpado, covas rasas, com apenas uma lápide ou uma cruz com o nome do falecido e nada mais, todo coberto de mato e, inclusive, animais pastavam sobre os túmulos. Cada escola possui um cemitério, porque a escola é um tipo de espaço público, é uma unidade de terra reservada previamente no loteamento, que é planejado pela extensão territorial e que, na aquisição do lote, o preço desse espaço está

agregado. Ao indagar sobre essa espécie de deszele, disseram que ali é onde tudo acaba e o que mais poderia ter sido feito por quem já morreu? Agora só resta esperar a ressurreição dos mortos, onde tudo se fará novo, e a vida aqui termina ali naqueles túmulos. Quando a família tiver condições, pode colocar o corpo do falecido em câmara frias a espera de algum parente que esteja em outra colônia ou fora do Paraguai. Ao ser indagado como ele viriam? De carro ou de avião foi a resposta. (ver anexo nº 014 um dos cemitérios da Colonia)

Evangelização

Como foi possível notar, desde quando foi tratado no embrião das colônias, o fervor evangelístico dos menonitas foi arrefecido. As circunstâncias que foram envolvidas acabaram impondo esse desencantamento pela expansão e propagação da mensagem do evangelho, na medida em que eram transformadas em uma comunidade étnica, devido à conjunção de diversos fatores. No entanto, uma das causas principais foi as exigências de que somente menonitas nascido de casamentos entre eles possuíam o privilégio da isenção das obrigações cívicas militares é que se impôs esta condição de desvalorização da pregação e a busca por converso.

A despreocupação evangelística pelo testemunho do evangelho propugnado por Menno Simons é uma força externa surgida nas colônias, agregado a outros fatores além do citado acima: o isolamento e a condição de despreparo por parte dos colonos levou aos poucos a uma condição de apaziguamento do fervor evangelístico. Desse modo, se, de um lado, a exigência primária era a constituição de famílias ligadas entre eles, característica que está em pleno desenvolvimento no seio da colônia em Novo Durango, por outro, a expansão e crescimento por evangelização é vista como uma forma de contaminação étnica, ou seja, uma vez constituído o povo eleito, a exemplo de Israel e, provavelmente, como a mesma mentalidade a preocupação exigida pelo Novo Testamento, como disse o porta voz do Conselho e para não se por em jugo desigual, conforme orienta o

apóstolo Paulo à Igreja de Corinto (2ª Epístola de Paulo ao Coríntios 6.14-15).

Portanto, o mundo não é para ser transformado pela pregação do evangelho, mas para ser evitado. A compreensão vigente na colônia é de que, mesmo assim, seja testemunha desse Evangelho, porque para eles é dado como certo que o modelo de vida que levam, sem causar nenhuma espécie de problemas para as autoridades locais e para a cidade, pelo contrário, geram renda e emprego aos munícipes, e pagando em dia seus impostos como nenhuma outra denominação, às quais no estado laico são isentas de pagamento de tributo, eles se colocam como a expressão do Reino de Deus aqui na terra, desenvolvendo aquela ideia de Bosch (2002) de que uma das principais características do protestantismo (igreja cristã) é fazer missões, que, em outras palavras, tem o mesmo sentido de evangelização. Para eles, o bom testemunho significa revelar ao mundo que Deus está com eles. Indagado sobre a ordem de Jesus no “ide” contido no evangelho de Marcos 16.14-18 e a necessidade de batizar aqueles que aceitarem as boas novas, Juan Wall disse que Deus já tem o seu povo. Uma afirmação contundente, pois ele disse que são os menonitas. Joan Wall afirmou, veementemente, ao ser perguntado se eles se consideravam de fato a única religião verdadeira, ele disse que não são uma religião: “_não somos uma religião, nós somos a expressão do evangelho. Somos o evangelho, vivemos o evangelho e evangelho não é religião!”.

Expectativa do Milênio

Os primeiros anabatistas, Conrado Grebel e Félix Mantz entre outros, possuíam uma grande expectativa sobre o Milênio, mas esta é outra ausência notável na mentalidade Menonita em Nova Durango. Não olham para o céu esperando o Messias voltar, eles apenas sabem que ele voltará, por isso não deve ficar esperando a volta do Cristo e os seus problemas serem resolvidos de uma vez por toda, como é próprio da crença dos milenaristas. Se por um lado o movimento Anabatista nos primeiros dias enfatizou essa crença e fez dela um viés de sua proposta, levando a resultados inesperados como exposto no capítulo primeiro, por outro

essa crença arrefeceu profundamente no ambiente da colônia. Em conversa com um dos professores após a visita ao cemitério de um dos campos, o tema fora esse, e ele me disse que essa é uma esperança quase esquecida entre nós, ainda que saibamos que o Novo Testamento enfatizou esse fato, mas enquanto isso não acontece, é necessário que façamos o melhor hoje⁷³, mesmo porque é disso que depende estar com Cristo. Como já fora dito em parágrafos anteriores, porém Fredreich Wall demonstrou uma clara opção pré-milenista. Isto é, a crença em uma volta temporária de mil anos antes do julgamento final de todos povos, segundo consta no livro do Apocalipse 20.1-6.

Festas

Não são promovidas festas na colônia, tipo bailes, confraternização, jogos, divertimentos entre outras manifestações culturais importantes no mundo rural. Não encontramos indicações desse tipo de atividades, como já foi dito acima; inclusive, nas ocasiões de casamento, a festa que é realizada não passa de um encontro de algumas poucas famílias. No caso de festas religiosas, eles afirmam que não guardam o natal como é costume entre os povos, apenas vão à igreja para agradecer a Deus pelo nascimento de Jesus, mas também não fazem confraternização, ainda que no dia 25 de dezembro o trabalho cessa como se fosse um domingo, porém não de todo, pois existem situações como a ordenha que não pode parar. Além do mais, na passagem de ano também não há manifestações de fogos e artifícios; segue a mesma dinâmica do natal, sem grandes acontecimentos, ainda que em família podem fazer suas comemorações. O período da páscoa de igual modo não recebe nenhuma ênfase entre eles, pois acreditam que são manifestações definidas pela religião católica e que não acrescenta valor a fé cristã verdadeira. Desse modo podemos perceber que a realidade eclesial consta apenas do seguimento da bíblia como eles entendem sem seguirem a tradição cristã

⁷³ No campo das ciências sociais, Coutinho (2004) expõe uma compreensão acurada sobre a expectativa milenarista. Mas como se sabe essa não é a principal crença do movimento Anabatista, ainda que inicialmente ocupou e desenvolveu grande desdobramento na constituição destes.

Política

Não existe sociedade onde inexiste poder político. Isto é, em todas as sociedades existem as classes dominantes, que de alguma forma alcançam o poder. Devemos lembrar que existe uma distância entre poder e autoridade, e se a autoridade denota o exercício de poder socialmente reconhecido, pode se dizer que o poder não precisa necessariamente ser apoiado pela autoridade (Willems, 1966, p.108).

Na colônia menonita existe, de forma declarada, o poder político exercido pelo conselho de bispos (dois) e pastores (oito), e ele existe para impor a forma de conduta no interior do território deles. Este conselho chega ao poder por meio do voto de todos os membros do sexo masculino acima de 18 anos, e que estão arrolados como membros assíduos nas atividades da igreja; as mulheres não votam e o ofício de bispos e pastores é parte da administração total do grupo. E o número é definido e vitalício, isto é, cessa apenas com a morte do eleito (escolhido), podendo ainda cessar em três outras situações: idade avançada, mudança ou disciplina. Em caso de vacância, segundo o Bispo Juan Wall, duas semanas antes do pleito, em todos os 19 campos e portanto, em todas as 4 igrejas, é divulgada a vacância e solicitada orações pela eleição do novo pastor; não há prévia indicação e nem é permitido algum tipo de campanha. Sendo assim, é convocada a igreja para votar, e o mais votado entre os homens acima de 18 anos e casado é eleito. Não é permitido solteiro ser eleito. O ofício de bispo é alcançado em uma eleição interna do conselho, pois poderá ser que a vacância é de um dos bispos, e entre os bispos, o mais velhos é o líder geral.

Se admitirmos que esta colônia se mantém dentro de uma paisagem social do passado que remonta os primeiros dias, quando seus antecessores estavam na Europa dos séculos XVII e XVIII, pode-se dizer que ela tem uma certa primitividade, pois, neste caso, é conhecido o fato de que em todas as sociedades primitivas, o poder deriva da solidariedade entre os

parentes da comunidade territorial, preenchendo dessa forma as necessidades do grupo/organização e a organização política, se existe, estaria obviamente subordinada ao parentesco ou dependeria dele. Desse modo, pode-se concluir que o parentesco e a organização política são plenamente compatíveis (WILLENS, 1966). Juan Wall é uma espécie de bispo primaz⁷⁴ da colônia, auxiliado por outros bispos e mais os outros oito pastores, que exercem total autoridade sobre a vida da colônia em termos religiosos e políticos. E a linhagem da família Wall é histórica na formação da colônia; seu pai fora por muito tempo o bispo principal. O voto que os membros do conselho recebem confere-lhes o poder eclesiástico e político. A função principal da política é ser guardião dos estatutos que coordena a vida diária, tanto no interior quanto no exterior da colônia, para fazer uso do conceito weberiano de “dominação legal” (WEBER, 2003, p.128-129).

É certo que em uma organização social do tamanho da colônia com 350 famílias e cerca de 3500 pessoas, com uma estrutura eclesiástica, educacional e familiar, conflitos aparecem, além dos fatores externos quanto ao policiamento, isto é, a fiscalização para que não haja a quebra das regras instituídas, e ainda a imprensa local, que formulou um conceito abstrato sobre quem eles realmente são, causando-lhes preocupações, além dos negócios promovido pela cooperativa e seus desdobramentos, tais como: política de preço, controle de zoonose, logística, funcionários, furtos de animais, e outras questões relacionadas ao Governo nacional do país e suas exigências,. Tudo isso sem um poder político viraria uma caos. Esta estrutura revela que o conselho precisa apresentar conhecimentos em diversas áreas, que *a priori* não aparecem na superfície da pesquisa empírica, “a fim de compreender a natureza das dimensões da organização política, não basta examinar a maneira pela qual o poder é distribuído e exercido, devemos também saber o que o poder implica” (WILLEMS, 1966, p.110).

⁷⁴ Esta é uma nomenclatura específica da Igreja Católica Romana, usada aqui apenas para clarear a ênfase da importância que o Juan Wall ocupa.

Além de tudo, a pesquisa não contemplou temas como favorecimento, formas de distribuição dos lucros da cooperativa, pobreza, riqueza, trabalho, política salarial dos nativos, conflitos, descontentamento, disciplina, como é caso de três famílias que se rebelaram e estão vivendo às margens da vida comum da colônia, ainda que estejam sob disciplina rigorosa, mas o fato é que continuam no território da colônia. Faltou ainda o conhecimento de como fora a compra das novas terras para uma futura colônia, com 9 mil hectares na região do Chaco.

Disciplina

Quando estávamos a caminho da colônia, perguntamos a um cidadão em um momento que havia uma caminhão atolado, o que ele sabia sobre os menonitas? Este opinou dizendo que são uns violentes, fumantes, beberrões e malvados, que espancam seus filhos entre outros e que a polícia estava enquadrando-os e estava intervindo. Esta informação serviu para tratarmos, na medida do possível, sobre a disciplina no interior da colônia e queríamos averiguar a veracidade de tal informação. Pois a prática da disciplina é vital na manutenção da ordem na colônia, e foi um dos principais motivos para a separação do braço Amish entre os menonitas e os motivos são variados e o conselho exerce o poder para impor pena e relevá-las e, quando ela acontecer, é sempre por motivos relacionados a vida eclesiástica.

Há algumas famílias em disciplina no seio dessa colônia; o motivo, segundo consta, foi porque um dos maridos teve um caso amoroso com uma nativa; entretantes, segundo o mesmo informante, este, por sua vez, negou veementemente e, por causa disso, se insurgiu contra o conselho e acabou conseguindo mais alguns adeptos à sua causa. Estes, de comum acordo, já compraram carro, TV, celular entres outras tecnologias, e seus filhos estão fumando e consumindo álcool, os quais também foram disciplinados e tiveram sua participação na cooperativa cassada, bem como estão fora da comunhão da igreja e ainda estão pastoreando a si mesmo com uma igreja independente que funciona nos lares. Mas as coisas não

tem ido muito bem para eles, segundo o professor Fredreich Wall, porque além do crédito cassado e da expulsão da igreja, os seus filhos não podem estudar nas escolas. Qual seria o caminho para uma restauração? Um excelente testemunho de arrependimento, uma análise acurada pelo conselho que os porá em prova e, por fim, o voto da igreja reunida para tal finalidade. Então, o cidadão que entrevistamos estava em parte correto e em parte errado, pois de fato há quem fume e beba na colônia, mas pertence a essas famílias; e o caso da violência, soubemos que eles haviam brigado entre eles, o que acabou gerando uma necessidade de intervenção, mas por parte dos faltosos e, nesse caso, nos disseram que não tem como o conselho intervir, pois de certo modo esses não pertencem mais a colônia, ainda que residam nela.

E o fator religioso faz o faltoso ser uma espécie de personagem do livro *Letra Escarlata* (2011) de Nathaniel Hawthorne, onde Hester Prynne uma jovem membro da impávida comunidade Puritana Americana do Século XVII, após ter uma relação adúltera, é desonrada publicamente, devendo levar estampada em seu peito a letra A em vermelho significando adúltera, tendo que se submeter às rígidas normas sociais impostas pela liderança do grupo. Religião e Cooperativa são a lei nesta colônia. Mas quem comanda é o Conselho de Bispos e pastores que, inclusive, impõem, se necessário for, a escolha ou a retirada do administrador da cooperativa.

Economia

A colônia está em um *habitat* que fornece os materiais e meios essenciais para a manutenção da vida. Historicamente os colonos menonitas são agricultores e pecuaristas; logo, são latifúndios de vastas extensões de terra para desenvolver suas atividades. Cultural desde o primórdios, estes tem sido homens que encontram nas nações para onde migram os materiais que necessitam, os meios e modo de alcançar sucesso em sua empreitada. Essa é uma cultura transmitida desde que eles apareceram no horizonte da história, pois levam consigo a sua profissão, mais adiante falaremos sobre essa transmissão cultural. Viver territorialmente circunscrito os leva a pos-

suírem a capacidade de captar recursos e não gastá-lo além do necessário, se revelando como não consumistas e, portanto, existe acúmulo de riqueza entre eles. Cada menonita é capaz, e está ali por possuir condições de produzir aquilo que necessita para sobreviver juntamente com sua família. O homem é responsável pelas funções de produção, e as mulheres, pela manutenção do lar, criando e educando os filhos. Apesar da paisagem mental/existencial estar ou ser congelada, em relação aos meios de manufatura é tecnologicamente moderno, pois eles possuem equipamentos agrícolas de última geração: tratores, colheitadeiras, plantio mecanizado, controle de confinamento bovino, ordenha mecânica para extrair o leite dentro dos parâmetros exigidos para a qualidade do leite, produção de queijo, entre outros. Destes fatores, percebe-se o significado do trabalho para eles, isto é, a lida diária gira entre 8 a 10 horas por dia e fazem não apenas para a sobrevivência, pois eles sabem que podem obter lucros com o excedente e a cooperativa está ali para cumprir esta função. É notável que existem pessoas mais abastadas e que produzem mais e, para conseguir cumprir a agenda de plantio, colheita, imunização do rebanho, a parte, entre outros, precisam contratar nativos para cumprir as tarefas. Portanto, estes são patrões e dentro da cultura paraguaia, nota-se a presença inclusive de índios entre esses funcionários, os quais operam o equipamento agrícola e a logística é feita por terceiros. Não somente de agricultura vive o homem menonita. Encontramos uma serralheria na colônia, onde um profissional fabrica barracões, portões, silos para armazenar os produtos, currais, coberturas das construções, bem como oficina mecânica nas propriedades; assim como existem pequenas propriedades com agricultura familiar, que serve para a subsistência familiar.

Como foi dito em parágrafos anteriores, as escolas funcionam como unidades de ensino particular, onde cada um dos pais devem subsidiar a formação educacional dos filhos, e, como afirmado anteriormente, as famílias possuem em média de 8 a 10 filhos. Daí podemos concluir que, mesmo a família vivendo de renda familiar, deve possuir condições para custear a formação das suas crianças, e vale ressaltar que o índice de anal-

fabetismo na colônia é zero. Todos sabem ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas.

Toda a renda capitalizada é colocada nos bancos da cidade de Curuguaty e como pudemos nos informar, os gerentes bancários tem grande apreço pelos menonitas por serem grandes depositários de vultosos volumes. Afinal, vale lembrar que os Menonitas da colônia Nova Durango produzem 80.000 litros de leite por dia, possuem 8.300 vacas da raça holandesa. Todo essa matéria prima é negociada com três multinacionais, e o preço do litro de leite é cerca de R\$ 0,50. Eles também negociam cerca de 2.000 cabeças de gado de corte anual. A colônia é uma exemplo de imigrantes que são esforçados no departamento de Canindeyú (<http://www.abc.com.py> acessado em 03/06/2015 as 13:45h). Estes menonitas já plantaram, desde 1979, duas outras colônias, ou seja, patrocinaram o início de duas colônias, e já compraram mais uma gleba de 11 mil hectares no Chaco paraguaio, para uma nova colônia, uma vez que em Nova Durango as famílias estão crescendo e logo será necessário o início das atividades em novo espaço territorial.

Portanto, encontramos uma colônia resistindo à assimilação de uma identidade religiosa e em seu legado histórico, ou seja, a consciência sobre história de quem eles são e como devem viver para darem continuidade a essa herança cultural que os faz ser menonitas em qualquer locus onde estão plasmados, seja ainda na Europa, no Canadá, nos EUA ou nos países vizinhos da America do Sul. Mas não ficam devendo nada para outros produtores e pecuaristas instalados no Paraguai, onde nos negócios são respeitados e admirados (ver anexo nº 015 Traços da modernidade)

Igreja e Estado

Pela lei que concede privilégios a qualquer entidade religiosa que queira se estabelecer no país, o Estado não intervém nos negócios das colônias, apenas fiscaliza os Impostos devido a ele, fator muito bem cumpri-

do pelos menonitas; além de que eles oferecem empregos a um número significativo de nativos. O Estado reconhece a sua função para com todos os cidadãos que estão em seu território e, entre os menonitas, a realidade é de independência plena dos serviços sociais oferecido pelo governo. Por conta própria, eles mantêm uma espécie de hospital particular com uma enfermeira paraguaia, que lhes presta serviço e é paga pela colônia. Reafirmo o que o Bispo Juan Wall já havia dito: que todos os impostos exigidos pelo governo são pagos fielmente e que o governo não está preocupado com eles, pois são ordeiros, trabalhadores, honestos e, portanto, confiáveis. Lembra, ainda, que todos os partos das mulheres menonitas são naturais, que todas as crianças são amamentadas no peito (leito materno) e a enfermeira mantida na colônia cumpre a função da imunização das crianças, que é obrigatório e eles compreende como necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nunca me interessou uma ideia que não resista a muitos anos de abandono” (Gabriel Garcia Márquez).

Esta pesquisa partiu da compreensão de que os Menonitas da Colônia de Nova Durango, na cidade paraguaia de Curuguaty, são um grupo etnorreligioso, tendo sua premissa básica subsídios na teorização antropológica de Barth (1998) sobre grupos étnicos, que considera tais grupos do ponto de vista da dicotomização, isto é, da atribuição de categorias onde aparecem o “nós” e o “eles”.

Os anabatistas, a partir dos séculos XVI em diante, foram se arranjando e começaram a compartilhar valores fundamentais, desenvolvendo uma patente unidade nas formas culturais e, mesmo possuindo uma gama de idiomas e dialetos que os tornavam diferentes um dos outros, alcançaram o status de unidade em torno de uma crença e começaram compartilhar tais valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nessas formas (Barth, 1998); e ainda nas primeiras décadas alcançaram o status de Menonitas.

A pergunta à que esta dissertação procurou resposta quer compreender como se explica a persistência étnica e religiosa desses menonitas, depois de tanto tempo plasmado entre as nações que os acolheram, algumas delas muitas vezes impuseram exigências que os levassem a transgredir suas crenças e, mesmo sob tais ameaças, continuaram sendo resilientes e ainda mantêm a herança recebida de seus primeiros pais.

A colônia Nova Durango vista de longe é um espaço geográfico extenso, que abarca o ontem e o hoje em sua paisagem, revelando traços arquitetônicos de uma Europa rural do século XVII e XVIII, casas e pessoas congeladas no ontem e algumas manifestações tecnológicas do século XXI em completa harmonia. O homem da cidade, que avizinha a colônia, é um completo desconhecedor de todo o espírito que sazona nas almas e nos

corações dos menonitas residentes na colônia, e entende que o grupo não lhes pertence.

Nesta colônia existem muitas ligações com o passado não apenas em uma contínua tentativa de replicações de atos ocorridos que são representados na vida diária. Muito mais do que um passado imaginado, é um passado muito presente entre eles, e disso nasce a pergunta sobre a possibilidade de, olhando para a colônia Menonita de Curuguaty, “enxergar” as Colônias onde Menno pregava sua mensagem? Obviamente, levando em conta fatores como tempo e geografia, nem mesmo aqueles que ainda estão na Europa continuam os mesmos.

Quais são as fronteiras que os grupos étnicos precisam manter e como elas são percebidas? Quando os grupos étnicos perdem a noção da existência dessas fronteiras, perdem a sua identidade. No já citado ensaio de Fredrik Barth, *Grupos Étnicos e suas Fronteiras* (1998), os grupos étnicos persistem por causa da ideia básica, isto é, como eles ainda se veem diante dos outros. Esta é a fronteira. Noutras palavras, é nesta visão sobre si mesmo que está embutida a persistência étnica e religiosa do menonitas da colônia, e não necessariamente naquilo que eles possuem em termos de acesso a modernidade ou não, e, quanto a isso, sendo protestantes estão alinhando a ela (FERREIRA, 2008).

Se a indagação é em que exatamente constitui a possibilidade de qualquer que seja o grupo persistir em sua identidade étnica, a resposta não estará necessariamente no fio que entrelaça aqueles menonitas do século XVI em diante com os menonitas do século XXI, em outro continente cerca de 500 anos depois, mas na manutenção do “eu diante do outro”. No entanto, qual é a base material para que eles possam continuar se percebendo diante dos outros?

Existem, como apontado nos capítulos desta pesquisa, três fatores que constituíram as colônias em seu nascedouro: família, escola e religião. Essa tríade tem sido sustentada culturalmente e pela língua alemã, que,

por sua vez, os faz continuar sendo uma extensão da nação de onde emergiram. Esta é a herança e os menonitas desta colônia são os herdeiros. É lógico que Juan Wall, como porta voz do Conselho, na ocasião não negou que os demais Menonitas espalhados em outras regiões sejam também herdeiros, com uma nota explicativa, estão como o filho pródigo, alienados da origem. Qual foi a base material que usou para afirmar isso?

Consideramos duas possibilidades: 1) a pergunta, cuja mesma levou em conta as informações de que existem colônias de menonitas onde é permitido o uso das últimas novidades tecnológicas e do estudo superior em universidades, na ocupação de cargos eletivos da política nacional do Paraguai, do matrimônio com os nativos, etc, e 2) a própria experiência do bispo e seu contato com as demais lideranças devido os encontro da Associação do Menonitas do Paraguai, onde ele é atualizado da realidade das Colônias como um todo, ademais.

Este último fator, e obviamente nada além dele, faz com que a liderança da Colônia de Nova Durango desenvolva sua “predica” de maneira que procura aumentar o perímetro protetor, com a argumentação de que o evangelho garante que estar desligado da igreja é estar desligado de Cristo. Em outras palavras, se alinhar com o “outro” e tomar a forma dele é o mesmo que se desalinhar da Cabeça da Igreja (Cristo). Entende-se por igreja, nesse caso, a colônia em que eles vivem.

Em Nova Durango a opção pelo alinhamento com o “outro” constitui base para as disciplinas, que é o mesmo que o isolamento religioso e social, que significa a perda da comunhão com a igreja e a perda do crédito na cooperativa. Neste caso, vale ressaltar que a Cooperativa é uma espécie de mão invisível do mercado, onde, conforme a lógica de Adam Smith (1723-1760), faz-se uma coisa e acaba promovendo outra “geralmente, na realidade, ele não tenciona promover o interesse público nem

sabe até que ponto o está promovendo” (SMITH, 1996, p. 438). Portanto, o faltoso se torna uma *persona non grata*.⁷⁵

Em resumo, os menonitas desta colônia se comportam diante de perguntas relacionadas à presença de traços da modernidade no interior da vida diária, se estas manifestações não contaminam a originalidade de suas prédicas e quais seriam essas manifestações? O uso de energia elétrica nas residências e para o funcionamento de equipamentos laticínios, a aquisição de equipamentos agrícolas: tratores, colheitadeiras, entre outros. A própria cooperativa com equipamentos modernos e adequados às exigências das multinacionais que compram seus produtos, e, por fim, o uso de Bancos para depositarem toda a movimentação financeira gerada por seus produtos. Neste sentido e sendo assim, vale ressaltar aquilo que Poutignat & Streiff-Fenart (1998, p.156-157) afirmam que a manutenção das fronteiras entre os grupos étnicos não depende da permanência de suas culturas. Dando voz à essa premissa, significa que “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distintivo” (p.156).

O Conselho, na pessoa do seu porta voz Juan Wall, afirmou categoricamente que existe uma sabedoria dada por Deus à eles, para não verem contradições em usar as novas tecnologia rural, pois, se serve para facilitar a vida dos Seus filhos, não há pecado em utilizá-los. Mas sobre o uso da tecnologia da informação: internet, tv, radio, celular, etc, quanto a isso a resposta foi que esse é o lado mal da modernidade, pois o uso de tais tecnologias contamina a mente e adocece o coração, destruindo o convívio da família e atraindo muitos males. Sobre as crianças aprenderem as ciências sociais e ademais disciplinas nas escolas, a resposta foi que não havia necessidade, pois tudo o que eles precisam para serem felizes aprendem com o padrão atual das escolas, ou seja, o conteúdo da Bíblia é suficiente.

⁷⁵ *Persona non grata* é uma expressão latina, cujo significado literal é "pessoa não agradável", "não querida" ou "não bem-vinda".

E finalmente Juan Wall reafirmou que a lei 514 concede a eles liberdade para serem alemães menonitas e, em contra partida, são honrados, e que o Paraguai é abençoado com a presença deles, uma vez que todos os impostos exigidos estão em dia e não geram problemas ao país. “Que os paraguaios continuem sendo o que são e nós o que somos”. Eis aí a dicotomização barthiniana do “eu” diante do “eles”. Eis aí a persistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUETTE, Patrick. **Las Causas De La Migración De Los Menonitas Por El Mundo, Canadá Y México**: “Resultó Su Movilidad Un Éxito O Un Fracaso”? Osorno (Chile): Revista Lider Vol. 25. 2014

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**: “quatro milênio de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo”. Companhia das Letras, 1994.

ASLAN, Reza **Revista Época**, Edição 809 de 25 de novembro de 2013, p. 52-54, entrevista com historiador iraniano.

AVERSA, Mario Aparecido. **Ratio Studiorum**: “método de ensino dos jesuítas”. 6º Congresso de Pós Graduação: UNIMEP, 2008

BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. São Paulo: UNESP, 1998.

BARTH, F. **O Guru Iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000

BERGER, Peter L & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1976

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Aste, 2001.

BIBLIA SAGRADA. Ed. Revista e Atualizada no Brasil. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BITUM, Ricardo. **Mochileiros da Fé**. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

BOFF, Leonardo. **A Fé na Periferia da Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1986

BORNHOLDT, Suzana R. Coutinho. **Proclamadores do Reino de Deus**: “a missão e os testemunhas de Jeová”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2004

BOSCH, David. J. **Missão Transformadora**: “Mudanças de Paradigmas na Teologia de Missão”. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

BRUEGGEMANN, Walter. **A Imaginação profética**. São Paulo: Paulinas, 1983.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: “estratégias para entrar e sair da modernidade”. São Paulo: Edusp, 2011

CAVALLI-SFORZA, Luca. **Quem Somos?** “história da diversidade humana”. São Paulo: Editora Unesp, 2002

CHANG, Ha-Joon. **23 Coisas Que Não Nos Contaram Sobre O Capitalismo**. São Paulo: Coutrix, 2010

COHN, Gabriel. **Max Weber**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CONSTITUCIÓN DE LA REPUBLICA DE PARAGUAY, 1992 Last Updated/Última Actualización: January, 17, 2002 - disponível: www.oas.org/Juridico/mla/sp/pry/sp_pry-int-text-const.pdf | acessado em 10.06.2015 as 10H29M.

COSTA. Hermisten Maia Pereira. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

COSTA. Hermisten Maia Pereira. **Eu Creio**: “no Pai, no Filho e no Espírito Santo”. São José dos Campos: Fiel, 2014

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VILLAR, Diego. **Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth**. Argentina: CONICET, 2004

DICK, Cornelius J. **Uma Introdução à História Menonita**. Campinas: Cristã Unida, 1992.

DICKENS, Charles. **O Conto das Duas Cidades**. São Paulo: Nova Cultural, 2011

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, V. A. **Protestantismo e Modernidade no Brasil**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FIORIN, José Luiz. **A construção da identidade nacional brasileira**. São Paulo: Bakhtiniana, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009

FOETSCH, Alcimara Aparecida. **Refletindo sobre as identidades culturais, a “raça” e a etnicidade**. Revista Espaço Acadêmico. Nº 69 Ano VI, 2007

FROMM, Erich e Michael Maccoby. **Caráter Social de uma Aldeia**: “um estudo sociopsicanalítico”. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GIANOTTEN Vera e TON de Wit. **Investigación participativa en un contexto de economía campesina** Investigación participativa en América latina. CENAPRO. México, 1988.

GLEISER, Marcelo. **A Dança do Universo**: “dos mitos de criação ao big-bang”. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo**: “A Era dos Gigantes”, Volume 2. São Paulo: Vida Novas, 1978.

GOTTWALD, Norman K. **As Tribos de Iahweh**: “uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C”. São Paulo: Paulinas, 1986.

GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HALL, Christopher A. **Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja**. 2ª Ed. Viçosa: Ultimato, 2007.

HANSEN, Lawrence Douglas Taylor. **Las Migraciones Menonitas al Norte de México Entre 1922 y 1940**. MIGRACIONES INTERNACIONALES, VOL. 3, NÚM. 1, ENERO-JUNIO DE 2005.

HAWTHORNE, Nathaniel . **A Letra Escarlate**. São Paulo: Editora: Penguin Companhia, 2011.

HEISEY, D. Eugenio. **Muito Além do Protestantismo**. Boituva: Literatura Monte Sião, 2014.

JACKSON, Dave e Neta. **Incendiados por Cristo**: “histórias de cristãos que sacrificaram as suas próprias vidas em defesa da fé”. Boituva: Literatura Monte Sião, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Aste, 2002,

LUVIZOTTO, Caroline Klaus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MASK, Wilson. **Bíblia e Arado**: “Os menonitas e a construção do seu reino”. PUC-PR, 1999/dissertação de mestrado.

MASK, Wilson. **Entre a Suástica e a Cruz**: “a fé menonita e tentação totalitária 1933-1945”. PUC-PR, 2004/Tese de doutorado.

MARKUS, Robert A. **O fim do Cristianismo Antigo**. São Paulo: Paulos, 1997.

WEBER, Max. **Economia E Sociedade**: “Fundamentos da sociologia compreensiva”. Volume 2. Brasília: UNB, 2009

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira Editora, 1967

WILLEMS, Emílio. **Antropologia Social**. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1966

MCGRATH, Aliester E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MESTERS, Carlos. **Paraíso Terrestre**: “saudade ou esperança”. Petrópolis: Vozes, 1991

MILTON, John. **O Paraíso Perdido**. Versão: eBooksBrasil. 2006

MONDIN, Batista. **O Homen o que é?** “Elementos de antropologia Filosófica”. São Paulo: Paulinas, 1980

MUIRHEAD, H. H. **O Cristianismo Através dos Séculos**. Vol III, 3ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1952.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Caminhos da Identidade**: “ensaios sobre a etnicidade e multiculturalismo”. São Paulo: Unesp; 2006

OLIVEIRA, Roberto Cardoso; BAINES, Stephen G. (Org.). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora UnB, 2005. 278 p. (Coleção Américas, Coordenação Ana Maria Fernandes). Horizonte antropológico. vol.13 nº. 27 Porto Alegre: 2007 (**Resenha**)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre**: “o processo de assimilação dos Terena”. 2 ed. Revisada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2000

PEREIRA, João Baptista Borges. **Italianos no Mundo Rural Paulista**. São Paulo: Pioneira, 1974.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIAGET, Jean. **Como se desarrolla la mente del niño**. Paris : UNICEF, 1975.

PIXLEY, Jeorge. **A História de Israel a Partir dos Pobres**. Petrópolis: Vozes, 1991

PONDÉ, Luiz Felipe. **A Era do Ressentimento**: “uma agenda contemporânea”. São Paulo: Leya, 2014

PONDÉ, Luiz Felipe. **Religião Sustentável**. Folha de São Paulo: Ilustrada, 26/09/2011

POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: “A formação e o sentido do Brasil”. 12ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAND, Shlomo. **A Invenção do Povo Judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011

SALVADOR, José Gonçalves. **O Catolicismo Romano**: “um simpósio protestante”. São Paulo: ASTE, 1962.

SILVA, Renato de Oliveira. **A Influência da Missão Integral na Prática Pastoral das Igrejas Menonitas de São Paulo nos anos de 2000-2010**. UESP, 2010 /Tese de dissertação de mestrado.

SIEMENS, Udo. **Quem Somos 1930-2010?** “a saga dos menonitas rompendo a barreira cultural”. Curitiba: Editora Esperança, 2010

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: “investigação sobre a sua natureza e suas causas”. Vol I. São Paulo: Nova Cultura, 1996

SMITH, Anthony D. **The Ethnic Revival**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981

SOBRINHO, Manoel Peres. **Educação Cristã**. Londrina: Abreu, 2009

SOLER, Magister Lorena (Coord). **Dossier Paraguay**. Buenos Aires, 2010

SOUZA, Jaqueline. **A Primeira Igreja Protestante do Brasil**: “A igreja reformada Portuguesa [1625-1692]”. São Paulo: Mackenzie, 2013

- STAKER, Joseph Peter. **Amish Mennonites**: “in Tazewell County, Illinois”. 2015 (disponível em <https://www.tcghs.org/AmishPart1.pdf>|acessado em 15/10/2016 as 06h27m)
- STOLL, Joseph. **Fogo nas Colinas de Zurique**. Boituva: Literatura Monte Sião, 2011.
- STOLL, Joseph. **Não vim Trazes a Paz**. Boituva: Literatura Monte Sião, 2009.
- TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- TIMASHEFF, N. **Teoria Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965
- TOFLER, Alvin. **A terceira Onda**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- TOLSTOY, Leon. **O Reino de Deus Está em Vós**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994
- TORRACA, Mirta Mabel Escovar. **Imigração e Colonização Menonita no Processo de Legitimação do Chaco Paraguai (1921-1935)**. UFGD Dourados. 2006/Tese de dissertação de mestrado
- TRIOLA, Mario F. **Introdução à Estatística**, 9a. Edição. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2005
- WIRTH, Louis. **Urbanism as a Way of Life**. The American Journal of Sociology, Vol. 44, No. 1, (Jul., 1938), pp. 1-24 Published by: The University of Chicago Press Stable
- WEBER, Max. **Economia E Sociedade**: “Fundamentos da sociologia compreensiva”. 2009
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira Editora, 1967
- WELK, Rudolf Plett. **Presencia Menonita en el Paraguay**: “origen, doctrina, estructura y funcionamiento”. Asunción: Instituto Bíblico Asunción, 1979.
- VALENTE, Giani. **Francisco**: “o papa do fim do mundo”. São Paulo: Geção, 2015
- VOEGELIN, Eric. **A Nova Política da Ciência**. 2ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982
- VOEGELIN, Eric. **Ordem e História**. Vol. I: “Israel e a Revelação”. Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2014.
- VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. Vol I. São Paulo: Aste, 1986

FONTES BIBLIOGRÁFICAS ELETRÔNICAS

1. <http://www.abc.com.py> acessado em 03/06/2015 as 13:45h
2. <http://www.mackenzie.br/7010.html> acessado em 25/10/2016 as 11:15h)
3. <http://www.mackenzie.br/6962.html> (acessado em 20/10/2016 as 13H41M),
4. <http://www.maternoamoreterno.blogspot.com.br/2016/09/colunista-lilian-cristine-ribeiro.html> (acessado em 29/10/2016 as 21:53h)
5. http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_augsburgo.htm (acessado em 28/11/2016)
6. <http://www.cristianismoprimitivo.com>
7. <http://www.oblatasassunção.wordpress.com>
8. www.google.com.br/maps/@-24.2872638,-55.8038465,5550m/data=!3m1!1e3
9. <https://www.google.com.br/search?q=tradutor&oq=tr&aqs=chrome.0.69i59j69i57j69i60l4.609j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

ANEXOS**PREÂMBULO DA LEI Nº 514**

REPÚBLICA DEL PARAGUAY

COLONIZACIÓN MENNONITA

Derechos, privilegios y concesiones a los miembros de la comunidad mennonita y a los de cualquier otra comunidad religiosa de procedencia americana o europea, que vengan a establecerse en el Chaco Paraguayo — Otras informaciones.

ANOTACIONES RECOPIADAS

Por

Genaro Romero

Presidente del Departamento de Tierras y Colonias



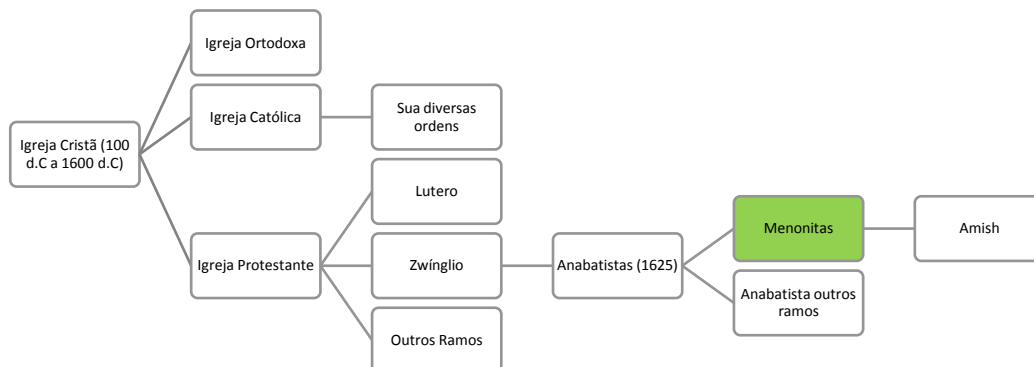
ASUNCION
Imprenta Nacional
1933

Anexo nº 001 – Preâmbulo da nº 514 de 1933 – extraído da (TORRACA, 2006)

Esta lei amplia os direitos não só dos menonitas, mas de qualquer entidade religiosa que queira se estabelecer no território paraguaio.

ORGANOGRAMA

Distanciamento do movimento Menonita dos primeiros protestantes.



Anexo nº 002 Distanciamento do grupo de Menonitas da Reforma em seguida os Amish⁷⁶

Estrutura administrativa da Colônia Nova Durango

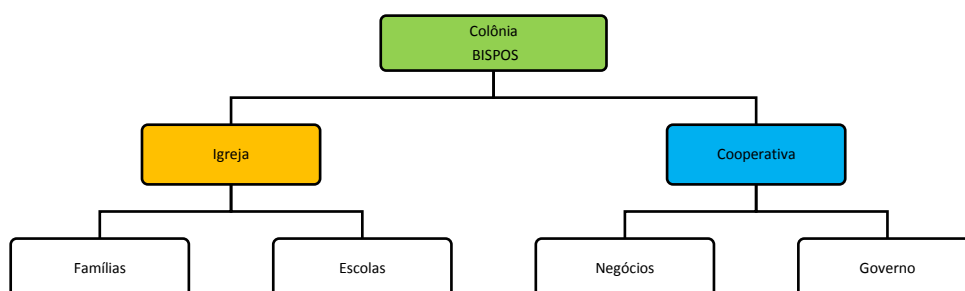
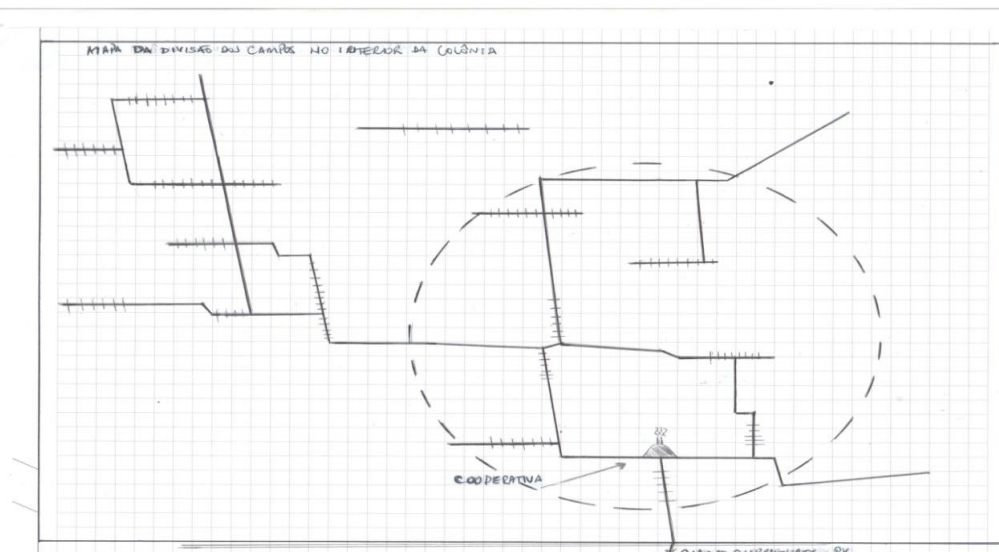


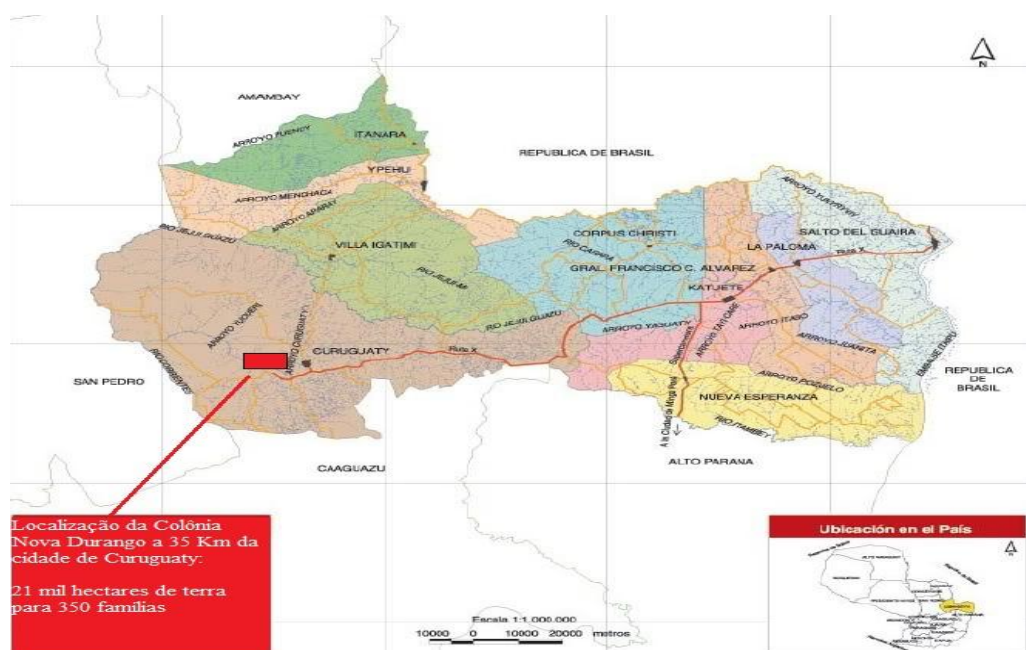
Figura nº 003 organograma |montado após os dados fornecidos pelo Conselho de Bispos

⁷⁶ Este organograma foi apresentado ao Conselho na tentativa de perguntar: como eles se veem diante do distanciamento ao longo da história da Igreja Reformada? O Conselho expos a sua compreensão de como os Menonitas de fato são e ainda estão. Isto é são a legítima Igreja Cristã restaurada. Desse modo o organograma deve apresentar os Menonitas no mesmo nível da Igreja Apostólica.

MAPAS



O presente mapa foi criação minha a partir da presença no campo e acesso do www.google.com.br/maps/@-24.2872638,-55.8038465,5550m/data=!3m1!1e3 É importante ressaltar que não consegui acesso ao mapa original, mesmo tendo solicitado ao Conselho de Bispos e Pastores. O Circulo estabelecer a área em que a pesquisa aconteceu, não custa lembrar que os campos são distantes uns dos outros, a média entre a distancia é de 4 km.

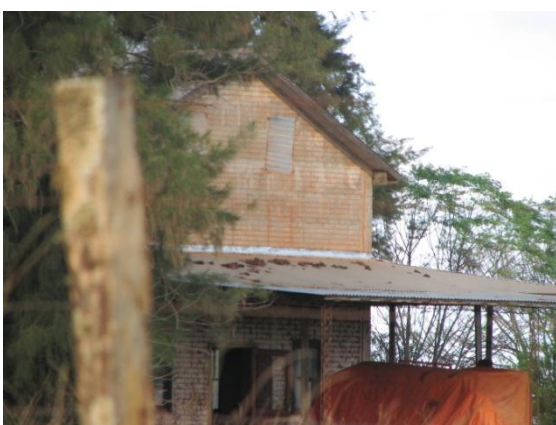


Anexo 004 - A colônia Nova Durango, localizada no Departamento (Estado) de Canindeyu, no município de Curuguaty La capital es la ciudad de Salto del Guairá. Que em 2002 tinha uma população de 35.055 habitantes. Legenda na cor vermelha à esquerda e a localização na mesma cor da Colônia foram criadas por mim.

FOTOGRAFIAS



Foto nº 006 | Acervo pessoal/julho de 2015 – Entrevista com o Conselho – no segundo plano da esquerda Eu e ao meu lado meu guia Cristian e da direita para esquerda, o terceiro é o Bispo Juan Wall o Decano da Colônia.



Anexo nº 007 | Acervo pessoal/julho de 2015 – Modelos de residências



Foto nº 008 | Acervo pessoal/julho de 2015 – Família Menonita– A direita família do professor Cornelius Jünter e a esquerda do Pastor Giacomo Wall



Foto nº 009 | Acervo pessoal/julho de 2015 Meio de transporte na colônia



Foto nº 010 | Acervo pessoal/julho de 2015: crianças menonitas em sala de aula, acima a esquerda o professor Fredreich Wall e direita o professor Cornelius Hünter





Foto nº 011 | Acervo pessoal/julho de 2015 - crianças menonitas na hora do recreio, acima o professor Cornelius Hünter e seus alunos e abaixo alunos do professor Fredreich Wall.





Foto nº 012| Acervo pessoal/julho de 2015: crianças menonitas com suas roupas diárias.



Foto nº 013| Acervo pessoal/julho de 1996 – à esquerda a Primeira Igreja construída na colônia em 1979, atualmente funciona a escola do professor Fredreich Wall. A Direita, escola construída em alvenaria, mais moderna, mantendo o mesmo modelo, escola do professor Cornelius Jünter.





Foto nº 014| Acervo pessoal/julho de 2015: um dos cemitérios – observa-se as condições de preservação do mesmo.



Foto nº 015| Acervo pessoal/julho de 2015 1) Mercado, 2 Cooperativa, 3) Trator e 4) Colheitadeira